

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

DO ANÁTEMA AO ACOLHIMENTO PASTORAL

**Da Condenação e Exclusão Eclesial do Padre Cícero
do Juazeiro à sua Reabilitação Histórica**

MANOEL HENRIQUE DE MELO SANTANA

RECIFE/2007

MANOEL HENRIQUE DE MELO SANTANA

DO ANÁTEMA AO ACOLHIMENTO PASTORAL

**Da condenação e exclusão eclesial do Padre Cícero do
Juazeiro à sua Reabilitação Histórica**

Trabalho apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Ciências da
Religião pela Universidade Católica de
Pernambuco.

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Ferdinand Azevedo

RECIFE/2007

S232d

Santana, Manoel Henrique de Melo

Do anátema ao acolhimento pastoral : da condenação e exclusão eclesial do Padre Cícero do Juazeiro à sua reabilitação histórica / Manoel Henrique de Melo Santana ; orientador Ferdinand Azevedo, 2007.

92 f : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Ciências da Religião, 2007.

1. Cícero, Padre, 1844-1934. 2. Peregrinos e peregrinações-Ceará. 3. Religião. I. Título.

CDU 248.153.8

MANOEL HENRIQUE DE MELO SANTANA

DO ANÁTEMA AO ACOLHIMENTO PASTORAL
Da Condenação e Exclusão Eclesial do Padre Cícero do Juazeiro
à sua Reabilitação Histórica

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma Comissão Examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ferdinaand Azevedo (UNICAP)

1º Examinador (Orientador)

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral (UNICAP)

2º Examinador

Prof. Dr. Virgínia Maria Almoêdo de Assis (UFPE)

3º Examinador

RECIFE / 2007

DEDICATÓRIA

À memória do grande Vigário do Nordeste, Padre Francisco Murilo de Sá Barreto, que sempre me acolheu como a um romeiro iniciante e que me ensinou a amar os romeiros do Padrinho Padre Cícero do Juazeiro.

AGRADECIMENTOS

Aos queridos mestres da UNICAP, no Curso de Ciências da Religião, que fundamentaram cientificamente novos horizontes para a religião em tempo de pluralidade.

Ao meu querido orientador Pe Ferdinand Azevedo, que, em hora oportuna, me fez encontrar nos romeiros do Juazeiro, verdadeiro protagonista de minha dissertação.

Aos queridos colaboradores da digitação desta minha dissertação, que me acompanharam até o final desta gestação, oferecendo não somente sua competência, mas que também souberam tratar-me com muito carinho em suas casas durante muitas horas e noites de vigília.

Ao querido irmão sacerdote, Padre José Edwaldo Gomes e à sua Paróquia da Casa Forte, por me ter feito membro de sua família paroquial, durante todo este tempo de preparação para o meu Mestrado.

A Fundação Porticus e todos os seus membros no Brasil, pela participação efetiva em meu projeto de Mestrado.

A todos aqueles que, ao tomarem conhecimento do assunto de minha dissertação sobre o Padre Cícero do Juazeiro, logo se irmanaram no mesmo interesse e causa.

RESUMO

Esta dissertação trata da História do Padre Cícero, que viveu entre 1844 e 1934 no Ceará. Juazeiro foi o lugarejo para onde foi como Padre, permanecendo aí até a sua morte. Apesar de ter construído a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores nunca foi seu vigário. Sua presença teria sido a de um pastor dedicado ao rebanho, justamente naquilo que a Igreja lhe pedia, não fosse o “Milagre” da hóstia ensangüentada na boca da beata Maria de Araújo. Este fato haveria de transtornar a vida de Padre Cícero e em conseqüência disso transformou Juazeiro na Cidade Santa, que atrai multidões de Romeiros vindos de toda parte. Padre Cícero viu-se então envolvido em muitos conflitos. Sempre alvo de muitas incompreensões, foi tido como anátema pela Igreja. Na prática, foi “excomungado”, apesar de não ter tomado conhecimento do documento de excomunhão chegado para ele. Defendido e condenado ao mesmo tempo por muitos, foram, no entanto, os romeiros que sustentaram essa história de Padre Cícero e do Juazeiro com muita fidelidade e resistência pacífica. O desejo de reabilitação histórica, pastoral e eclesial cresceu dentro da própria Igreja Católica. De forma oficial, a pedido do Vaticano e coordenado pelo seu Bispo diocesano, Dom Fernando Panico, abre-se o processo de reabilitação histórica de Padre Cícero. Buscar as razões que proporcionaram a mudança do “anátema ao acolhimento pastoral” foi o grande objetivo de nossa pesquisa.

Palavras-chave: Religião, Nordeste, Romeiros.

ABSTRACT

This dissertation treats of Father Cícero's History, who lived between 1844 and 1934, in Ceará. Juazeiro was the village where he was a Priest, staying there until his your death. He built the church of Our Lady of the Pains, without, however, being the pastor. His presence would have been the one of a shepherd dedicated to the flock, exactly what the Church asked him, don't root the "Miracle" of the Host bloody in the bigot's mouth of the pious Maria de Araújo. This fact would transform Father Cicero's life and subsequently make Juazeiro, into the Holly City, that attracts crowds of Pilgrims, who came from everywhere. Father Cícero saw himself, then, involved in many conflicts. Always misunderstood he was seen as a curse by the Church. In practice, he was "excommunicated ", however, he was not aware of any formal excommunication. Simultaneously protected and condemned by many, it was the pilgrims however, who sustained the favoravle reputation of Father Cícero and Juazeiro, by fidelity and peaceful resistance. The desire of historical rehabilitation, both pastoral and ecclesiastical grew inside the Catholic Church. In an official way, the Vatican's request, coordinated by the diocesan Bishop, Dom Fernando Panico, started the process of historical rehabilitation of Father Cícero. Looking for the reasons that reasons that motivated the change of the "curse into the pastoral reception", was the major objective of our research.

Key words: Religion, Northeast, Pilgrims

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 01	-	Padre Cícero Romão Batista (1844-1934).....	20
FOTO 02	-	“Mestre José”, líder dos Ave de Jesus. Inspirado por Padre Cícero, migrou para a “Terra da Mãe de Deus”, onde viveu com seus seguidores em voto de pobreza e de castidade à espera de uma profecia que não se cumpriu, a do final dos tempos.....	30
FOTO 03	-	Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião).....	33
FOTO 04	-	Cartaz distribuído no Sertão pelo governo da Bahia, em agosto de 1930. Os 50 contos de réis dariam para comprar doze automóveis novos.....	34
FOTO 05	-	Os antigos “paus-de-arara” são substituídos pelos ônibus.....	47
FOTO 06	-	Os Romeiros na Matriz das Dores com seu chapéu de palha, no adeus da romaria.....	49
FOTO 07	-	Celebração de despedida da festa de Nossa Senhora das Dores.....	50
FOTO 08	-	Os penitentes na Igreja de Barbalha, Ceará, em 2004.....	54
FOTO 09	-	Dom Fernando Panico protocolando, na SECRETARIA DA CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, toda a documentação que requer a Reabilitação do Padre Cícero Romão Batista.....	76

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO.....	20
CAPÍTULO II - OS ROMEIROS DE JUAZEIRO	26
CAPÍTULO III - A POLÍTICA NOS PLANOS DE PADRE CÍCERO	58
CAPÍTULO IV - UM HOMEM À ESPERA DA RECONCILIAÇÃO	65
CAPÍTULO V - DO ANÁTEMA À REABILITAÇÃO HISTÓRICA	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

O Juazeiro do Padre Cícero tem sido um assunto muito vivo para as mais diversas áreas de pesquisa. Ultimamente, os estudiosos de Ciências da Religião também entraram nesta área, revolvendo a terra que esconde a história de maior repercussão religiosa do Nordeste.

Muitas águas já rolaram neste caudaloso rio de caráter popular. Um homem, tornado “o homem do século”, uma terra, um “milagre” e o grande contingente de romeiros transformaram o Ceará num cenário de conflitos e de esperanças ao mesmo tempo. Mircea Eliade estará presente nesse estudo acompanhando a descrição e os depoimentos sobre o fenômeno religioso. Somente assim poder-se-ia compreender a vivência e o comportamento dos romeiros. O objetivo é maior do que a intenção de apenas ver os acontecimentos de Juazeiro. Passando por essas páginas, experimentadas com intensidade e nas cores bem fortes e de diferenciados matizes é possível percorrer um caminho marcado com muitos riscos: a chegada aos tempos de paz, quando a Igreja justifica a reabilitação do Padre Cícero. Muito chão já foi percorrido, em meio a muitas opiniões, de defesas e acusações, com prejuízos sentidos em muitas áreas, para então se encontrar a história, tal como ela se fez e como ainda se faz.

Este estudo, por ser um tema pluridimensional, fundamenta-se numa investigação do desenvolvimento dos fenômenos situados no âmbito da religiosidade popular, busca verdadeira de relações com o divino muitas vezes, até marginalizada pelas instituições eclesiais.

Objetiva-se aprofundar, através das ciências específicas, o que se revela e se encontra por trás do fenômeno popular. Constitui-se em abordagem qualitativa, com base histórico-sociológica e religiosa, através de aproximações teológico-antropológicas.

Recursos de depoimentos, observações de fatos e de textos, solidificam tal conhecimento da religiosidade popular, constituída em fecundo espaço de indagações.

É objetivo deste trabalho oferecer razões e fundamentos antropológicos, sociológicos, teológicos e históricos das culturas religiosas de nosso povo. Ora, todo o processo de reabilitação histórica de Padre Cícero é também amparado pelos fundamentos acima relacionados. A meta é chegar à atualidade em que as mudanças aconteceram na

acolhida eclesial e pastoral de Padre Cícero.

A figura histórica do Padre Cícero dominava o cenário religioso e político na então insignificante Juazeiro. Haja vista sua generosa atuação no socorro às multidões de famintos por ocasião das grandes secas. O clima religioso proporcionado pelo Padre Cícero em seus ensinamentos, ensejou a oportunidade de uma trama, atraindo estudiosos das Ciências da Religião. Estava quase pronto o momento de surgirem os fenômenos pesquisados neste trabalho.

O “*Milagre da Hóstia*” foi o ponto significativo que redundou na chamada “*Questão Religiosa do Juazeiro*”. As multidões se transformarão em romeiros e alguns em beatos e beatas. A Igreja do Ceará não estava preparada para vivenciar o fenômeno religioso Padre Cícero do Juazeiro. A cidade do Crato, depois Diocese, em 1916, fez-se participante ativa nas controvérsias e lutas travadas, sobretudo a partir do “Milagre”. Tudo ganhava um volume extraordinário de importância, não somente religiosa, mas também política. O centro de todas as atenções era o Padre Cícero do Juazeiro.

Para entender o fenômeno do Juazeiro usamos o pensamento de Mircea Eliade (1907-1986) que é um conceituado estudioso da história das religiões. Nasceu em Bucarest, Romênia; estudou na Índia nos anos 1928 a 1932, lecionou nos Estados Unidos, no período de 1958 a 1986. Nas suas obras o conceito do “sagrado” é o mais importante.

Para Eliade o “sagrado” é, em si mesmo, parte do profano, mas é recebido pelo “*homo religiosus*” como mediação significativa e expressiva de sua relação com “o divino” (CROATTO, 2001, p. 59). “O comportamento do ser humano religioso é o espelho de sua experiência do sagrado. Tal comportamento manifesta-se em seus símbolos, mitos e ritos [...]”. (CROATTO, 2001, p. 57).

A experiência religiosa é relacional. O acontecimento em Juazeiro tem conexão com o sagrado. A meta final é o fenômeno do transcendente, isto é, Deus. Os elementos subjetivos como a fé, o desejo de salvação, os objetos de que se serve a religiosidade popular, constituem o sagrado. O objeto sagrado está no mundo, está do lado do ser humano (CROATTO, 2001, p.60).

O ser humano, mesmo mergulhado na realidade desafiadora, não se fecha ao absoluto de suas aspirações maiores:

Este *homo religiosus* surge de dentro do contexto da experiência religiosa, quando sobre a vivência humana, feita de necessidades não saciadas, a

instância religiosa aparece como uma experiência salvadora. Qualquer que seja o contexto histórico no qual está imerso, o *'homo religiosus'* acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele e, por isso mesmo, santifica-o e o faz real. (ELIADE, 1995, p. 164).

No Santuário, o homem, periodicamente, se torna contemporâneo dos deuses, na medida em que reatualiza o tempo primordial, em que se realizaram as obras divinas. Tudo o que o homem faz aqui tem um modelo primitivo, trans-humano. Como no tempo cósmico, em sua vida cotidiana, o homem corre o risco de desfigurar ou até esquecer o modelo original. As festas religiosas, periódicas fazem o homem voltar à sacralidade dos modelos.

Rudolf Otto¹ (1869-1937) escreveu “O Sagrado”. Otto utiliza o termo latino “*numen*”, para exprimir a força divina e apresenta quatro momentos: o *numinoso*, o *tremendum*, o *mysterium* e finalmente o Mistério impõe-se como o *fascinans et tremendum*, ao mesmo tempo. E conclui que o Sagrado é constituído por dois elementos contrários, mas não contraditórios: um, racional, outro, irracional. O mérito de Otto foi ter valorizado o fenômeno religioso como tal e não como categoria filosófica. Otto fala do Sagrado como algo objetivo, mas fiel à sua orientação kantiana². (PIAZZA, 1976, p. 83).

A concepção de Eliade quanto ao sagrado tem duas coordenadas muito características: de tempo e de espaço. O tempo sagrado é o tempo criado e santificado pelos deuses da época das suas façanhas (ELIADE, 1995, p. 61). Eliade tem uma preferência pelo campo originário, tratado como “*illud tempus*”, que permite o renascimento do cosmos. Este verdadeiro apelo se traduz também como retorno ao útero materno. O Sagrado e o Profano são dois universos de existência presentes no ser humano. São formas de ser no mundo e no cosmos. (ELIADE, 1995, p. 20). Segundo Eliade, só se pode falar do Sagrado, a partir e em oposição ao Profano. O Profano é o normal do dia-a-dia, enquanto o Sagrado apresenta um significado particular, nada comum, transcendente, absoluto e definitivo. (PIAZZA, 1976, p. 84)

Na história das civilizações antigas, existe entre os homens um conjunto de crenças e práticas, originadas em tempos bastante remotos. Não há datas fixas para esse

¹ Estamos, porém, conscientes das críticas feitas ao sagrado, de Otto, em sua obra “Das Heilige”. Conforme análise destas críticas feita por Frank Usarsky, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sabemos da problemática da noção de sagrado. A crítica, também, de Edmund Husserl, afirmava que “o teólogo Otto levou em suas asas o fenomenólogo Otto embora”. (USARSKY, 2004, p. 90).

² Antes de Eliade, o filósofo Kant foi o primeiro que destacou o fenômeno religioso, embora sob um aspecto meramente ético. Mircea Eliade, porém, é antropólogo e estuda o Sagrado, em confronto com o Profano, isto é em confronto com o mundo cotidiano e corriqueiro.

surgimento, mas sabemos que houve coincidência de tempo entre os homens do Mediterrâneo e entre os habitantes da Índia. O culto aos mortos parece ter sido a crença mais antiga, e os mortos eram tidos como sagrados, venerados e ao mesmo tempo temidos. (ROSENDAHL, 2002, p. 25).

Eliade constata o íntimo do ser humano quando nos revela a presença do sagrado:

Este espaço profano representa para o homem religioso o não-ser absoluto. Se, por desventura, o homem se perde no interior dele, sente-se esvaziado de sua substância ôntica, como se se dissolvesse no caos, e acaba por extinguir-se. (ELIADE, 1995, p. 60).

A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante à “casa dos deuses”. Mesmo o homem não religioso, denominado por Eliade como homem profano, queira ou não, descende do homem religioso, pois é herdeiro de seus símbolos, imagens e mitos. Esse sente a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado. Este espaço, por sua vez, é um campo de forças e de valores que eleva o homem acima de si mesmo. Há no homem uma necessidade de se movimentar num mundo sagrado. O ser humano faz a experiência da limitação apesar de querer o mais – a totalidade. Daí este ser humano ser insaciável, e na busca de superar o finito ele vive a “utopia”. Os dois espaços, sagrado e profano, estão numa relação de ideal e *comum*, de *excepcional* e *cotidiano*. Essa relação é de tal natureza que a passagem de um plano para o outro exige um “sacrifício”. (ELIADE, 1995, p. 61).

Os caminhos que conduzem aos espaços sagrados de Meca, Jerusalém e outros são um caminho árduo de sacrifícios. Efetivamente, um rito de passagem do profano ao sagrado, do ilusório à realidade. A experiência religiosa capacita o homem a distinguir o espaço sagrado do espaço não-sagrado. (ROSENDAHL, 2002, p. 32).

Javé fala e se manifesta ao seu povo do alto das Montanhas. Não se pode chegar muito próximo. O chão desse ambiente é sagrado, "é preciso retirar as sandálias". (ELIADE, 1995, p. 38). Os grandes Santuários religiosos estão localizados nos lugares mais altos da região. Subir até lá significa caminhar em busca de Deus. Tocar os céus é sinal de bênção aqui na Terra. Tudo tem um sentido ritual simbólico. A comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de ritos significantes. Em torno desse eixo cósmico estende-se o “Mundo” (nosso mundo) – logo, o eixo encontra-se “no meio”, no “umbigo da Terra”, isto é, o Centro do Mundo. (BRANDÃO, 1985, p. 184).

Sem o sagrado, o tempo apresenta-se sob aspecto terrífico. Sua duração é precária

e evanescente. Seu limite é a morte, caminho inexorável de todos e de tudo. O início do 3º milênio, começo de século, de novo, nos fez vivenciar o medo, a insegurança. O esquecimento dos referenciais de nossas origens pode levar-nos ao caos original ou, então, acontece o retorno ao sagrado, às apalpadelas, destemperado ou até de forma fanática em algumas seitas apocalípticas.

A dimensão religiosa sempre acompanhou o ser humano. O símbolo é o primeiro elemento da linguagem religiosa:

Linguagem mais difusa e, ao mesmo tempo, a mais densa. Ele exige muita explicação para ser bem compreendido e explorado hermeneuticamente. Toda expressão religiosa é simbólica e não existe sem o símbolo: um dado que abre caminhos e orienta”. (CROATTO, 2001, p. 10).

O símbolo se une ao mito. Custou muito tempo para que o mito fosse devidamente compreendido. “O que o mito disse, o rito “faz”: rito e mito conectaram-se, criando uma retroalimentação mútua”. (CROATTO, 2001, p. 10).

Por outro lado, a era da ciência e da tecnologia também prejudica bastante a fantasia. O método científico tirou a graça da fantasia. Os missionários e os místicos eram canonizados e admirados. Hoje, porém, a fantasia é olhada com desconfiança e os místicos são, para muitos, motivos de riso. A vida, sem o lazer, sem a festa e a fantasia, torna-se enfadonha. O homem é, sem dúvida, um "*homo ludens*". Não há cultura que dispense a festa. O homem é ainda um "*homo phantasia*", visionário, sonhador e criador de mitos. (COX, 1974, p. 16). Segundo Harvey Cox, no seu livro, "A Festa dos Foliões", o autor faz uma crítica que destaca dentro da civilização ocidental. Lutero e Marx enfatizaram o homem como operário, enquanto Tomás de Aquino e René Descartes enalteciam o homem como ser pensante. Com isso, as faculdades celebrativas e imaginativas do homem atrofiaram-se. "Urge aprender de novo a bailar e sonhar", afirma categoricamente o autor. (COX, 1974, p. 17).

A festa nos possibilita tocar as dimensões mais ocultas da nossa própria capacidade de sonhar, para não esbarrarmos com a dureza da realidade. Como espelho, a festa deixa transparecer a densidade maior do ser humano. A festa, ao passo que revela, desvela e fantasia a vida, agora posta a nu como em nenhum outro setor da existência humana. Os ritos e as máscaras escondem-nos para que a vida apareça. Todas as civilizações instituíram festas. A festa tem uma dimensão vertical, imortaliza um acontecimento, celebra a irrupção da eternidade no tempo, e fazendo isto, santifica-o. (DAHLER, 1999, p. 6.).

Esta função transcendente manifesta-se também na horizontalidade: a festa

congrega, cria uma unidade, reforça uma identidade e permite uma tomada de consciência coletiva. Os governos fortes perceberam isto e utilizaram as festas para propaganda e doutrinação.

A festa é essencialmente memória. Ela quer lembrar. Quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer e não devem. A festa não pode ser descartada, sob hipótese alguma, pois, séria e necessária, ela quer apenas brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. Trata-se de uma oferta gratuita e profundamente humana ao próprio ser humano. A dimensão religioso-sagrada da vida é resgatada através da festa. Dança e festa acompanham a evolução da humanidade. Os povos antigos dançavam em suas cerimônias religiosas. A dança sempre foi uma maneira de procurar a experiência do transcendente. Ainda hoje, em muitas religiões, a dança serve para louvar a Deus e para libertar as pessoas da influência de maus espíritos. A emoção da dança, da música, do ritmo e da vida introduzem o homem na esfera da divindade. Paradoxalmente, afirmam os estudiosos do assunto, que no carnaval de rua, onde o povo todo pode brincar e divertir-se, o ser humano vive a experiência religiosa, mesmo sem perceber. (ELIADE, 1995, p. 80).

O profano ascende ao divino por meio de sua sacralização; fica como profano o que não está associado ao divino. O sagrado e o divino distinguem-se do ponto de vista analítico, porém, isso não acontece no plano da consciência. Os pesquisadores atuais não se preocupam em diferenciar sagrado e divino. Ajuda, dentre outras coisas, a não confundir o transcendente, o divino, com os objetos sagrados.

A festa acontece sempre no tempo original. Este contexto festivo, reintegrativo, justifica o comportamento diferente do ser humano durante a festa. O homem acredita viver outro tempo, ao reencontrar o "*illud tempus*" mítico das origens. Na Austrália, ainda encontramos rituais em que se retoma o itinerário dos antepassados, com jejuns, abstenção sexual, deposição de armas, para mergulharem no "tempo do sonho". Numa ilha da Polinésia, as celebrações reproduzem anualmente as "obras dos deuses". Nesse momento festivo, nada de ruído, de jogos, de danças. (ELIADE, 1995, p. 76).

Mircea Eliade estendeu sua reflexão sobre o fenômeno religioso para o judaísmo e para o cristianismo. No judaísmo o tempo tem um começo e terá um fim. A idéia do tempo cíclico é ultrapassada. Javé não se manifesta no tempo cósmico, mas num tempo histórico, que é irreversível. Isso modifica profundamente, pois, o acontecimento histórico ganha uma nova dimensão. Torna-se uma teofania. O Antigo Testamento é testemunha das intervenções de Deus na História, salientando-se a Libertação do Egito. (ELIADE, 1995, p.97).

Já o cristianismo vai mais longe ainda, quando, "na plenitude dos tempos", o Filho de Deus se encarna na História. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus assumiu uma existência humana historicamente condicionada. A Liturgia nos faz voltar ao "*illud tempus*" onde Jesus vivera, agonizara e ressuscitara, não no tempo mítico, mas sob o governo de Pôncio Pilatos. É verdade que o calendário cristão repete indefinidamente os mesmos acontecimentos da existência de Cristo. Celebrando, no aqui e agora, o passado se faz presente e realimenta o compromisso que constrói de novo, uma vez que a encarnação funda uma nova situação do homem no cosmos. A presença do divino na História torna a História lugar e tempo de Deus. Já não é filosofia, mas teologia o que o cristianismo estabelece. (ELIADE, 1995, p. 17).

Em hebraico é o termo "*hag*" que serve para traduzir "festa" e significa "formar um círculo". A festa, no contexto bíblico, sempre proporciona uma reunião comunitária. A comunidade passa, assim, a ser o lugar da festa. A expressão da festa exige reunião, na opinião de Dahler. (1999, p. 7).

As comunidades precisam de reuniões e celebrações comunitárias, diz Comblin (1986, p. 110). Palavras, discursos, estudos ou cursos não formam nem alimentam as comunidades. São as festas que geram as comunidades.

Sobre Otto, diz Eliade que:

O sucesso de seu livro '*Das Heilige*' (1917) deu-se graças, sem dúvida, à novidade e à originalidade da perspectiva adotada pelo autor. Em vez de estudar as idéias de Deus e da religião, Rudolf Otto aplica-se na análise das modalidades das experiências religiosas. (1995, p. 15).

Festividade e fantasia capacitam o homem a relacionar-se com o passado e o futuro. Só o homem tem a capacidade de celebrar. A festa não se volta apenas para o passado ou a fantasia para o futuro. Também, freqüentemente, celebramos eventos do futuro. No entanto a festa está estreitamente relacionada com a memória e a fantasia está mais ligada à esperança. Se a festa definha, completa Cox, fica anêmica a vida de fantasia. (1974, p. 415).

A vivência da festa oportuniza ao homem o encontro com os anseios mais fundados do ser humano. O céu e a terra se unem, e, em mística comunhão, nos devolvem a esperança de paz e felicidade. Sociologicamente, a Romaria e a Festa são eminentemente populares, do jeito do povo, sem a interferência ou dependência direta da autoridade eclesiástica. O controle do padre, no caso, nem sempre é bem-vindo. Antropologicamente é a Festa que os romeiros realizam, uma forma de sonhar e resistir ao cotidiano irreversível, marcado pelas contradições humanas. Religiosamente, o povo se reencontra com seu Deus e

seus santos, que hoje, estão nos céus. Na festa, no lugar sagrado, reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. No resto do tempo, há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é “dada” por aquilo que os modernos chamam de “Natureza”, mas é uma criação dos *Outros*, os deuses ou os seres semidivinos. (ELIADE, 1995, p. 80)

A passagem do *Ano Novo* fortalece a presença da dimensão religiosa presente *no* tempo. A crença existe para o homem primitivo de que anualmente o mundo se renova, reencontra em cada novo ano a santidade original, tal *como* tinha saído das mãos do Criador.

Na Babilônia, numa cerimônia que se desenrolava *nos* últimos dias do ano, era *comum* recitar solenemente o "Poema da Criação", o *Enuma elish*, para se realizar a passagem do caos ao cosmos. (ELIADE, 1995, p. 70).

Entre *os* persas, no *Naurôz* - o Ano Novo, comemorava-se *o* dia em que aconteceu a criação do mundo e do homem. O rei proclamava: "Eis um novo dia, de um novo mês, de um novo ano: é preciso renovar *o* que *o* tempo gastou". O tempo havia desgastado *o* ser humano, a sociedade, *o* cosmo - e este tempo destrutivo era *o* tempo profano, a duração propriamente dita, na expressão de Eliade. (1995, p. 73). Participando simbolicamente do aniquilamento e da recriação do mundo, *o* próprio homem era criado de novo. Assim a cada Ano Novo *o* homem sentia-se mais livre e mais puro, porque se livrara do fardo das suas faltas e dos seus pecados. Simbolicamente, *o* homem retorna à sua originalidade, assistindo à criação do mundo. O homem sente saudades desse tempo original, assim como gostaria de voltar ao ventre materno. (ELIADE, 1995, p. 72).

Sem sair do tempo e da região nordestina, foi elaborada esta dissertação com o cuidado de tomar uma distância necessária, a fim de imprimir um olhar mais objetivo sobre a realidade que se pretende conhecer, percebe-se o fenômeno e seus conflitos e chega-se aos tempos chamados hoje, isto é, “Do anátema ao acolhimento pastoral”. A distância aconteceu historicamente pela própria formação eclesial recebida no Seminário Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de Maceió, quando foi vivenciada a dimensão de anátema para toda a questão do Juazeiro. Da experiência de conhecer pessoalmente os dois lados religiosos dessa questão nasceu o título desta dissertação: “Do anátema ao acolhimento pastoral.”

O que ocorreu neste meio campo, que vai da condenação ao acolhimento, é o nosso objetivo. Nesse mesmo tempo, vamos também conhecer mais de perto o comportamento do clero, representante da religião oficial e os romeiros, fiéis caminheiros da

fé. Suas romarias são uma liturgia humana. Sua participação nesta “Questão Religiosa” será de muita importância. Muito falamos em leigos na Igreja e sua presença é frequentemente abafada pela hierarquia da qual ainda são muito dependentes. Os romeiros, do lado de fora da Instituição, conforme caracterização da Igreja em relação à religiosidade popular e seus adeptos, ofereceram substancial testemunho religioso de resignação e persistência. Apesar da inquietação provocada pelas injustiças detonadas contra Padre Cícero, viviam a paz, situação digna de reflexão e estudo. Convinha responder a essa intrigante questão, diante da figura do Padre Cícero, sofrido, injuriado, sem, porém, deixar de ser um homem de paz e de reconciliação.

Inicialmente, este trabalho aborda a história de Padre Cícero, incluindo Juazeiro, berço e terreno da célebre Questão Religiosa. O primeiro capítulo, porta de entrada, expõe história e mito, ritos e muitos símbolos introdutórios à fenomenologia religiosa, campo das Ciências da Religião, sob a orientação do estudioso Mircea Eliade.

O segundo capítulo nos conduz para o centro da Questão Religiosa, com a presença dos romeiros, verdadeiros protagonistas das histórias de ontem e de hoje. O exemplo de suas romarias, sua movimentação fora e dentro do espaço sagrado do Juazeiro, sua persistência e resistência nos ajudam a compreender o fenômeno religioso do Juazeiro. Este, além de ser o espaço sagrado diferente dos outros, marca também a inserção em um tempo sagrado, que conduz a um clima de festa. O passado, o presente e o futuro mais que nunca estão integrados na mesma realidade humana. O sonho possibilita o salto por sobre a realidade adversa do profano. A necessidade de ultrapassar os limites humanos nos faz mergulhar periodicamente no tempo e no espaço sagrado.

O terceiro capítulo traduz com mais profundidade a vida do povo do Juazeiro e de todos os seus novos habitantes, ao lado de seu Padrinho. A política nunca esteve ausente, mas somente agora, ante os desafios da emancipação de Juazeiro, com a presença nova e influente de Floro Bartolomeu, Padre Cícero aceita entrar na política, mesmo dizendo ser a contragosto. É o período mais caloroso de toda a sua história, depois do fenômeno da “Hóstia”. Juazeiro estava no auge das atenções. A afluência sempre maior de romeiros, vindos de toda parte, enchia de expectativas quase messiânicas todo esse novo espaço.

O quarto capítulo revela a tão esperada reconciliação de Padre Cícero. A Igreja mudando de lado. Padre Cícero tudo fez para ter de volta a paz com sua Igreja, mas não foi possível. A excomunhão chegou para ele, mas seu Bispo Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, a pedido de seu amigo, Dr. Floro Bartolomeu, não a entregou, evitando tão

grande sofrimento para o Padre Cícero. Um longo caminho, em meio a muitas pedras e abismos, foi assumido.

O quinto capítulo interessa-nos sumamente, porque nele estão as razões que devem arrancar Padre Cícero do campo minado das acusações e condenações para ampará-lo num processo de reabilitação histórica. Outros tempos e outros personagens, vivendo outros paradigmas e cuidando agora da pessoa de Padre Cícero.

O último capítulo apresenta as considerações finais. Os grandes personagens são os romeiros. Sabiamente, somando-se a uma paciente e pacífica resignação, eles construíram a verdadeira história do Juazeiro. Fiéis ao seu Padrinho, antes tinham feito um pacto de perseverança com a Igreja de Jesus Cristo, no regaço maternal da Virgem das Dores. Esta fidelidade sustentou a unidade da Igreja, longe de qualquer quebra ou cisma. Continuaram Igreja, mesmo quando seu Padrinho era anatematizado pela hierarquia católica.

I. O JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO

O Sertão do Cariri, no começo do séc. XIX, era habitado pelos primeiros colonizadores, que foram em busca de minérios. Houve conflitos e mortes, enchendo as caatingas de cruzes. E no final de tudo as minas não existiam.

Cícero Romão Batista nasceu no Crato, sul do Ceará, aos pés da verdejante Chapada do Araripe. O vale do Cariri cearense contém fontes, cujas águas descem em cascatas, cantarolando entre seixos, até ao pé da Serra. Nos engenhos de açúcar, a rapadura aparece nas gamelas. As feiras revelam o crescimento comercial da região de forma muito rápida. (BARRETO, 2002, p. 12).

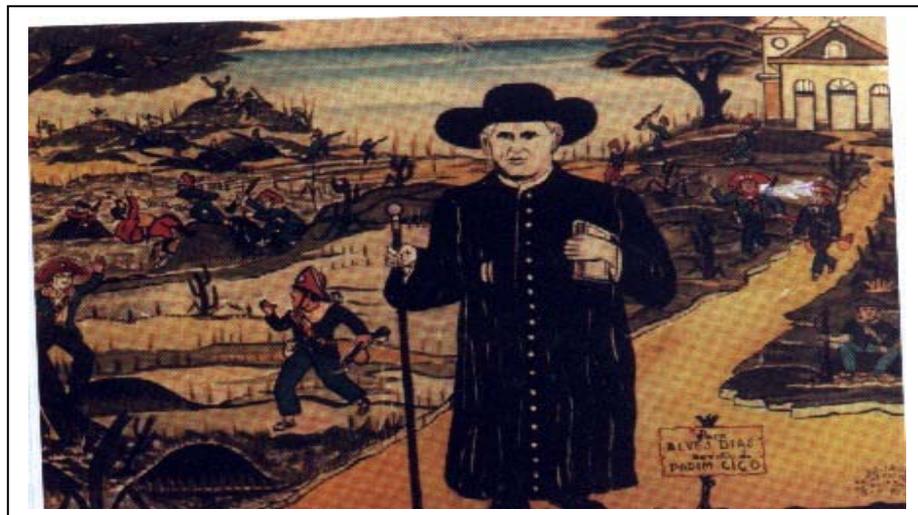


Foto 01 Padre Cícero Romão Batista (1844-1934).

Começava sua vida no contexto familiar, gente humilde, talentosa, destemida e corajosa. Seu nascimento se deu aos 24 de março de 1844, conforme consta em sua declaração testamentária. Seus pais se chamavam Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana.

O povo era religioso, segundo o modelo de ordem devocional importado da Europa. As missões e seus pregadores se circunscreviam neste quadro de ensinamentos morais, apontados para o exemplo dos santos, das aparições e visões destes homens e mulheres de Deus. Os oratórios ocupavam o espaço sagrado onde as famílias realizavam suas

celebrações com preces de louvor e agradecimento. Seria preciso encontrar o ambiente das Santas Missões, de todo o seu conteúdo e, sobretudo visualizar novamente a figura hierática do missionário. Vale lembrar a imagem encurvada do santo missionário Frei Damião de Bozzano. Sobre este missionário capuchinho italiano, é oportuno relatar o depoimento de um teólogo belga, José Comblin:

Até os dias de hoje, Frei Damião é o maior pregador de missões há 60 anos. Aos olhos do povo ele recolheu a herança do Padre Cícero Romão Batista. Frei Damião fala da morte e do Juízo, dos pecados, sobretudo dos amancebados, anuncia castigos de Deus. O povo lhe atribui milagres numerosos. A pregação de Frei Damião é somente espiritual. Ele não constrói nem promove obras de caridade ou obras comunitárias. Somente fala dos pecados pessoais. (1993, p. 35-36).³

Padre Cícero escrevera um dia que ele devia a sua vocação de sacerdote a uma leitura da biografia de São Francisco de Sales. São suas as palavras:

Devo ainda declarar, ser para mim uma grande honra, que em vista de um voto feito aos doze anos de idade, pela leitura que fiz nesse tempo, da vida imaculada de S. Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e a minha castidade até hoje. (BARRETO, 2002, p. 14).

Deve ser lembrada a idéia tão querida entre as famílias de então, de terem um filho padre. A figura do padre ainda hoje reserva muito respeito da gente nordestina. Padre Ibiapina havia deixado uma herança muito forte, impregnando a imagem do padre de uma nova presença junto à Igreja e no mundo. (BARRETO, 2002, p. 15).

Os padres lazaristas haviam desembarcado da França para formarem os novos padres para a Igreja no Brasil.

A reforma do clero era prerrogativa da romanização. A reforma dos seminários prepararia os novos ministros da Igreja. Merece relevo em primeiro lugar, a congregação da Missão. Sem dúvida, foram os padres da Missão ou lazaristas, os mais representativos colaboradores do episcopado, por terem assumido a direção da maioria dos seminários. (AZZI, 1992, p. 32).

A Igreja no Brasil estava vivendo então a romanização. Os cuidados com a fé cristã no Brasil fizeram a Santa Sé voltar-se decididamente para a Igreja em nossa Pátria. Preocupada com a ignorância religiosa e com uma prática muito popularizada, a Igreja procurou melhorar seus quadros humanos trazendo da Europa, após algum tempo,

³ Frei Damião de Bozzano nasceu em 1898, na Itália. Veio para o Brasil em 1931. A partir de 1940, começou sua vida missionária. Faleceu em 1997, em Recife. (JORNAL DA ROMARIA, 2006, p.3)

Congregações Religiosas e enviando alguns de seus futuros padres e bispos para estudarem em Roma.

Para melhor formar o clero, fundam-se em Roma, dois Colégios, junto à Universidade Gregoriana, aonde seminaristas de escol são enviados para aperfeiçoar seus estudos e prepararem-se para tarefas mais importantes. O Colégio Pio Latino (1858) aceitava alunos de todo o continente, inclusive do Brasil. Mas para que houvesse mais vagas para nossos seminaristas, em 1934, funda-se o Colégio Pio Brasileiro, exclusivamente para brasileiros. (LIBÂNIO, 1982, p. 49).

A nova formação qualificava seus padres com compromissos apologéticos, diante dos inimigos da fé que então ameaçavam a Igreja. Estes inimigos eram o protestantismo e o positivismo. O jovem seminarista era moldado internamente para responder ao modelo da Igreja a que se desejava chegar. Muitos alardeavam as dificuldades intelectuais do seminarista Cícero. Por estudar “ciências ocultas”, isso quase lhe valeu o impedimento de sua ordenação. (WALKER, 1995, p. 7). Aliás, Raquel de Queiroz sobre isso escreveu:

Custou-lhe muito ser padre: quase o não ordenam. Os mestres alegavam que o rapaz era esquisito e mentia, mas quem sabe se mentia realmente? As histórias do céu parecem mentiras a quem só pensa na terra. E depois, dentro da alma de um homem, quem tem poder para traçar o limite entre a verdade e a mentira? De qualquer modo ele foi para o Juazeiro, assim mesmo, mentiroso e angélico. Tão precário era o seu rebanho que aos domingos cabia todo na capelinha da fazenda e vivia inteiro em seis casas de taipa e alguns casebres. (1944, p. 31).

Em sua biografia, aparece o fato de ter desejado ser professor no Seminário da Prainha em Fortaleza. (WALKER, 1955, p. 9). Lecionou também no Colégio Padre Ibiapina no Crato, fundado e dirigido pelo Prof. José Joaquim Teles Marrocos, seu primo e grande amigo. (BARRETO, 2002, 19). Cuidou da educação de jovens e órfãos. Criou escolas profissionalizantes e a que seria a primeira futura Escola Normal Rural do Brasil. Trouxe, em seguida, os salesianos com a missão de educar a juventude. (BARRETO, 2002, p. 39). Era filiado a uma Instituição chamada Sociedade de Agricultura. Recebeu o título de Doutor, conferido pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro conforme lemos em Walker. (1995, p. 10).

Quem estudou num Seminário sabe que, sem sacrifício, não se passa tanto tempo nessa casa. Sem espírito de oração e de comunidade, o seminarista é aconselhado a sair do Seminário. O controle era severo. Até nas férias, o seminarista levava do Reitor um questionário que deveria ser minuciosamente respondido pelo pároco. Sem exagero, pode-se concluir que Cícero não era um ignorante, nem visionário, nem ingênuo, nem alheio. Seus

boletins apontavam notas boas, melhores do que as de um aluno medíocre. A ausência de pendoros oratórios não pode ser motivo para negar-lhe outras virtudes. Ganhou, a Igreja e o Povo, um conselheiro, um fiel e paciente confessor, um homem de relações humanas. Em seu testamento dedica ao seu bispo diocesano, Dom Luis Antônio dos Santos, a graça de ser padre católico. Padre Murilo completa essa curta biografia, quando afirma: “Quem na realidade irá dar a nota de comportamento e aplicação do recém-ordenado Cícero será o seu modo de trabalhar, de operar de pastor, enfim”. (BARRETO, 2002, p.18).

No Natal de 1871, uma equipe, representada pelo Professor Simeão Correia de Macedo, não querendo que a capelinha de Nossa Senhora das Dores ficasse sem a Missa do Galo, foi procurar Padre Cícero, no Crato, para celebrar em Juazeiro. O Padre tinha 28 anos e mais que isso, simpatia, olhos brilhantes e azuis, penetrantes e rápidos e voz modulada. Tudo estava começando, sem que seu personagem se desse conta. (BARRETO, 2002, p. 20). Pouco tempo depois, aos 11 de abril de 1872, chegou definitivamente Padre Cícero ao Juazeiro, com sua família e pouca bagagem, apesar de relutar nessa decisão.

Um grande sonho marcou o início de sua vida sacerdotal e foi apontado como a causa que determinou a sua ida para Juazeiro. Este relato foi feito pelos próprios amigos íntimos. Cansado, após um dia exaustivo, de horas a fio no confessionário, foi descansar no quarto vizinho a uma sala de aula da escolinha, onde improvisavam seu alojamento. Caiu no sono e em visão ouviu a voz de Jesus que lhe dizia: “toma conta deles”. Ele viu Jesus Cristo e os doze apóstolos, sentados à mesa, numa cena como a “Última Ceia” de Leonardo da Vinci. De repente, o local foi invadido por uma multidão de sertanejos famintos, conduzindo seus míseros pertences em pequenas trouxas. Então Cristo, virando-se para os famintos, falou de sua decepção com a humanidade, dizendo, porém, que ainda estava disposto a fazer um último sacrifício para salvar o mundo. Entretanto, se os homens não se arrependessem depressa, ele acabaria com tudo de uma vez. Naquele momento, Cristo, apontando para os famintos, falou: E você, Padre Cícero, tome conta deles. (COMBLIN, 1991, p. 9).

O sonho de Padre Cícero, que o fez decidir-se ficar em Juazeiro, faz parte do quadro místico-religioso desta época. As devoções ao Coração de Jesus datam dos séculos XI e XII. No século XVII, Margarida (freira francesa da Ordem da Visitação) teve uma aparição de Cristo em 1673, na qual Jesus lhe ordenava uma devoção pública “de amor expiatório” a Ele, “sob a forma de seu coração de carne.” “Veja o Coração que tanto amou os homens... em vez de gratidão, recebo da maior parte só ingratidão...”⁴ (DELLA CAVA, 1985, p.47).

⁴ O Papa Pio IX estendeu a festa do Coração de Jesus a toda a Igreja. Em 1889, o Papa Leão XIII decretou que a festa fosse celebrada de forma solene. (DELLA CAVA, 1985, p.48).

O sonho de 1872, o Milagre de 1889 e a Guerra de 1914 entraram na hagiografia canônica do Padre Cícero e na história política do Juazeiro. (BARBOSA, 2004, p.62). Barreto afirmava que a decisão de transferir-se para Juazeiro foi decorrência de um sonho “O que é certo é que de então para o resto de sua vida este sonho marcou a vida do padre Cícero que assumiu sempre a função de um condutor das massas nordestinas.” (2002, p. 21).

Padre Cícero havia dedicado parte de sua vida à leitura da vida dos santos, como João Maria Batista Vianney, o Cura d’Ars, São João Bosco e São Francisco Xavier. Quando Padre Cícero começou seu pastoreio, Padre Ibiapina já gozava de prestígio e respeito como missionário, pois era sua intenção “recuperar o povo para a Igreja”. (BARRETO, 2002, p. 22).

Faleceu a 20 de julho de 1934. Foi o fim do mundo em Juazeiro. No dia 21, cerca de 60 mil pessoas acompanharam seu sepultamento. Mas a cidade não morreu. As romarias continuariam. O povo nunca lhe faltou, apesar dos muitos inimigos e detratores. O desaparecimento de Padre Cícero não diminuiu a fé de seus adeptos, os quais não acreditavam em sua morte, pois o mesmo estava “em viagem” e devia um dia voltar à Cidade Santa a fim de anunciar a chegada do Juízo Final. Seu retrato está entronizado em todos os oratórios domésticos, sua lenda messiânica é constantemente enriquecida com um rol de novos milagres. (QUEIROZ, 1983, p. 87).

O relógio marcava cinco horas da manhã do dia 20 de julho do ano de 1934. Era o “*Dia de Juízo*” para os romeiros, exclamava o povo em Juazeiro. Choro e grito estremeceram a alma do povo e os alicerces da cidade. As romarias continuam até hoje. Semanas e mais semanas de romarias ao Juazeiro. Chegavam todos vestidos de preto. Já não desciam à Rua São José, mas rumavam todos à Capela do Socorro, construída em 1906, onde estava sepultado Padre Cícero.

Selecionamos propositalmente para este momento as palavras de uma ilustre escritora cearense, fiel às suas raízes:

Ele era baixinho, corcunda. Parecia um desses santos de pau que a gente venera nas igrejas antigas, feitos grosseiramente pelo artista rústico, a poder de fé e engenho. A cabeça enorme descaía no ombro sungado e magro, a batina surrada acompanhava em dobras amplas o corpo diminuto. Só a carne do rosto e os olhos azuis, límpidos e místicos, que se cravavam na gente, penetrantes como uma chama. Megalomaníaco, paranóico, gerador de fanatismo, protetor de cangaceiros, explorador da credulidade sertaneja de tudo isso foi ele acusado por teólogos, médicos e sociólogos que juntos lhe fizeram o diagnóstico. Senhores teólogos, senhores médicos, quão longe já andais dos belos tempos da fé antiga! Pois quem poderá ser um bom santo sem ser ao mesmo tempo um bom doido - e a melhor definição de um santo não será ‘um doido de Nosso Senhor’? Tanto o Santo como o doido despe a

roupa na rua, abandona casa e família, vai comer raízes bravas e pregar à turba ignara qualquer ardente mensagem que lhe consome o coração. E só a essência dessa mensagem e a extensão do seu êxito é que estabelecem a diferença. (QUEIROZ, 1944, p. 31).

O Padre Cícero foi “canonizado” pelo povo e até hoje sua volta é aguardada pelos romeiros. (JORGE, 1998, p. 78). Naturalmente, vamos encontrar um processo do retorno ou da ressurreição do mito. Padre Murilo lembrava o grande cantor nordestino, Luiz Gonzaga, que cantava: “E olha lá no alto do Horto, o Padre está vivo, o Padre não está morto.” (BARRETO, 2002, p.63).

Novamente, encontramos, em Raquel de Queiroz, igual sentimento sobre o fenômeno Padre Cícero:

Alguns dizem que o padre está debaixo do chão: os incrédulos, os materialistas. Porque a gente que tem fé conta que Meu Padrinho, vendo a choradeira do povo, ressuscitou ali mesmo, sentou-se no caixão, sorriu, deu bênção, depois deitou-se outra vez e seguiu viagem dormindo, até a Igreja do Perpétuo Socorro. Ficou morando lá, naquela igreja que os padres nunca quiseram benzer. De noite, sai de casa em casa curando os doentes, consolando os aflitos. E se ninguém o vê, na rua ou na Igreja, é porque as asas dos anjos rodeando-o todo, o encobrem dos olhos dos vivos. (QUEIROZ, 1944, p. 35).

Os romeiros continuaram com suas peregrinações no anseio de visitar a Mãe das Dores e o Padrinho do Juazeiro. A literatura popular tem registrado frequentemente estes fatos inerentes à história religiosa do Nordeste, como a poesia de autoria de Dias Gomes:

Quem for para o Juazeiro
 Vá com dor no coração
 Visitar Nossa Senhora
 E o Padre Cícero Romão.
 Que meu Padrim é um Santo
 Isso tá mais que provado
 Basta atentar nos milagres
 Que ele tem realizado.
 O primeiro foi ter feito
 Em certa manhã pacata
 Isso já faz tanto tempo
 Nem me lembro bem a data
 A hóstia virar sangue
 Na boca de uma beata.

(Texto extraído de obra não identificada).

II. OS ROMEIROS DE JUAZEIRO

O Juazeiro, em 1872, era um lugarejo insignificante, com apenas duas ruas. Tinha um aglomerado de 32 casas de taipa, convergindo para uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, “dona do lugar”, construída pelo seu primeiro Capelão, Pe Pedro Ribeiro de Carvalho. Ao falecer em 1856, segundo o testemunho do escritor cearense Gustavo Barros, Padre Pedro Ribeiro de Carvalho “alforriara todos os escravos de Nossa Senhora das Dores”.

Muitos desses trabalhadores descendiam dos escravos do Padre Pedro, ou mestiços e brancos sem recursos que vieram trabalhar nos pequenos e despreziosos engenhos de açúcar das redondezas. O povoado ostentava uma capela, uma escola e trinta e dois prédios com tetos de palha. Havia somente duas ruas. (DELLA CAVA, 1995, p. 41).

Juazeiro é um antro de ladrões de cavalos, ébrios e desordeiros. Poucos trabalham, em regra têm o vício da embriaguês e vivem com mulheres alegres. (MOREL, 1966, p.11)

A seguinte descrição feita por Padre Murilo, pároco de Juazeiro, revela quase fotograficamente o quadro social do Juazeiro no final do século XIX:

A gente que freqüentava tem também de tudo; os que têm os rudimentos da fé e os viciados nos sambas e forrós, que aos sábados e domingos, duram a noite inteira. Os cambiteiros e moradores dos sítios, que se misturam na bagaceira da cachaça e da moral promíscua. Toda essa gente, de formação religiosa fragmentada e reduzida a uma catequese desencarnada, vive nas correntes do coronelismo nordestino de maneira submissa, e, paradoxalmente, grata. (BARRETO, 2002, p. 22).

Padre Cícero nunca foi Vigário em Juazeiro. Foi o sexto Capelão de Nossa Senhora das Dores. (BARRETO, 2002, p. 23). A capelinha das Dores pertencia a Paróquia de Nossa Senhora da Penha no Crato. Eram escassos os padres⁵. Negligência e desorganização se misturavam na pastoral de sustentação da fé destes nossos sertões. Os missionários estrangeiros, europeus rígidos, pregavam o evangelho do medo, da ira de Deus, dos castigos e anunciavam que desgraças maiores sobreviriam para o povo, por causa de seus pecados. Os missionários se utilizavam de um manual para a missão: “A Missão Abreviada.”. O longo

⁵ Em 1861, quando Dom Luís Antônio, natural da Província do Rio de Janeiro, foi nomeado primeiro Bispo do Ceará, a Diocese, com aproximadamente 720 mil habitantes, possuía apenas 32 padres. Destes, mais de dois terços tinham famílias constituídas, sem prestígio e respeito de seus fiéis. (DELLA CAVA, 1985, p. 35).

título do livro revela a severidade das pregações e os exigentes objetivos missionários⁶. Não será muito difícil imaginar o chão de onde brotam os rituais de auto-flagelação. O nosso povo vive quase sempre envolto em superstições, advindas das condições sociais e culturais dos tempos dos senhores de engenho e dos negros escravizados. (DELLA CAVA, 1985, p. 44).

As procissões se multiplicavam piedosamente. As novenas acompanhavam a religiosidade do povo, perfazendo um calendário especial, independentemente, do calendário civil. As ladainhas, algumas vezes cantadas em latim, eram formas de oração mais fortes diante da seca inclemente ou das doenças que matam contagiosamente, como a epidemia de cólera, que, em 1862, havia matado o pai de Padre Cícero. (DELLA CAVA, 1955, p. 33).

Fora educado no Seminário da Prainha, em Fortaleza, para combater todas as formas de abuso na prática sacramental e, sobretudo doutrinária e imoral. Veio disposto a incrementar as mudanças que as novas orientações da Igreja impõem para todo o Brasil. A participação nos Sacramentos, especialmente, Penitência, Eucaristia e Matrimônio era sua grande preocupação. O Apostolado da Oração chegava trazendo a devoção e a consagração ao Sagrado Coração de Jesus. A reza do Rosário de Nossa Senhora ficará na vida de todo romeiro, que usa em seu pescoço o rosário de contas brancas e azuis. (WALKER, 1995, p. 7).

Tanto se via Padre Cícero atuando como sacerdote que presidia as celebrações no altar da Igreja, como pastor que fazia visitas e participava junto ao povo, das festas e encontros sociais. Tonar-se-ia o amigo de todos, muito mais dos pobres, que logo o chamarão de meu Padrinho (BARRETO, 2002, p. 45).

O apadrinhamento é uma instituição muito importante no Brasil. O padrinho deve auxiliar e proteger os afilhados, que, por sua vez, devem apoiá-lo e defendê-lo. Padre Cícero tornou-se O Padrinho de todos os nordestinos de qualquer situação social. (QUEIROZ, 1983, p. 92).

O Nordeste, especialmente, o Ceará, participava decisivamente da construção desse momento. Padre Ibiapina, por exemplo, nasceu em Sobral, Ceará, no dia 5 de agosto de 1806. Ingressou no Seminário de Olinda, mas o deixou por motivo das mortes de sua mãe, do assassinato de seu irmão mais velho, e ainda, o fuzilamento de seu pai, por motivos políticos. Padre Ibiapina teve uma grande influência religiosa e social nesse período. Coursou Direito e fez parte da 1ª turma de bacharéis de Olinda, em 1832. Foi Juiz de Direito e Chefe de Polícia de Quixeramobim, no Ceará e também Deputado (1834-1837). Decepcionado com a vida

⁶ A Missão Abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das missões foi escrita por Manoel José Gonçalves Couto, oratoriano, cuja 5ª edição data de 1867, publicada em Porto.

política e a carreira jurídica, decidiu ser sacerdote, quando, aos 47 anos de idade, ordenou-se presbítero no dia 3 de julho de 1853. Passada sua ordenação, com a licença do Bispo, partiu como missionário percorrendo os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco (CARVALHEIRA, 1994, p.6), fundando colégios, hospitais, capelas, igrejas, cemitérios e até açudes. Sua principal atividade aconteceu com as Casas de Caridade, que existem a partir da epidemia de cólera, em 1862. Com ajuda de algumas religiosas missionárias, as beatas, as Casas de Caridade⁷ ofereceram também formação moral e intelectual para jovens, abrigando órfãos e abandonados. O povo chamava Ibiapina de Padre-Mestre. Acometido de paralisia nas pernas, devido a problemas vasculares e alguns derrames, faleceu em Santa Fé, Paraíba, aos 19 de fevereiro de 1883. O povo o aclamou santo, ainda em vida. Atualmente, está aberto, no Vaticano, o processo de sua beatificação. (COMBLIN, 1993, p. 16-17).

Estava preparado o solo para que um padre pudesse ser fiel à sua missão. Tudo repercutia naturalmente na mente e no coração de Padre Cícero. Longe de um confronto, tem-se todas as razões para colocar Padre Cícero e Padre Ibiapina em linha de continuidade. Isso, porém, não anulava as características e diferenças entre os dois. Enquanto Ibiapina era padre andarilho, peregrino de Deus, Cícero pára. Aquele não tinha moradia fixa; Cícero sentava-se à sombra de um juazeiro e punha-se a escutar a voz das ovelhas, dos pecadores. Sobre Ibiapina, os versejadores populares cantavam:

Padre Ibiapina deixou
dois pés de árvores plantadas:
o terço à boca da noite,
o ofício das madrugadas. (BARRETO, 2002, p. 26).

Dom Luis Antônio expulsou o famoso missionário Padre Ibiapina do Ceará proibindo-o de voltar ao seu Estado. Fez todo esforço para cuidar das quatro “Casas de Caridade” que Ibiapina tinha fundado no Ceará. Mais tarde Padre Cícero tomará conta destas Casas. Seguindo o exemplo do Padre Ibiapina, Padre Cícero reuniu um grupo de beatas dedicadas a uma vida de piedade e de oração, ao catecismo e à participação em todos os atos celebrativos. (COMBLIN, 1991, p.8-10).

No ano de 1973, em Fortaleza, Padre Azarias Sobreira escreveu traçando o perfil dos beatos, e principalmente dos penitentes, como sertanejos de moral rígida, costumes

⁷ Padre Ibiapina fundou 22 “Casas de Caridade.” Nelas as meninas desamparadas recebiam educação humana e formação cristã, ensino das letras, preparação em prendas domésticas, ofícios e artes. Seu trabalho visava sobretudo habilitar a mulher pobre do interior a viver com dignidade. (CARVALHEIRA, 1994, p.11).

familiares elevados, grandes tementes a Deus. Duas beatas das Casas de Caridade, Maria e Isabel da Luz utilizavam-se do teatro para disseminarem os dramas religiosos do Evangelho, com a participação de moradores e visitantes. (SOBREIRA, apud ARAÚJO, 1994, p.31).

A imagem do Coração de Jesus, entronizada na sala principal da casa, era a oportunidade de entrar no espaço íntimo da família. Nas conversas com o povo, naturalmente com quem também aprendeu, ensinava a preservar a água da cacimba, a medicina caseira, tirada da farmácia de Deus, as artes domésticas, o conselho e a amizade de todos. Incentivava o trabalho. A herança de Padre Cícero junto ao povo foi grande, no quadro de benfeitorias, deixadas por ele. O Juazeiro foi assim, alvo de muito progresso em pouco tempo. Emancipado, ganhou enfim liberdade para crescer mais ainda.

O Juazeiro deve seu nome a esse contexto religioso. A Mãe das Dores está no centro de toda esta fama, acrescido da história do “Milagre do Sangue na Hóstia”, ocorrido no dia 01 de março de 1889. Juazeiro é parte do coração de um Nordeste sofredor.

Os romeiros, aqui chegando, traziam muitas dores e prantos. Salpicavam Juazeiro com gotas de suor, de sangue, fruto de muitas injustiças e solidões profundas. (BARRETO, apud ARAÚJO, 1994, p.36). Este ambiente humano, assim levemente delineado, marcado por uma cultura popular fortemente organizada, aliado a uma onda mística e religiosa, favorecia ao surgimento de lideranças, chamados beatos. Estes misturavam suas vidas, com suas crenças e seus movimentos populares dos beatos. Quando não eram beatos, eram heróis desafiando os poderosos e as forças policiais. O cangaço fazia parte desse pedaço de história nordestina. Eles faziam a justiça que não existia, ou melhor, existia sim, mas feita pelos coronéis, senhores da vida e da morte. O Nordeste não poderia ser contado sem Lampião, Antônio Conselheiro, José Lourenço e tantos outros.

Pode-se ligar Antônio Conselheiro e Padre Cícero a protestos sociais, conforme afirmação de Jorge. Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, era professor. Perseguido pelos credores e abandonado por sua mulher, deixou o Ceará e foi para o sertão, transformando-se num beato. (1998, p. 74).

O movimento dos beatos nasceu no séc. XIX com o Pe Ibiapina. Com sua morte muita gente seguiu seu exemplo, até se formarem verdadeiras confrarias de beatos. A pregação de Conselheiro versava sobre a criação, o pecado, os castigos, as promessas de redenção e reconciliação, tudo muito favorecido com a pregação dos missionários de sua época. As perseguições o levaram a tomar uma dimensão escatológica, com a previsão do

próximo fim do mundo. Com a reação negativa da Igreja e mesmo perseguição, Antônio Conselheiro se distanciou do catolicismo oficial. As multidões o procuravam cada vez mais por conta das condições mais dignas de vida no próspero arraial que, em 1893, já possuía entre 20 a 30 mil habitantes. Estes fatos preocupavam cada vez mais as autoridades religiosas e políticas. Conselheiro criticava os governantes republicanos e a Nova República como inimigos da religião. (JORGE, 1998, p. 75).



Foto 2 “Mestre José”, líder dos Ave de Jesus. Inspirado por Padre Cícero, migrou para a “Terra da Mãe de Deus”, onde viveu com seus seguidores em voto de pobreza e de castidade à espera de uma profecia que não se cumpriu, a do final dos tempos.

O catolicismo de Canudos era o resultado da herança trazida pelos portugueses, missionários jesuítas e capuchinhos. Esta forma tornou-se incompreensível aos novos missionários, que vieram para a “romanização”, visando corrigir a ignorância do catolicismo brasileiro. Hoje “uma releitura dos sermões de Conselheiro só se pode concluir pela sua perfeita ortodoxia e pela sua profunda piedade”. (BEOZZO, apud JORGE, 1998, p.76).

Enquanto isso, Padre Cícero era um líder religioso, que, na opinião de Jorge, seguiu os passos de Antônio Conselheiro. Padre Cícero, conforme Pedro Oliveira, tornou-se uma “espécie de ‘coronel’, que se articula muito bem com os coronéis da época”. Mas mesmo assim Pedro Oliveira afirma que Padre Cícero não é um coronel e um líder religioso da massa camponesa. (OLIVEIRA, apud JORGE, 1998, p.77).

O “Milagre da Hóstia” havia sido interpretado como um sinal do fim do mundo. Muitos de todo o Nordeste acorriam ao Juazeiro para venerar a hóstia e buscar a cura de seus males. Por outro lado, Padre Cícero tencionava construir um grande Santuário dedicado ao Coração de Jesus, conforme a devoção que vinha da França para o Brasil. Durante o tempo de

Padre Cícero, todas essas direções do catolicismo estiveram sob a sua guarda vigilante. Somente após a sua morte, com José Lourenço, esse movimento religioso fugiu do controle da Igreja e foi tragicamente esmagado. (JORGE, 1998, p.78).

Antônio Conselheiro e Padre Cícero, Canudos e Juazeiro, apontam para:

Pontos altos de uma luta surda que se travou dentro do próprio catolicismo no Brasil, entre sua forma luso-brasileira, mestiça e leiga, e o novo catolicismo, europeizante romanizante, bramo e clerical. (BEOZZO, apud JORGE, 1998, p.78)

Padre Cícero compõe este contexto. A realidade nordestina sempre contou com a presença de coronéis locais ou chefes políticos, que tinham plenos poderes.

Entre 1901 e 1910, muitos chefes políticos foram derrubados e substituídos violentamente. O Cariri foi se tornando um reduto de cangaceiros, protegidos pelos coronéis. Estes mantêm às suas custas tropas armadas e exercitadas para a sua defesa pessoal e conquista das posições. O mais forte é o que adquiria afinal, os favores do déspota. (DELLA CAVA, 1985, p. 197-198).

Quando Padre Cícero partiu para Salgueiro, houve boatos que ele iria aliar-se a Antônio Conselheiro, em Canudos. Dom Joaquim, Bispo do Ceará, foi um dos primeiros a espalhar tais comentários, advertindo Padre Cícero a não tomar o exemplo de Antônio Conselheiro⁸. Os boatos chegaram a outros Estados. Na Bahia, o presidente Luis Vianna falava em “falange dos fanáticos.” Em Alagoas, o governador preparou grandes escoltas para, em Água Branca, impedir que 800 capangas do Padre Cícero passassem por ali. (DELLA CAVA, 1976, p.112).

Mas as elites litorâneas interpretaram mal, por completo, o homem e a situação. A causa do Padre Cícero, ao contrário da de Antônio Conselheiro, não era uma revolução social, mas a redenção individual de cada um. Era ele um messias tímido a quem Deus confiara a conversão dos pecadores. (DELLA CAVA, 1976, p.113)

A situação sócio-política e econômica do Nordeste muito contribuiu para o agravamento da realidade presente:

⁸ Antônio Vicente Mendes Maciel, mais tarde, Antônio Conselheiro, nasceu em Quixeramobim, no Ceará em 1828. Em 1872 iniciou suas pregações pelo sertão pernambucano, passou por Sergipe e deslocou-se para o Norte da Bahia. O conflito de Canudos terminou a 05 de outubro de 1897, quando caiu a última trincheira. No dia seguinte, a cidade foi destruída e queimada, não ficando pedra sobre pedra. Euclides da Cunha, em sua obra “Os Sertões” assim concluiu: “Canudos não se rendeu”. Antônio Conselheiro morreu antes, aos 22 de setembro de 1897. (SCHNEIDER, 1993, p. 24-29)”. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Eram quatro apenas: um Velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados. (CUNHA, 2005, p.319).

A pobreza crônica do Nordeste e a busca desesperada dos pobres por um salário de subsistência parecem justificar, provavelmente, a presteza com que milhares de romeiros tudo largavam de suas terras para vir ao Juazeiro, oásis onde morreriam todas as tristezas humanas. (BARRETO, 2002, p. 41).

Há muitas tentativas de explicação para os fatores do cangaço nordestino. Euclides da Cunha, autor de “Os Sertões”, atribui ao fator racial, sobretudo aos “estigmas degenerativos de três raças”. (CUNHA, 1936, p.141).

Nina Rodrigues afirmava que a “criminalidade do mestiço brasileiro [está] ligada às más condições antropológicas da mestiçagem no Brasil.” (RODRIGUES, apud FACÓ, 1976, p.31).

O cangaço, assim visto de forma fatalista, não tinha remédio. Lourenço Filho, autor de “O Juazeiro do Padre Cícero”, na década de 20, completava dizendo que “certas condições biológicas levam ao banditismo”. Como remédio apontava “distribuição de justiça e educação.” (FACÓ, 1976, p.31).

Xavier de Oliveira concluía pedindo ajuda do Exército para exterminar o cangaço. Diz ainda Xavier de Oliveira que “No sertão não há lei, não há direitos, não há justiça”. O interesse do grande proprietário é manter no obscurantismo a população local. Ele quer braços servis e não cabeças pensantes. (FACÓ, 1976, p.34).

Outros explicam que o cangaceirismo se deve à ausência de policiamento. “O cangaceiro e o fanático eram os pobres que, enfim, saíam de sua apatia generalizada para as lutas de caráter social”, afirma Facó. E ainda complementava com a explicação: as desgraças parecem cair do céu, como castigos, e daí ser necessário implorar as bênçãos do céu. O cangaço precede os grandes ajuntamentos de “fanáticos” que culminaram em Canudos e, no Contestado (que aconteceu nas fronteiras do Paraná/Santa Catarina entre 1912 e 1916) (FACÓ, 1976, p.38).

A liderança de Padre Cícero invadiu inclusive a área política e seu zelo pastoral o conduziu à política. Com os chefes políticos caririenses assinou, em 1911, o Pacto de Harmonia Política que passou à história como “Pacto de Coronéis”. “Nenhum chefe político procurará depor outro Chefe [...] Manterão todos, incondicionalmente, solidariedade com o excelentíssimo doutor Antônio Pinto Nogueira Acioli”. (BARBOSA, 1992, p. 50).

A atuação de Padre Cícero, seguindo o seu lema trabalho e oração, o conduziu pela área social, com imprevisíveis influências na área política.

Não era somente de reza que Padre Cícero tratava em sua missão de padre. Tornou-se o precursor da Ecologia no Sertão nordestino. Aos agricultores ele aconselhava: não toquem fogo no roçado nem na caatinga. Não plantem em serra acima nem façam roçado em ladeiro muito em pé, deixem o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza. Façam uma cisterna no oitão de suas casas para guardar água da chuva e aprendam a tirar proveito das plantas da caatinga. (WALKER, 2004, p. 4).

Um dia, realmente, aconteceu que o famoso cangaceiro nordestino Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, perseguido pelas polícias de vários Estados, chegou ao Juazeiro. No dia 6 de março de 1926, refugiou-se na Fazenda Nova e depois no Bairro da Feira Nova, hospedando-se no sobrado de João Mendes, hoje Rua Boa Vista. Enquanto isso Padre Cícero tomou conhecimento e foi encontrá-lo ao lado de seu auxiliar e amigo José Gonçalves. O bando de Lampião era composto de 49 cangaceiros.⁹



Foto 3 Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião)

Consta que Lampião desejava filiar-se ao “Batalhão Patriótico”, formado sob o comando de Dr. Floro, para combater a “Coluna Prestes”. Lampião queria, enfim, legalizar sua vida e a de seu bando. Sempre correram notícias e boatos de que Lampião sempre respeitou ao Padre Cícero e que este lhe havia dado conselhos para afastar-se do cangaço. As notícias davam conta também de que os romeiros do Padre Cícero sempre foram protegidos por Lampião.

⁹ Lampião Virgulino Ferreira da Silva entrou em 1917 no cangaço. Era filho de um pequeno fazendeiro. Em 1916, a violência envolveu seus irmãos Antônio e Livino. Era moreno, caboclo, altura de 1,80m, cego de um olho, manco, meio corcunda, óculos professorais. Nasceu em Pernambuco, em 1898. Foi preso e morto aos 28 de julho de 1938, na Grota do Angico, Sergipe. (MELLO, 2005, p.22).

Lampião partiu, enfim, do Juazeiro, no dia 9 de março de 1926, levando uma “patente de capitão” que não lhe foi dada pelo Padre Cícero e, sim, pelo único funcionário federal em Juazeiro, o agrônomo Dr. Pedro Albuquerque Uchoa. (BARBOSA, 1992, p. 69-71). Esta discutida patente de Capitão só tinha validade em Juazeiro e se o Padre Cícero lá estivesse. Os fatos, porém, não param por aqui. Muitos asseveravam que Lampião vinha anualmente, fantasiado de romeiro aconselhar-se com Padre Cícero. Lampião tinha um biotipo tão característico que, mesmo em traje de romeiro, seria logo identificado. (NEVES, 18 jul. 2004).



Foto 4 Cartaz distribuído no Sertão pelo governo da Bahia, em agosto de 1930. Os 50 contos de réis dariam para comprar doze automóveis novos.

O cangaço tem com certeza, uma página inscrita na história nordestina. Por causa disso, Padre Cícero foi chamado pelo jornalista Edmar Morel de “Cangaceiro de Batina”. No entanto, o perfil de Padre Cícero era de um homem pacifista e não cultivava o cangaço, como ainda veremos. O Luís Padre era cangaceiro, a quem certo dia, Padre Cícero aconselhou: “Mude de nome e de vida, vá embora para Goiás e viverá sossegado o resto de sua vida, morrendo de morte natural”. (NEVES, 2004, p.4).

As opiniões ao seu respeito são críticas carregadas de muitas contradições, conforme afirma Azarias Sobreira:

O Padre Cícero é um crucial ponto de interrogação para quase todo o mundo. Nem mesmo os que privaram com ele e com ele viveram, puderam jamais decifrar, inteiramente, sua psique, penetrar o âmago de sua mentalidade, tocar as raízes de sua ímpar atuação... nele se encontrava as marcas mais disparatadas que costumam assinalar as grandes personalidades. (apud MOREL, 1966, p. 205).

A fama de homem acolhedor e reconciliador sempre o acompanhou. Ainda se soube que, certo dia, pediu asilo político ao Padre Cícero o Bacharel Augusto Santa Cruz, depois de ter efetuado um golpe de estado em Alagoa do Monteiro. Quando acuado por forças policiais da Paraíba e de Pernambuco procurou Padre Cícero que o aceitou, desde que todos depusessem suas armas em sua presença e em sua casa. Padre Cícero teria dito a eles: “Não criem problemas para mim e poderão ficar em Juazeiro o tempo que for preciso”. (NEVES,2004, p.5). E assim aconteceu. E, sabia muito bem Padre Cícero, que a um estalo de dedo, todo o contingente populacional dos sertões nordestinos surgiria em sua defesa, a despeito da frieza da elite do Clero Cearense. O Juazeiro se tornava então, o recanto imaginário de esperanças para todos os injustiçados e desesperados da vida. Quem não tinha onde recorrer corria para o Juazeiro. Juazeiro era, assim, o desaguadouro natural das inquietações do nordestino. Juazeiro se apresentava como uma ilusão de felicidade, que não se encontrava no cotidiano: esta alegria e fuga da realidade se realizavam, sobretudo pela reconquista de um mundo reconciliado, com relações sociais harmônicas. Isto acontecia na ilusão da festa, na movimentação paradisíaca da Cidade Santa.

Quando vou a Juazeiro me esqueço de tudo aqui na terra, só me lembro dos poderes de deus. No Juazeiro me sinto que estou no céu. Lá eu encontro a felicidade. Ir ao Juazeiro é mesmo que um agricultor que planta uma lavoura. Lá chove bem e quando volto passo o ano todo colhendo. No ano que não vou, a safra para mim não é boa. Durante o ano não tenho o que colher. (LIMA, 1995, p. 181).

Ou ainda, segundo depoimentos colhidos pelo Professor Lima, junto aos romeiros, numa periferia de Maceió:

Lá a gente sente um silêncio, sente uma paz. A gente se esquece do mundo daqui! Só me lembrei daqui, quando ia chegando a Palmeira dos Índios, na volta... chega o coração trancou... (LIMA, 1995, p. 182).

As opiniões dos contemporâneos do Padre Cícero eram muitas e variadas, para não dizer que são frequentemente contraditórias. Foram denúncias feitas por Morel:

Fatos vergonhosos e que seriam punidos num País mais ou menos policiado, são trazidos a público, ora falcatruas nos cofres da Nação, ora crimes perpetrados à sombra da noite... o Padre já possui em índice alfabético a lista de suas propriedades (1966, p. 83).

O nome do Padre estava em todas as partes, em portas de cinema, rótulos de remédios, nomes de casas comerciais. “Dia a dia cresce a sua fortuna com a chegada de peregrinos distantes”, constatava Morel.¹⁰ (1966, p. 83).

Morel ainda é quem nos apresentava a notícia de que Floro Bartolomeu, com o consentimento de Padre Cícero, fez a polícia prender os penitentes, degolando alguns e dissolvendo os grupos das célebres cortes celestes (1966, p. 86). Bandidos, injustiçados, criminosos, prostitutas e toda onda de desvalidos da sorte e da justiça, encontravam-se em Juazeiro e ali se regeneravam. Em suas pregações diárias, usava linguagem simples, como conselheiro:

Quem beber não beba mais. A cachaça é um poderoso enviado agente de Satanás. Quem matou não mate mais. Somente Deus tem o poder de tirar a vida de suas criaturas. Quem roubou não roube mais. Quem rouba vai para o inferno. Quem mentiu, não minta mais. A mentira é filha do diabo e o mentiroso, seu encarregado. (WALKER, 2004, p. 1).

A acusação da ligação com o fanatismo de Canudos e Juazeiro veio de D. Joaquim. O povo estabelece o seu espaço geográfico pelas suas caminhadas, pelos seus caminhos. Foram eles que fizeram essa geografia. O cristianismo popular, pregado desde o período colonial, como nos afirma Hoornaert, ele é predominantemente escatológico e penitencial. (STEIL, 2004, p. 21).

A missão sacerdotal de Padre Cícero foi engrandecida através dos muitos relatos míticos que se formaram na tradição oral dos romeiros. Todos comentavam a sua sabedoria, os seus milagres e a dedicação aos pobres, como recolhemos em nossas entrevistas:

“Meu Padrinho é o maior santo [...] é um grande servo de Deus. Agora aí é o mistério. Até hoje não teve quem descobrisse o mistério do meu Padrinho Cícero. Só Deus e ele é quem sabe[...]”. (LIMA, 1995, p. 129).

Juazeiro estava em cena há muito tempo. A presença do Padrinho do povo atraía naturalmente os nordestinos, deserdados da sorte e herdeiros da seca terrível, que se abatia mais uma vez, causando desespero em milhares e milhares de sertanejos. As romarias e as súplicas se multiplicavam pedindo os favores divinos. No dia 1º de março de 1889, às 5 horas da manhã, após uma noite de vigília de oração, Padre Cícero resolveu dar a comunhão eucarística às beatas, para que elas pudessem tomar café, pois, naquele tempo, o regime de

¹⁰ Morel era jornalista célebre, recebido com carinho pelo povo de Juazeiro, criou uma expectativa geral. A reportagem de 1946, mais tarde, um best-seller, chamado “Padre Cícero – O Santo do Juazeiro” era uma calúnia, um insulto ao caráter do Padre Cícero, uma afronta aos cidadãos daquela cidade cuja transformação se deu auxiliada pelos esforços de uma vida inteira do padre” segundo denúncias de Della Cava. (2004, p.124).

jejum eucarístico era outro, pois, a partir da meia noite, não se podia comer nada, exceto água, até à comunhão eucarística. (DELLA CAVA, 1985, p. 57).

O processo de mitologização do Juazeiro de Padre Cícero tem seu substrato material na própria luta do sertanejo de fins do século passado para sobreviver diante das inclemências de uma natureza hostil e das relações sociais desumanas geradas a partir da abolição da escravidão. (LIMA, 1995, p. 117).

A beata Maria de Araújo foi uma das primeiras a aproximar-se da comunhão. Tinha apenas 28 anos, era negra, lavadeira, solteira, natural do Juazeiro e residia com a família de Padre Cícero. O fenômeno se deu quando a hóstia caiu-lhe da boca e ficou ao chão. A hóstia estava tingida de sangue. O mesmo fenômeno repetia-se às quartas e sextas feiras da quaresma. Até a festa de Ascensão voltou a ocorrer 47 vezes. Na mente de Padre Cícero e de todos os assistentes não havia dúvida: era o próprio sangue de Cristo. (NEVES, 2004, p.7).

Padre Antero, doutor em Teologia, havia estudado em Roma. Era crítico feroz dos padres lazaristas, que cuidavam da formação do clero no Seminário da Prainha. Ele confirmava o que os padres lazaristas haviam dito: “Nosso Senhor não deixa a França pra obrar milagres no Brasil”. (DELLA CAVA, 1985, 69).

E ainda, Padre Antero, em carta à Inquisição, em 1892, dizia que Roma discriminava o Brasil, quando não aceita o milagre de Juazeiro, quando “milagres idênticos já tinham sido aprovados pela Igreja” na França, em Portugal e Itália.

Coube, porém, ao Monsenhor Monteiro, Reitor do Seminário do Crato, grande admirador do Padre Cícero, no dia 07 de julho de 1889, dia da Festa do Precioso Sangue, comandar uma grande romaria, com cerca de 3 mil católicos do Crato para Juazeiro. E ali se proclamava que o sangue dos panos mostrado era o sangue de Cristo. Estes paninhos estavam colocados em uma urna de vidro, que o povo tocava piedosamente. (BARRETO, 2002, p. 30).

Por dois anos, a fama do milagre continuou a crescer e a atrair fiéis de vários Estados do Nordeste. O Crato também aderiu consideravelmente ao milagre do Juazeiro (DELLA CAVA, 1985, 59). Em 1891, aos 25 de março, renovou-se o milagre na presença de Dr. Marcos Rodrigues de Madeira, médico do Crato. Este declarou no jornal de Fortaleza, “O Cearense,” que a transformação da hóstia em sangue era “um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação natural”. Esse testemunho provocou uma enorme reação no Ceará, inclusive, em Dom Joaquim, o Bispo de Fortaleza. (BARBOSA, 1992, p. 25).

A irritação de Dom Joaquim se deu pelo fato de somente ter sido informado do Milagre de Juazeiro em novembro de 1889. Assim mesmo se perguntava: por que o Bispo não reprimiu o milagre e ainda organizou uma comissão para estudar o caso? (DELLA CAVA, 1985, p. 63).

As explicações e interpretações variavam agora alegando-se que diante da ruindade do mundo, inclusive a Proclamação da República do Brasil, Jesus havia decidido derramar novamente seu sangue para uma nova redenção. Outros ainda diziam que estava chegando o Juízo Final¹¹. Estas interpretações cheiravam a heresias, verdadeiro temor de D. Joaquim. Antes, uma comissão de inquérito, formada por dois renomados Padres, Glycério da Costa Lobo e Francisco Antero, doutores em Teologia, estudava o fenômeno. E, ao final de um mês, concluíram que se tratava realmente de fatos sobrenaturais, de origem divina. O Bispo, porém, sentiu-se traído. (DELLA CAVA, 1985, p. 79).

O chamado milagre achava-se, então, compreendido num quadro místico, próprio do pontificado de Pio IX, no final do séc. XIX. Teologicamente, embora sejam verdadeira carne ou verdadeiro sangue, não são em sentido físico, o corpo e o sangue de Jesus. Existem cerca de 26 milagres eucarísticos, com aparição de sangue ou carne, listados por Ladame e R. Duvin, acontecidos entre o século VIII e XX: 10 na Itália, 7 na Espanha, 3 na França, 2 na Bélgica, 2 na Holanda, 1 na Alemanha e 1 em Portugal (Santarém, 1247). (ANDRADE, 2004, p.48-49).

Em abril de 1892, foi roubada a urna que continha as hóstias e os panos manchados de sangue que o Bispo tinha mandado transferir para o Crato. O acusado foi José Joaquim Marrocos, mestre-escola em Crato. Esse Marrocos tinha sido seminarista e por problemas familiares havia deixado o Seminário. Era culto e falava quatro línguas. A suspeita se confirmou, 18 anos depois, quando a urna foi encontrada entre seus objetos (BARBOSA, 1992, p. 27). Dom Joaquim ficou convencido que Juazeiro estava vivendo um verdadeiro cisma. Em 5 de agosto de 1892, Dom Joaquim baixou um decreto, suspendendo de ordem o Padre Cícero, privando-o do poder de pregar, confessar e orientar fiéis. Somente lhe deixou o poder de celebrar a Missa. Em março de 1893, o Bispo enviava uma carta pastoral desacreditando os fatos do Juazeiro, embora sem condená-los formalmente e exortava os fiéis a ignorá-los. (BARBOSA, 1992, p. 35).

¹¹ A Proclamação da República foi acolhida como o fim do mundo. Era o advento do anticristo. Ser republicano ou maçom eram tidos como filhos do diabo. (COMBLIN, 1991, p.10-11).

O caso do Milagre de Juazeiro foi então entregue ao Santo Ofício no Vaticano. Antes, o Vaticano já havia recebido dos partidários do Padre Cícero os apelos contra as decisões do Bispo. Realmente, em todo o Vale do Cariri, a hostilidade ia crescendo contra a pessoa do Bispo, e, por isso, em dezembro de 1893, colocou o povoado do Juazeiro sob interdito parcial, isto é, nenhum ato religioso poderia ser feito na Capela das Dores. (BARBOSA, 1992, p. 29).

Finalmente, no dia 31 de julho, do Santo Ofício, do Vaticano, chegava a reprovação dos fenômenos do Juazeiro, avaliados como “gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia”. A repressão mais forte estava por vir. As romarias deveriam cessar. Documentos, fotos e medalhas deveriam ser queimados e recolhidos. Os padres que tomassem a defesa do Juazeiro seriam suspensos da ordem: e quase todos se submeteram. Os leigos seriam penalizados e privados dos sacramentos. A urna deveria ser devolvida no prazo de 30 dias e caso não acontecesse, seu autor seria excomungado. E, ainda, Padre Cícero deveria restituir todo o dinheiro recebido em razão dos milagres do Juazeiro. E Maria de Araújo, sofrida e castigada, foi removida para Barbalha, onde morreu, esquecida e abandonada pela Igreja (BARBOSA, 1992, p.31). Padre Cícero acompanhou seu sepultamento na Igreja do Socorro. Sua sepultura foi violada, por ordem do Mons. José Alves de Lima, e seus restos mortais foram enterrados em lugar ignorado, com a finalidade de cessar o culto à beata. (BARROS, 1941, p. 307). Por esse tempo, conforme Barbosa, já existia a determinação do Bispo para que nenhuma criança fosse batizada com o nome de Cícero. Teria que mudar de nome na hora do Batismo. (1992, p.36).

A população de Juazeiro sofreu com os conflitos em torno do Padre Cícero e soube preparar a resistência da qual nasceu um movimento popular. Interessante é saber que seis associações lideravam basicamente a resistência: o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, a Confraria de São Vicente de Paulo, a Confraria de Nossa Senhora das Dores, a Confraria do Ssmo. Sacramento, a Confraria do Precioso Sangue e, por fim, a partir de 1895, a Legião da Cruz. Tornaram-se assim tropas de choque, na campanha pela reabilitação de Padre Cícero. A Legião da Cruz tinha cinco mil membros em Juazeiro e mais de dez mil fora de Juazeiro. (DELLA CAVA, 1985, p.108-109).

Arrecadaram muito dinheiro. As tentativas foram muitas para encontrar os caminhos da pacificação. A visita de Padre Cícero ao Núncio, em Petrópolis, resultou em

mais uma decepção. E as Romarias aumentavam, apesar da proibição do Bispo. Enfim, Padre Cícero foi também proibido de celebrar a Missa. (BARBOSA, 1992, p. 32).

Final do ano de 1896 e um acidente poderia ter tirado a vida de Padre Cícero e causado a maior tragédia do Juazeiro. Cinco homens desconhecidos avançaram sobre Padre Cícero, armados de facas. O povo não permitiu. A revolta foi grande e nunca se soube de quem teria partido a ordem, embora se suspeitasse que tivesse vindo do Crato. Por isso, o Crato temeu com os boatos de uma invasão de cinco mil homens armados para destruir a cidade. (BARBOSA, 1992, p. 33).

Em junho de 1897, a resposta de Roma chegada do Santo Ofício ameaçava Padre Cícero de excomunhão, a não ser que se retirasse do Juazeiro. Ele partiu imediatamente para Salgueiro, onde permaneceu vários meses. Era seu pensamento e também sua esperança a vontade de ir a Roma para pessoalmente se defender junto ao Papa Leão XIII. Muitos ajudaram, inclusive o Presidente da Província de Pernambuco. Padre Cícero passou oito meses em Roma. Foi atendido várias vezes pelo Santo Ofício e numa audiência brevíssima foi também recebido pelo Papa Leão XIII. Ele poderia celebrar Missa em Roma e se o Bispo lhe permitisse também no Ceará. O Santo Ofício lhe sugeriu que saísse de Juazeiro, mas não o obrigou. De volta para o Brasil trouxe dois crucifixos abençoados pelo Papa: um presente para o seu Bispo, como sinal de reconciliação e o outro para o Bispo de Olinda. Mas tudo voltou atrás, pois o Bispo não lhe permitiu rezar Missa. (BARBOSA, 1992, p. 33-34).

Em Roma, Padre Cícero celebrava na Igreja de S. Carlos, como informação de Barbosa (1992, p. 34), sendo absolvido pelo Supremo Tribunal Romano aos 07 de setembro de 1898. Em carta datada de 25 de março e enviada ao farmacêutico Joaquim Secundo, do Crato, Padre Cícero assim confidenciava:

Meu e bom amigo Secundo. Já se passaram 03 meses que estou aqui e quase um ano que ando desterrado; não me queixo e nem digo coisa alguma, somente digo a Deus que é o dono de todas as coisas e dirige o homem por caminhos que só Ele sabe; seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no céu. (MOREL, 1966, p. 37)

Os romeiros cada vez mais numerosos chegavam ao Juazeiro. Muitos nordestinos, sobretudo de Alagoas, vieram estabelecer-se em Juazeiro. Os mais ricos do Crato e do Cariri se afastaram do Padre Cícero, movidos pelas ordens do Bispo. Houve tensões entre os mais antigos e os mais novos habitantes do Juazeiro, que Padre Cícero conseguia apaziguar. Com todos estes conflitos Juazeiro crescia. Ao entardecer, diariamente, Padre Cícero reunia na Praça Pública seu povo, para lhe dar conselhos, exortações e advertências. E terminava

abençoando a todos. As lições de Padre Cícero muito se pareciam com o ensinamento dos missionários, insistindo no Juízo Final, na denúncia dos pecados do mundo e a ameaça dos castigos de Deus.

O Juazeiro passa a ser a Nova Jerusalém, carregada de toda forma mítica. O mito do paraíso perdido pelo homem pecador e excluído se dá aqui. Nesse espaço, o romeiro encontra a solução para as suas misérias. O Santo Sepulcro é o lugar mais denso de mistério no Juazeiro. Além da Matriz de Nossa Senhora das Dores e no Horto, o Museu ganha uma simpatia muito afetuosa. Tudo no Juazeiro está marcado pelo Mito do Sagrado, principalmente pela “hóstia consagrada”. O encanto do Juazeiro é o grande foco de atração das romarias. Depois do fenômeno da hóstia, Juazeiro se transformou na consciência da época, em onde Padre Cícero seria o Novo Redentor. (LIMA, 1995, p. 147).

E ainda se ouvia de Padre Cícero o convite aos romeiros de fora, para que viessem morar em Juazeiro, diante das expectativas do fim do mundo. As cartas do Padre Cícero, suas orientações simples colavam no coração da massa:

Não vá morar em terra de senhor de engenho.
 Não venda suas terras.
 Não queiram morar em terra alheia.
 Compre sua terra. (BARRETO, 2002, p. 41).

Monsenhor Alexandrino, do Crato, fazia então um relato valioso, porém, bastante crítico, exagerado, descrevendo a “Nova Jerusalém”:

No Juazeiro de hoje, raro é o indivíduo, homem ou mulher, que segue o catolicismo; cada um tem a religião como pensa, sendo Cícero o seu ministro, seu centro, um deus. Muitos lhe negam qualidades mortais, dizendo que ele não nasceu e que, se tem mãe, isto é, apenas uma comparação. (DELLA CAVA, 1985, p.136).

Por esse tempo surgiu José Lourenço Gomes da Silva, um negro paraibano, que chegando ao Juazeiro na época dos “milagres”, em 1890, integrou-se e tornou-se um penitente. Anos depois, foi com a família viver no Sítio Baixa d’Anta, onde acontecia o fenômeno do “Boi Mansinho”, que fazia milagres: suas fezes e urinas serviam de remédio. Floro Bartolomeu, criticado como “Deputado de bandidos e fanáticos”, pressionado, mandou prender o beato José Lourenço e matar o boi “Santo”. (ALVES, 2002, p.430). Morreu José Lourenço no dia 12 de fevereiro de 1946, de peste bubônica. (ALVES, 2002, p.464).

Os historiadores costumam minimizar o fenômeno de Caldeirão de forma folclórica e fantasiosa, segundo comentários críticos de Alves. A crítica se estende inclusive

aos brasilianistas como Ralf Della Cava. Caldeirão era um sítio abandonado, com cerca de 900 hectares, aos pés da Serra do Araripe, a 20 Km do Crato e de difícil acesso. (2002, p.426).

A comunidade religiosa do Sítio Caldeirão, sob a liderança do beato José Lourenço Gomes da Silva, foi destruída por forças policiais, em 1937. Esta reproduziu no Crato, em proporções menores, a tragédia de Canudos, com a liderança de Antônio Conselheiro. (ALVES, 2002, p.426).

Canudos (1896-1897) e o Caldeirão (1936-1938) eram portadores, apesar das diferenças de um ponto comum: o choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja. O completo analfabetismo e o obscurantismo das populações rurais, com um cunho religioso, místico, gerou o que se chamava de fanatismo. (FACÓ, 1976, p.39).

Solto e humilhado com a fama de fanático, José Lourenço voltou ao Sítio d'Anta até ser expulso. Passou algum tempo em Juazeiro. Em 1926, voltou ao Sítio Caldeirão, dos jesuítas, terra pertencente ao Padre Cícero. Aqui milhares de homens e mulheres oravam em torno dele, o novo Bom Jesus. Caldeirão era um sítio abandonado, com cerca de 900 hectares, aos pés da Serra do Araripe, a 20 km do Crato e de difícil acesso. (ALVES, 2002, p.430).

As ligações entre Juazeiro e Caldeirão eram evidentes:

Após a morte do Pe Cícero, em 1934 – época em que os habitantes do Caldeirão passaram a se vestir todos de preto, em luto perpétuo pelo “Santo” do Juazeiro – grande parte dos romeiros que iam a Juazeiro visitar o túmulo do Patriarca, faziam questão de ir ao Caldeirão pedir a benção ao beato José Lourenço. (ALVES, 2002, p.456).

O Tenente José Góis de Campo Barros, primeiramente como espião, comandou a completa destruição do Caldeirão em setembro de 1936. O Beato José fugiu para a Serra do Araripe. No sítio União, município de Exu, em Pernambuco viveu em paz, durante oito anos. Morreu no dia 12 de fevereiro de 1946, vitimado pela peste bubônica. (ALVES, 2002, p.464).

A atuação dos romeiros não surgiu como uma forma de dissidência, mas sim como uma busca insistente pelo seu reconhecimento e identidade católica. Assim como Padre Cícero, os romeiros atuais, mesmo quando empurrados para a margem, não reivindicavam uma autonomia em relação à instituição, mas, desde aí, buscavam garantir seu reconhecimento e sua pertença institucional. (STEIL, 2004, p. 185).

Atravessa o sertão, a romaria. Vai o romeiro de caminhão, de ônibus, de automóvel. Todos os anos eles saem da Chã do Pilar, em Alagoas, viajando de bicicleta.

Alguns fazem a pé, o caminho do Juazeiro. Os troncos das árvores próximas das estradas recebem marcas em forma de cruz, e notam-se os restos de uma refeição comunitária.

O sonho de todo romeiro nordestino é chegar ao Juazeiro e ver o Padrinho da pobreza, protetor dos desvalidos, cujas mãos abençoavam e fortaleciam suas vidas. São multidões de romeiros vindos de toda a parte. Piedade e alegria, contrição e felicidade se completam nestes homens e mulheres fiéis.

Os romeiros fermentavam um protesto surdo, ante a saída provável de Padre Cícero. O Bispo do Ceará, Dom Joaquim Vieira, escrevia ao Núncio Apostólico sérias acusações ao Padre Cícero.

Este sacerdote é um desequilibrado. Atualmente os fanáticos só prestam veneração ao Padre Cícero que é tido como padre santo. Finalmente, esta triste história continuará com maior ou menor ruído, enquanto o Padre Cícero permanecer em Juazeiro. Sei que este sacerdote tem se dirigido ao Rev. Sr. Internúncio e a Santa Sé, acusando-me e queixando-se. “O único meio eficaz para acabar-se inteiramente com esta superstição é teimosia, seria chamá-lo a Roma”. (BARBOSA, 1997, p. 27).

No início do século XX, o Juazeiro havia crescido, graças ao número cada vez maior de romarias. Em 1901, contava com vinte ruas, mais de doze mil habitantes, várias escolas, uma banda de música dirigida pelo Mestre Pelúcio Correia de Macedo, agência telegráfica, algumas lojas, mercearias, armazéns e fartos produtos artesanais. As multidões tomavam conta do lugarejo em busca dos conselhos do Padre Cícero. Todos o chamavam carinhosamente de “meu padrinho”. (BARBOSA, 1992, p. 30).

Em todas as Cartas Pastorais, Dom Joaquim humilhava os romeiros chamando-os “povo ignorante”. Contrariamente à opinião de que o Milagre do Juazeiro se originou entre as camadas mais baixas. Coube, porém, aos Padres do Vale do Cariri desempenhar o papel mais importante na divulgação e na justificação da crença popular nos milagres. (DELLA CAVA, 1985, p. 52).

A romaria leva o romeiro a realizar e vivenciar uma experiência religiosa. Ele tem consciência profunda do significado sagrado do caminho, da refeição partilhada sobre as brasas do fogo improvisado, mas, sobretudo pela irmandade vivida nesses dias especiais antes de chegar ao lugar sagrado. A comunicação com o outro mundo, o mundo sagrado, é feita ritualmente nos santuários. Este espaço passa a ser o “Centro” por excelência. Toda religião tem uma história, uma memória feita de tradição. (ROSENDAHL, 2002, p. 35).

As romarias no Brasil datam do século XVI, sendo de origem portuguesa. Muitas

vezes, a romaria foi identificada como costume religioso exótico, passa a ser compreendida como expressão de resistência, de protesto, uma forma de reivindicar suas crenças religiosas. Essa gente não detém um conhecimento sistematizado e, sim, um conjunto de mitos e práticas do sagrado que se constitui em saber oral, recriados na memória coletiva popular. (ROSENDAHL, 2002, p. 73).

A influência do domínio português, através dos primeiros missionários que aqui se instalaram, dotaram o Brasil de ricas e variadas devoções populares. Até hoje, nossas pesquisas confirmam a existência de duas faces na religião. Uma oficial, executada pela instituição e a outra feita pelo povo, que de forma espontânea e livre, realiza sua devoção. O tempo da romaria da Padroeira é pleno de graça do Deus da vida, que renova e reproduz os sonhos aparentemente perdidos. Felizmente, os sonhos sobrevivem no imaginário do inconsciente humano. O ideal da romaria acontece quando o profano e o sagrado se dão as mãos e quando o institucional e o popular se respeitam e se fundem.

Convém, neste momento, intercalar uma reflexão sobre o chão do cristianismo ou religião popular, com todos os seus elementos complicadores. A distinção entre “religião oficial” e “religião popular” data no Brasil dos estudos de Roger Bastide¹², o primeiro a chamar-nos a atenção sobre esta característica. Historicamente no Brasil é proveniente do catolicismo português do século XVI. Bastide falava sobre a existência de um “catolicismo doméstico”, dos chefes de família e das parentelas, diferente do “catolicismo mais romano, mais universalista das ordens religiosas e principalmente dos jesuítas”, partindo de seu conhecimento da estrutura sócio-econômica peculiar no Brasil colônia onde o poder estava nas mãos dos ricos proprietários rurais que dominavam também o setor religioso. Thales de Azevedo falava de “pluralidade de catolicismo”, mas que em última análise se reduzia àquela dicotomia fundamental. (QUEIROZ, 1983, p. 84-85).

O catolicismo popular se exprime através de elementos culturais e as culturas populares se exprimem através de elementos religiosos. A simbiose em alguns casos é tão forte que não é fácil distinguir o que pertence à cultura do que pertence à religião. (GALILEA, 1978, p. 58).

O catolicismo popular não pode, porém, ser qualificado nem interpretado por uma

¹² Roger Bastide chamava a atenção para a existência, no Brasil, de um catolicismo doméstico dos chefes de família e das parentelas, diferente do “catolicismo mais romano, mais universalista, das ordens religiosas e principalmente dos Jesuítas.” A maneira pela qual Bastide estabelece sua dicotomia difere, porém, bastante da que é utilizada atualmente. (QUEIROZ, 1983, p.84). Bastide chegou a São Paulo em 1933, para fundar a USP. (VALLE apud QUEIROZ, 1984, p.79).

destas ciências. Este processo pode ser uma tentativa de análise reduitiva da religiosidade, de acordo com Galilea (1978, p. 57).

Esta diferenciação nos leva a entender que o termo popular é ambíguo: designa o que pertence à maioria dos homens; é também muito utilizado para os estratos inferiores da população. Quando se fala em religião oficial e religião popular, há uma outra versão. A religião oficial é a verdadeira e é vivida enquanto que a religião popular é seguida pelas camadas inferiores cujas crenças são fruto de magia e superstição.

O Brasil mudando-se do campo para a cidade, encontra-se com a industrialização. O catolicismo popular, existindo nas zonas rurais, permanecia fora do controle eclesial, composto de um tecido de irracionalidades, de superstições, de arcaísmos. Uma vez na cidade, participando do processo de urbanização, ocasiona um catolicismo mais espiritualizado, mais condizente com a racionalidade do mundo urbano-industrial. De forma lógica poderíamos concluir que com o advento dominante da modernidade, numa sociedade urbana, os jornais e o rádio cuidariam de extinguir aquele cristianismo popular.

Não aconteceu, porém, assim. O cristianismo popular não se extinguiu; ainda é encontrado sobretudo nas camadas de analfabetos e de baixa renda. Esta teoria serve cientificamente para explicar os catolicismos brasileiros? A resposta pode ser esclarecida junto aos acontecimentos em volta da Questão Religiosa do Juazeiro do Padre Cícero. (QUEIROZ, 1983, P. 85-86).

Em meados do século XIX, o quadro religioso vigente no interior do Ceará, ou melhor, no sertão nordestino, era de extrema carência. Havia o dismantelo do clero e do corpo de crenças e práticas ligadas ao catolicismo, baseadas na doutrina católica, mas que funcionavam de maneira autônoma frente às autoridades eclesiásticas. Também não havia padres suficientes para atender a região, e muitos estavam envolvidos com desmandos morais. A vida sacramental era incompleta e ausente. As missões, feitas pelos capuchinhos, atendiam parte da demanda, mas o conteúdo das pregações despertava o medo da ira divina, contra a perdição dos homens e apontavam o fim do mundo. As crenças supersticiosas e escatológicas cresciam dentro do fértil terreno popular. (DELLA CAVA, 1985, p. 35).

Foi neste contexto de implantação do catolicismo romanizado, que surgiu no Nordeste Padre Cícero. O Seminário da Prainha, dirigido pelos padres lazaristas franceses, estava apto para um trabalho de recuperação. E seu trabalho inicial, de pregação e apurada sacramentalização, revelava o caminho certo. A situação crítica de miséria e fome, sobretudo,

causada pelas freqüentes secas, pressionaram Padre Cícero a seguir os passos de seu precursor, o Padre Ibiapina. Isso não podia prever o Bispo do Ceará, Dom Luis Antônio dos Santos, seriamente empenhado no processo de renovação do clero e dos fiéis.

Padre Cícero, como nos afirmava Della Cava, gozava de uma reputação íntegra com um forte sentimento religioso (1985, p. 42). O Padre estava preocupado em trazer o povo para a Igreja, com a vida sacramental, mas também com a realização de providências coletivas, pois, não era um padre de sacristia, conforme depoimento de Amália Xavier (1969, p. 39-40).

Por volta de 1900, a figura profética do Padre Cícero ganhou uma dimensão mítica, envolvida pelo repertório popular dos trovadores e cantadores. Assim, foi transformado num homem profético e milagroso. (DELLA CAVA, 1985, p.17-18).

Juazeiro e Padre Cícero teriam vivido tranquilamente, não fossem os acontecimentos dos milagres ocorridos em 1889. De certa forma, estes acontecimentos são os eventos fundadores do Movimento do Juazeiro (PAZ, 1998, p. 45). Padre Cícero, amparado pelos fiéis, manteve suas convicções de que os eventos eram milagrosos e eram sinais de Deus contra o laicismo, o positivismo, a república, a maçonaria, o protestantismo e o liberalismo. Com medo de cismas, a autoridade da Igreja impôs a suspensão de ordens ao Padre Cícero e a indicação de um novo sacerdote para a Capela de Nossa Senhora das Dores. As medidas acabaram por surtir efeitos não previstos. Não puseram fim ao movimento e provocaram a reação dos fiéis contra a hierarquia. As autoridades fomentaram, assim, a veneração do Padre Cícero, como profeta e santo e, além disso, como conselheiro, pregador e benzedor, qualidades que marcaram sua vida. A interdição da Capela de N. Sra. das Dores durante vinte e um anos, sem os serviços religiosos necessários que são celebrados pelos sacerdotes, abriu espaço para a atuação de beatos e beatas. Outras atividades religiosas, conforme Paz, eram realizadas então pelos leigos, contrariando as novas orientações da Igreja (1998, p.47-48). No centro de toda esta questão estava o Padre Cícero, empenhado em obedecer à Igreja e não abandonar o seu povo. O cisma não aconteceu devido à atuação conciliadora e a autoridade moral e religiosa de Padre Cícero. (PAZ, 1998, p. 49).

O movimento do Juazeiro tem como fundo cultural o conflito entre catolicismo popular e catolicismo romanizado. A dicotomia entre os dois catolicismos e não a complementariedade possível entre os dois, fez crescer a questão e ganhar contornos incontroláveis.



Foto 5 Os antigos “paus-de-arara” são substituídos pelos ônibus.

Quem são os romeiros? São crianças, jovens, casais, famílias, trabalhadores da roça, das cidades, pessoas simples. Sua fé de romeiros é tátil. Crê pegando, sentindo, vendo. Ama o chão sagrado do Juazeiro, como espaço santificado. A romaria é o caminho feito na fé, sob a melodia dos benditos e invocações, caminho de esperança, que passa pela área penitencial. A maneira de falar do romeiro é densa de religiosidade, de experiência sagrada, de muitos sonhos. Mas, algumas vezes, a convivência promovia desencontros e maldades, deixando para trás uma idealização conforme encontramos em Lima:

Quando eu estou no Juazeiro, eu sinto muita alegria, o prazer de estar ali, no meio daquela irmandade toda. Tudo bem unido, a gente não vê ninguém com arenga, com encrenca, com nada. Romeiro é união. Se um não tem o outro tem. Tudo é repartido. Romaria é um conjunto. É o povo caminhando. É um bando. Tudo em uma casa. É um conjunto de irmãos... ninguém maltrata o outro. (1995, p. 182.)

O homem religioso sente a necessidade de mergulhar periodicamente no tempo sagrado que lhe oferece a segurança e a esperança de continuar a viver em meio a todas as contingências históricas. A ida e a aproximação misteriosa desse tempo sagrado lhe garante o sucesso da vida no tempo dos eventos históricos. O tempo sagrado, afirma Eliade, funda igualmente o tempo existencial histórico, porque ele é o seu modelo exemplar (1995, p. 79). A origem das realidades e da própria vida é religiosa. Na festa, reencontra-se, de forma plena, a dimensão sagrada da vida. Experimenta-se a santidade da existência humana, como criação divina. No resto do tempo, é sempre arriscado perder-se o que é essencial. Sair do tempo histórico e penetrar no tempo mítico pode parecer alienação ou fuga da realidade histórica.

Em parte, esse fato explica os anseios do homem, que para se salvar e não naufragar nas águas tormentosas da vida cotidiana, encontra forças de sua resistência para beber água na própria fonte da vida, a divindade. O homem enfrenta, luta, conquista, às vezes, cai e é derrubado. Constrói a história, e, no entanto, não se cansa, pois é sempre prazeroso entrar na nostalgia das "origens". É como se de dentro do mais íntimo do homem houvesse sempre a tentativa de irrupção da "Nostalgia do Paraíso" ou, do "Paraíso Perdido". Essa realidade pode parecer aos olhos do homem moderno um gesto primitivo que o paralisa e o incapacita ao progresso, uma vez preso ao mito do eterno retorno. (ELIADE, 1995, p. 83).

O tempo ideal da romaria acontece quando o profano e o sagrado se dão as mãos e quando o institucional e o popular se respeitam e se fundem, como em Juazeiro do Padre Cícero. O Juazeiro de Padre Cícero constitui-se atualmente num amplo campo de pesquisas. São inúmeras as produções científicas e os cientistas da religião que têm se debruçado sobre questões tão envolventes. (WALKER, 1995, p. 12).

Sua igreja é a católica, mesmo quando vivem a contradição das perseguições ao Juazeiro e ao seu Padrinho. “A romaria é uma oração nas estradas. Os romeiros do Juazeiro experimentam o mergulho da ansiedade no ritual da deambulação”. (BARRETO, 2002, p. 47).

Em Juazeiro, são os romeiros, os donos da terra. Sentem-se á vontade, são agentes. A romaria é uma festa¹³. O Santuário da Mãe das Dores é uma Casa Alegre, profundamente humana. Aqui, o romeiro canta, chora, suplica, abraça. No confessionário, ele lava a alma, o pecado é confeccionado de sofrimentos, penúrias e muitos lamentos. O que eles pedem e procuram da Igreja? Primeiro, a Palavra de Deus, seguida do sacramento e a partilha. O padre deve saber escutá-los, abençoá-los, com muita atenção e carinho. Os romeiros buscam um Deus de amor, experimentado numa Comunidade Eclesial. Hospedam-se em ranchos, hotéis e pousadas. A presença deles enche de calor a cidade. Num chão de esteira sentam-se para partilhar o que comem. Qualquer um será bem-vindo. A mesa de chão é de todos. No caminho, para trás, deixam “pedras de trempe e o fogo, ainda fumegante”, não como esquecimento, mas para que possam servir aos que vierem depois. (BARRETO, 2002, p. 48-49).

Os romeiros, vivenciando a sua religiosidade, muitas vezes acreditavam em acontecimentos apocalípticos, próprios de momentos carregados de sofrimentos e

¹³ As festas são uma prática forte da religiosidade popular. As festas levam a uma formação do grupo que projeta num santo padroeiro aquilo que é produto do seu trabalho coletivo. Elas devem ser preservadas de toda profanação, pois, se a crença no poder dos santos se enfraquecer, todo o sistema de domínio sobre o mundo que se esfacela, tornando, insuportável à existência humana. (JORGE, 1998, p.73-74).

inseguranças. Os primeiros romeiros também disseram que ouviram o Padre Cícero dizer que quando o sol escurecesse, os amancebados e amasiados correriam todos virados em bichos... e que depois que o sol limpasse, a chuva que caísse no chão, não daria para apagar o rastro de um animal de tão pouca que seria. Secariam todas as cacimbas, que mal dariam para os donos beber e cozinhar... E o Sertão ficaria pelado não haveria folha verde em paus...

Disse Jesus Cristo que nos últimos tempos haveria de multiplicar-se a iniqüidade e o amor de muitos havia de esfriar. Quer dizer que a santa religião cristã seria abandonada, que a terra atualmente esta cheia de falsas religiões, de falsos profetas e de falsos cristãos[...] (COMBLIN, 1996, p. 23).



Foto 6 Os Romeiros na Matriz das Dores com seu chapéu de palha, no adeus da romaria.

As romarias se circunscreviam como eco de um passado missionário. O chapéu de palha na cabeça abrilhantava a liturgia da festa. O rosário no pescoço, sinal de fé e uma forma de identificação romeira. (BARRETO, 2002, p. 51).

A diferenciação entre o sagrado e o profano, que segundo Durkheim é uma característica da religião, é o que determina a importância da romaria para os devotos do Padre Cícero. O mundo de cá é o espaço profano do pecado, das misérias e do sofrimento. O mundo de lá é o espaço sagrado do encontro com os santos, da felicidade, da harmonia entre os homens e a solução das misérias da vida cotidiana. O santuário conserva uma força que nenhum poder merecedor consegue captar. (LIMA, 1995, p. 172).

A experiência do romeiro é algo que hoje tem reflexão elaborada e sempre avaliada. “Religião popular é como uma montanha que se deve subir passo a passo”, sentenciava S. Gregório Magno. (BARRETO, 2002, p. 51). O Santuário é a Casa de Deus, mas lugar de encontros humanos. O romeiro tornou o Juazeiro um lugar sagrado, onde a

utopia de um mundo melhor se torna realidade em sua imaginação. Herança do catolicismo medieval, a romaria é uma das principais devoções do catolicismo popular no Brasil.



Foto 7 Celebração de despedida da festa de Nossa Senhora das Dores.

Padre Cícero é a grande memória da Igreja do Nordeste. No entanto, são os romeiros que mais aparecem. Eles fazem a Igreja dos Pobres, gente simples e humilde. O Juazeiro tornou-se assim o grande Santuário do Nordeste. Uma equipe pastoral cientificamente assistida pelas Irmãs Ana Tereza e Annette naturais da Bélgica viu o resultado feliz de suas intuições pastorais, sob a coordenação inteligente do Padre Murilo de Sá Barreto.

Padre Cícero é a continuação do mesmo Jesus, diz Padre Murilo, “quando os romeiros afirmam que meu *Padim* é a pessoa da Santíssima Trindade. Foi Jesus quem nos enviou o Padre Cícero, pois ele é a segunda pessoa de Jesus Cristo”. (BARRETO, 2002, p.53).

A consagrada escritora cearense, contemporânea de Padre Cícero, nos relatou sua impressão quando o conheceu aos oitenta anos:

“Quando conheci meu Padrinho tinha mais ou menos oitenta anos: já não parecia um ente humano, mas uma imagem animada com aquela fala diferente a que se refere um cantador”, conforme observações pessoais da escritora cearense. (QUEIROZ, 1944, p. 33).

O catolicismo patriarcal era bem funcional no Brasil. Veio da Europa marcado pelo estilo monacal, puritano, avesso ao sexo, aqui se tornou sensual, suportando a poligamia e os namoros nas portas das igrejas. Festejava Santo Antônio namoradeiro e casamenteiro.

(HOORNAERT, 1974, p. 83). A literatura regional nordestina do modernismo brasileiro, com José Lins do Rego, em *Meninos de Engenho*, assim relata:

Pagava-se muita promessa, dava-se muito dinheiro para as festas de Nossa Senhora. Mas nunca vi ninguém do engenho numa mesa de comunhão, nem mesmo a tia Maria. O povo pobre do eito só se confessava na hora da morte, quando à revelia deles, mandavam buscar o padre nas correrias. E, no entanto não tiravam Nosso Senhor da boca e fazia novenas a propósito de tudo... Era assim a religião no engenho onde me criei. (REGO, 2003, p. 70).

O domínio romano no catolicismo brasileiro veio muito tardiamente, sobretudo a partir da “Questão Religiosa” e com a Primeira República. A clericalização do catolicismo brasileiro é recente (HOORNAERT, 1974, p. 77). Há uma crítica na tentativa de identificação da “religiosidade popular”. Muitos preferem denominar “catolicismo popular”. Os dois conceitos não são equivalentes. Religiosidade popular tem uma abrangência maior que catolicismo popular. (GALILEA, 1978, p. 11).

Entende-se como religiosidade popular, um conjunto de crenças e devoções marcadas pela fé em Deus que, para muitos, apresenta aspectos positivos e negativos. A cidade Santa e o Oratório, em particular, levam o povo à euforia, que, divididos ou combinados em grupo, transforma rua, praça, em grandes cenários para exaltar louvores e clamores ao santo.

A religiosidade popular tem uma afinidade com o povo pobre, cuja religiosidade é coerente com a cultura. As grandes características do catolicismo popular são: a predominância do devocional e a marginalização eclesial. (GALILEA, 1978, p. 14).

Habitualmente, a situação socioeconômica do catolicismo popular é de pobreza – muitas vezes extrema-insegurança e injustiça” (GALILEA, 1978, p. 61). As culturas também apresentam seus “pecados”, não sendo perfeitas, com elementos decadentes ou degradados.

A ‘religião da pobreza’ se nos manifesta demasiadamente interessada em benefícios, bastante ritualista, de um providencialismo excessivo... As dimensões, objetivamente alienantes da religião da pobreza não constituem o seu único traço. Paradoxalmente, ela encerra também virtualidades libertadoras. (GALILEA, 1978, p. 62).

A religiosidade popular “não é simplesmente reflexo do sistema dominador, mas tem a sua originalidade”, conforme nos relata Hoornaert. Ainda completa o conhecido pesquisador:

Foi o catolicismo dos pobres que guardou durante séculos a mensagem evangélica para o Brasil e que continua a redimir o catolicismo oficial comprometido com o sistema, de seus numerosos pecados. (1974, p. 104)

Predominantemente afetiva, a religiosidade popular tem um grande senso de Deus, presente no culto, nos ritos e nas coisas sagradas. É também uma fé “itinerante”, pois amam as romarias, os santuários. O simbolismo é parte essencial. A morte tem um sentido profundamente religioso. Tudo isso se mistura com muitas promessas. Os santos têm um grande poder. Alguns sacramentos são mais populares que outros. O Batismo, a Crisma, a Primeira Comunhão e os ritos da morte eram bem aceitos. A missa não passava de uma “devoção”. Outra característica era a influência do feminino, devido à presença maior das mulheres. (GALILEA, 1978, p. 16).

Hoornaert, escrevendo sobre a formação do catolicismo brasileiro, nos aponta utopias políticas em Frei Caneca, nas poesias de Castro Alves, no desejo de liberdade dos quilombolas, nas comunidades igualmente utópicas dos pobres de Antônio Conselheiro ou de Padre Cícero, na luta pela independência econômica levada por Monteiro Lobato, nas palavras proféticas de Dom Helder Câmara. (1974, p. 102).

Ainda anotado por Hoornaert, as palavras do teólogo alemão Moltmann, são bem-vindas neste contexto:

Um futuro ainda não realizado pode esconder-se no passado. O passado realizado pode ser procurado no futuro. Essa imperfeição do que foi realizado diante do que foi intencionado, esperado e anelado me parece a mola propulsora da história e da ciência histórica. (MOLTMANN, apud HOORNAERT, 1974, p. 102).

O enfraquecimento do aparelho eclesiástico durante o século XIX favoreceu o desenvolvimento do catolicismo popular, sustentado pelos beatos, rezadores, monges, capelães. Julgava-se que este catolicismo popular era uma negação prática do catolicismo romano. A crítica recaía sempre na ignorância do povo. José Comblin, teólogo católico belga, contesta a versão da pretensa ignorância do povo:

O povo não se interessa pela catequese porque não sente falta de conhecimentos religiosos. Nós achamos que eles estão precisando de catequese. Mas eles não se acham ignorantes em matéria religiosa. Ao invés, eles acham que em assuntos religiosos, sabem todas as coisas necessárias para a vida... Na realidade, o povo não é ignorante de sua religião, desse catolicismo popular que se transmite por tradição oral de geração em geração desde os primeiros portugueses que o trouxeram há quatro séculos. O povo não conhece o catolicismo oficial da Igreja Católica, nem se preocupa por conhecê-lo... O povo não é ignorante da sua religião; é ignorante da nossa. (COMBLIN, apud OLIVEIRA, 1985, p. 277).

D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, grande líder do episcopado brasileiro, a partir dos anos 20, do século XX, foi um campeão da luta contra a ignorância religiosa, que

diagnosticava como o principal mal do povo brasileiro e também causa da fraqueza da Igreja. Ao lado desse motivo, apontava a falta de padres, conforme Ribeiro (1985, p. 279).

Rui Barbosa procurava acusar o catolicismo ultramontano de se converter no celeiro de fanatismo popular. Aزي assim faz suas considerações: “Na ótica liberal, marcadamente burguesa, a condenação do catolicismo popular se faz de modo veemente. São freqüentes as denúncias de superstição e fanatismo nas práticas religiosas do povo”. Rui Barbosa via o fanatismo religioso como extremamente perigoso, porque podia ser manipulado pelo clero ultramontano para derrubar as instituições do Império. (1992, p.163-164).

D. Macedo Costa, em documento confidencial intitulado “Pontos de Reforma na Igreja do Brasil”, apresentava as grandes linhas de reforma por ele propostas. Redigido em 1890, com cerca de 20 páginas e dividido em 9 capítulos formavam a súmula do processo de “romanização”, assim chamada porque o catolicismo brasileiro ficaria em conformidade com modelo romano. (RIBEIRO, 1985, p. 312).

De direito e de fato, a Pastoral Coletiva de 1915, serviu de constituição eclesiástica e de guia pastoral para a da Igreja Católica no Brasil até o Vaticano II. Este manual contém 06 títulos, 84 decretos, com um número variável de capítulos. Controlava a profissão de fé, a recepção do Bispo numa visita pastoral, as prescrições práticas para celebração da Benção do Santíssimo Sacramento, o regulamento das associações religiosas e outros mais controles. A síntese da Doutrina Católica da Salvação podia, enfim, ser encontrada no Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã, sob a forma de perguntas e respostas. (OLIVEIRA, 1985, p. 297).

As mudanças foram se sucedendo. Algumas devoções de santos foram substituídas. Três santos se destacavam dentre todos: o Sagrado Coração de Jesus, a Imaculada Conceição e São José. A Pastoral Coletiva, de 1915, dedicava um capítulo a cada uma desses temas e mais um para a Sagrada Família. A esses temas acompanhavam: o Apostolado de Oração, a Pia Associação das Filhas de Maria e a Congregação Mariana e, por fim, a Liga de Jesus, Maria e José. Mais tarde apareceram as Conferências Vicentinas, segundo análise de Pedro Ribeiro de Oliveira (1985, p. 310).

Agora a Igreja prestigiava essas expressões religiosas, devoções e suas festas, enquanto as outras devoções eram paulatinamente restringidas. Aos poucos, as antigas Irmandades vão sendo esvaziadas ou passam às mãos da hierarquia. Apesar de tudo isso, nas capelas rurais, a romanização não acontecia de modo eficaz. Os rezadores, beatos e beatas

permaneceram. No Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, os romeiros foram taxados como gente supersticiosa. Os romeiros, por sua vez, consideravam os padres e as freiras como protestantes. As romarias só podiam acontecer com a permissão eclesiástica. As capelas do interior deviam ser fechadas e depois só podiam ter celebração com a responsabilidade da hierarquia. Os agentes religiosos leigos foram reduzidos à condição de sacristãos ou zeladores nomeados pelo vigário. As capelinhas de estrada e de periferia das cidades perderam sua autonomia tornando-se sucursais da matriz ou então foram fechadas. Todo este processo levava o povo a perder a sua base comunitária, mas os oratórios domésticos foram salvos. E assim o catolicismo popular não desapareceu. As massas rurais não incorporaram as práticas oficiais da Igreja. Mesmo o Sagrado Coração de Jesus entrou neste processo de reinterpretação. (OLIVEIRA, 1985, p. 290).

Padre Cícero substituiu a Cristologia colonial do Sagrado Coração de Jesus. Organizou os leigos integrados no Apostolado da Oração. Mas trouxe para os romeiros a contrapartida feminina da Virgem das Dores. Retomou, porém, em seguida, o horizonte da antiga cristologia e começou a construção da imensa Igreja do Bom Jesus do Horto, interrompida por ordem do Bispo. (BARBOSA, 1991, p. 38).

Como já aludimos, Padre Cícero tinha, em seus planos, a idéia de construir uma Igreja no Horto, com motivos bíblicos e teológicos. A Montanha preferida de Jesus era o Horto. Foi um lugar preferido pelo Padre Cícero, pois, sempre lembrava a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. O Horto foi morada de beatos e hoje oferece ao romeiro uma subida, caminhada de fé, de oração e de penitência. (BARBOSA, 1992, p.15). O local é histórico e famoso pelas suas tradições e costumes populares. Aqui, tinha o Padre Cícero o hábito de descansar, além de ser um ponto visitado pelos peregrinos (MACHADO apud ARAÚJO, 1994, p. 118).



Foto 8 Os penitentes na Igreja de Barbalha, Ceará, em 2004.

Os romeiros chamaram o casarão de “Igreja de meu Padim!”. As romarias ao Horto preocupavam as autoridades eclesiásticas. Assim Padre Quintino, Pároco do Crato, no dia 27 de fevereiro de 1910, enviou uma carta a D. Joaquim aconselhando-o a não permitir rezar Missa no Horto. (BARBOSA, 1992, p.38). Padre Cícero morreu sem poder pagar a promessa de construir a Igreja do Horto. Em testamento, suplicou aos padres salesianos a continuidade de sua construção. As autoridades resistiram até há pouco tempo, para conter o mais perigoso foco de “fantasma”. As obras hoje, prosseguem com a autorização de Dom Fernando Panico.

O jornalista Morel de maneira crítica via os romeiros como homens e mulheres fanáticos, sobretudo quando estavam no Juazeiro:

Os romeiros são levas fanatizadas. Sua rezas são próprias, bem como seus rituais e procissões. Na Serra do Catolé, Padre Cícero sonha construir o maior templo católico brasileiro. Os penitentes ali estão alojados, como lugar sagrado onde Jesus foi condenado à morte. (MOREL, 1966, p. 84).

A estátua de Padre Cícero no Horto foi obra do artista Armando Lacerda. É a terceira no mundo pela grandiosidade. Foi inaugurada em 1º de Novembro de 1969 pelo Prefeito Mauro Sampaio. (PERINI, 1994, p. 118).

As “Santas Missões”, pregadas pelos religiosos, constituíam-se peça chave dessa pastoral tradicional. As missões baseavam-se nas pregações dos “Novíssimos” ou “últimas realidades”, isto é: morte, juízo particular, purgatório, inferno, céu, isso em nível individual e coletivamente: o juízo final, a ressurreição dos mortos, e a destruição do mundo pelo fogo. O fantasma do Juízo de Deus pairava sobre a vida cotidiana do fiel. De um pregador francês do séc. XVIII se lia:

Chorar, sofrer, gemer nas aflições e tribulações de toda espécie, eis o destino dos predestinados neste mundo, à parte de todos aqueles que aspiram ao céu e o único caminho que lá conduz. A religião cristã não tem outra moral. Sem enganar-vos, não podemos, meus irmãos, propor-vos outra linguagem. (apud LIBÂNIO, 1982, p. 25).

As “Santas Missões Populares” pareciam ter uma influência decisiva no processo de romanização, pois elas não negavam as tradições populares, antes, as usavam para referendar o processo de romanização. Traziam a sua contribuição decisiva para a mudança de hábitos da população pobre, com a pregação moralizante e conformadora que tanto auxiliam o domínio de certos segmentos sobre a população pobre, fundamentais então, no processo de romanização e europeização da Igreja do Brasil.

A romanização era um projeto da elite, europeu e romano que se contrapõe a um Brasil luso e popular.

Os projetos realmente populares – Canudos, Contestado e Caldeirão – foram projetos não apenas marginais, mas que tinham o epicentro fora da instituição eclesiástica e fora às alternativas socialmente aceitas. (SILVA, 1988, p. 81).

Ainda no mesmo contexto histórico do projeto ultramontano ou romanizador do Mestre Edilberto, em História, no Ceará, presente no III Simpósio Internacional, de 2004, no Juazeiro do Norte: “O Milagre acontece no interior de uma prática romanizada: a comunhão reparadora da primeira sexta-feira” (Apostolado da Oração) (REIS, 2004, p.48).

O Vaticano II enfocou, apenas de passagem, esta religiosidade popular. Medellín, porém, resgata a verdadeira história religiosa do continente latino-americano, manifestando sua sensibilidade antropológica para a questão:

Ao julgarmos a religiosidade popular não podemos partir de uma interpretação cultural ocidentalizada das classes média e alta urbanas, mas do significado que essa religiosidade tem no contexto da subcultura dos grupos rurais e urbanos marginalizada. Sua expressão pode estar deformada e mesclada, de certa forma, com um patrimônio religioso ancestral... Essas expressões podem ser balbucios de uma autêntica religiosidade, manifesta através dos elementos culturais disponíveis. (MEDELLIN, 1969, p. 27).

Conforme nos relata o Documento dos Bispos Latino-Americanos, estes, presentes em Puebla, também reconheceram a religiosidade popular como:

O conjunto de crenças profundas marcadas por Deus. Esta religião do povo é vivida de preferência pelo ‘pobre e simples’, mas abrange todos os setores sociais e, às vezes, é um dos poucos vínculos que reúne os homens em nossas nações politicamente tão divididas [...] A religiosidade popular não é só objeto de evangelização, mas também, enquanto contém encarnada a Palavra de Deus, é uma fórmula ativa com que o povo se evangeliza continuamente a si próprio. (PUEBLA, 1979, p. 199-221).

Há uma incômoda presença popular na Igreja. Desde muito tempo a Igreja combateu os "excessos" da religiosidade popular, apesar de agora começar a ver a sua importância; sempre combateu as folias, as Irmandades do Rosário, as Irmandades dos homens pretos.

A Igreja preocupou-se demais com seus aspectos doutrinários, segundo o nosso pensamento. Racionalmente fechou-se à vida que é maior que o que a razão pode trabalhar diante da vida. Enclausuraram Deus em seus esquemas teológicos e pensaram que assim estavam servindo a Deus e ao povo. Hoje, começa a haver uma reavaliação de tudo isso. Tudo

tornou-se tão oficial e unificado, que nada estranho podia entrar e participar dentro do espaço litúrgico estabelecido pelo Vaticano. As folias sempre ficavam do lado de fora

O Vaticano II (1962-1965) ofereceu um outro paradigma, diminuindo as influências sobre a herança tridentina. O Brasil pouco sofreu as conseqüências da Reforma, mas recebeu autoritariamente a Contra-Reforma. Isso se fez com a ajuda de padres estrangeiros e de movimentos europeus.

A romanização da Igreja no Brasil, progressivamente, sob a orientação dos bispos reformadores e colaboração de religiosos europeus, onde o clero dedicava-se à instrução catequética dos fiéis, afastando o povo da ignorância religiosa, das práticas supersticiosas e do fanatismo. Para tanto, eliminaram os elementos considerados profanos ao culto religioso. O clero assumiu a direção dos cultos e as devoções confiadas a religiosos europeus. E assim o clero assumiu exclusivamente as atividades religiosas e o governo da paróquia, transferindo para esta, as imagens dos santos de devoção, sendo ele mesmo o principal festeiro. Uma das principais inovações foi a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a elaboração de manuais conforme o Catecismo Romano. Desta forma, o catolicismo tradicional lusitano deixava de ser expressão de ignorância religiosa e superstição. Agora, a finalidade primordial era a conversão do povo à vida sacramental, com casamentos, confissões, comunhões, extremas-unções e viáticos aos enfermos, executados por missionários e pregadores populares. Ao povo ou aos leigos restava a mera condição de assistentes e de ouvintes. (BEOZZO, 1977, p. 748).

III. A POLÍTICA NOS PLANOS DE PADRE CÍCERO

A força religiosa do Juazeiro gerava um certo “fanatismo”. Como “seita cancerosa dentro da Igreja”, era assim que a hierarquia católica do Ceará conceituava a Questão do Juazeiro. Por outro lado, a vinda de muitos elementos socialmente marginais favorecia o conceito de terra de fanáticos. As beatas, com seu poder até miraculoso, eram consideradas “perigosas, maldizentes e intrigantes[...]” (DELLA CAVA, 1976, p. 137). Havia também beatos. Dentre estes, havia um que ostentava uma coroa de espinhos, que havia denunciado a autoridade de Dom Joaquim. Havia outro, o “beato da cruz”, de batina preta, com vários enfeites. Eram cerca de uma dúzia. (SOBREIRA, 1969, p. 439).

Está claro que existia uma grande animosidade entre a Igreja oficial e o Juazeiro e um grande preconceito contra o Bispo do Ceará. Os romeiros tinham uma motivação religiosa ao se dirigirem ao Juazeiro. Eram chamados de fanáticos esses homens e mulheres analfabetos, pobres e politicamente indiferentes. Dentro de cada um dos romeiros reinava o desejo de superar as inclemências da natureza e as injustiças dos poderosos. Era assim que os pobres se manifestavam através de cartas ao Padre Cícero, sobretudo nos anos de 1910 a 1913. Padre Cícero aconselhava, ensinava a plantar e a usar remédios caseiros e até sugestões de higiene. Daqui vem a história de seus muitos milagres. (DELLA CAVA, 1985, p. 137).

Enfim, a endêmica carência de justiça no Brasil e a pobreza crônica do Nordeste fizeram do Juazeiro, a Cidade Santa. As secas de 88, 98, 1900 e 1915 aumentaram a população de Juazeiro. Padre Cícero, aos poucos, voltou-se humanamente para a sorte dos pobres, viabilizando meios de sobrevivência de seu povo. Os coronéis locais e chefes políticos recebiam plenos poderes sobre o governo municipal. Mantinham o controle fiscal e a distribuição dos favores e cargos estaduais e federais. Era o famoso e tão badalado tema do “coronelismo”. (DELLA CAVA, 1985, p. 140).

A política do Vale do Cariri sempre foi intensa. Entre 1901 e 1910, oito chefes políticos dos municípios vizinhos foram violentamente destituídos do seu poder. É preciso completar que esses coronéis se deixavam acompanhar de capangas ou seguranças contratadas. O fato do crescimento econômico acelerado da região fez crescer também a ambição política. Ainda por essa época, os coronéis locais contratavam cangaceiros protegidos deles, que tinham muita influência política em todo o Nordeste. Durante dez anos

o Cariri se viu envolvido em graves lutas políticas. Padre Cícero e o Juazeiro estiveram afastados delas. No momento, Padre Cícero buscava insistentemente a reabilitação de suas ordens sacerdotais. (DELLA CAVA, 1985, p. 147).

Os chefes políticos reconheceram a autoridade de Padre Cícero, como homem de paz. Padre Cícero procurou ajudá-los participando depois de um “Acordo de Coronéis”. Mesmo sem partido, não foi neutro à causa da pacificação dos ânimos políticos, sendo influenciado pela forte personalidade de Floro Bartolomeu¹⁴. Esse carisma de Padre Cícero oportunizou o crescimento econômico do Juazeiro, como jamais foi visto. Sua autoridade tornou-o no mais notável “coronel” do Vale do Cariri. Juazeiro começou a pensar e a trabalhar por sua emancipação política e com pretensões de ser a sede episcopal do Vale do Cariri. (BARBOSA, 1992, p. 47).

A emancipação de Juazeiro, que se deu a 22 de julho de 1911, teve como consequência também a entrada irrevogável do Patriarca no campo da política. É claro que seus inimigos vão completar dizendo que Padre Cícero é ambicioso de poder e riqueza, um megalômano e um paranóico.

Perturbado com a violência do prefeito de Crato, indignado com a ameaça de uma luta prestes a explodir, Padre Cícero pronunciou a seguinte frase: “Sou filho de Crato, é certo, mas acontece que Juazeiro é meu filho”. (BARBOSA, 1992, p. 47).

Nunca, porém, vamos nos esquecer que o Patriarca confessou: “nunca desejei ser político” e o fez para evitar que “outro cidadão” pudesse causar perturbações desnecessárias. Esse “outro cidadão” era o fazendeiro mais rico do Juazeiro, o major Joaquim Bezerra de Menezes. Enquanto isso, os adversários do Padre Cícero afirmavam que ele ambicionava o poder e a riqueza, acusando-o de ser um déspota oriental, um megalômano e um paranóico. Por outro lado, seus admiradores defendiam, com panegíricos, suas ações políticas, atribuindo-lhe realizações bem intencionadas, ou, então, encarando-as como o resultado inevitável das circunstâncias. (DELLA CAVA, 1985, p. 159).

Assim, o Juazeiro ficou tensionalmente dividida em filhos da localidade e os adventícios, os de fora. Estes foram chamados fanáticos e “rabos-de-burro” e o mais pejorativo de todos, romeiros, em vez de peregrinos. Os adventícios chamavam os filhos da

¹⁴ Floro Bartolomeu chegou ao Juazeiro em maio de 1908. Era médico e também advogado. Chegou acompanhado de um engenheiro de minas, belgo-francês, chamado Conde Adolfo Van dem Brule. Este estudaria a possibilidade de minas de cobre em Coxá, em terra cedidas pelos beneditinos ao Padre Cícero. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 8 de março de 1926. (BARBOSA, 1992, p.40-72).

terra de “cacaritos”. Além disso, com certeza, estava o fato do enfrentamento do bando de assassinos, desbaratado pelo bando do Dr. Floro na conquista das minas de cobre do Coxá. Com isso, havia também o interesse de Padre Cícero de financiar a criação da nova Diocese do Cariri no Juazeiro. Em 23 de abril de 1909, partiu o Patriarca, um dos títulos dados ao Padre Cícero, aos sessenta anos, para o Rio de Janeiro, para encontrar-se com o Núncio Apostólico, Dom Alexandre Bavona (DELLA CAVA, 1985, p. 162). Padre Cícero voltou sem muitas demoras e sem notícias boas. Enquanto isso as minas de Coxá, que afinal eram inexistentes novamente entraram em cena. Agora, numa coligação com Barbalha, os amigos do Dr. Floro, chefes políticos de Milagres e Missão Velha, buscaram a deposição do Cel. Antônio Lins Alves Pequeno, do Crato. Isso se deveu à emboscada de Coxá, acontecida em 1908, que foi organizada pelo chefe político do Crato, Cel Antônio Lins Alves Pequeno. (DELLA CAVA, 1985 p. 164).

Surgiu “o Rebate” o primeiro diário da aldeia. O primeiro número estampava a fotografia do Patriarca. No entanto, o Patriarca não teve participação nestas ações. A autonomia do Juazeiro seria uma forma de trazer a paz. O Patriarca havia confidencialmente pedido ao governador Accioly a elevação do Juazeiro à condição de município. (DELLA CAVA, 1985, p. 167).

Dom Joaquim, bastante idoso, foi ao Rio de Janeiro, a fim de sepultar definitivamente a idéia de um bispado em Juazeiro. As esperanças de fazer Juazeiro município estavam na possibilidade de Juazeiro ser a nova sede episcopal. O Crato não havia constituído o patrimônio necessário para erigir a nova Diocese, conforme registro do ilustre professor e advogado, atual presidente do Memorial Padre Cícero. (BARBOSA, 1992, p. 42).

Com a visita pastoral de D. Manuel Lopes ao Crato, os ânimos novamente se exaltaram. “Povo nobre e altivo do Crato, peço permissão para falar sobre o povo imundo de Juazeiro que vive guiado por Satanás”, assim um padre da comitiva do Bispo, Padre Antônio Tabosa Braga, se expressou em praça pública do Crato. (DELLA CAVA, 1985, p.168).

A entrada de Floro Bartolomeu na vida do Juazeiro encerra uma etapa de coerência católica quando os únicos defensores do Padre Cícero eram um padre também suspenso de ordens, e José Marrocos, intelectual e beato, ambos desprovidos de garra suficiente para se contraporem às reais forças de repressão manipuláveis contra Juazeiro. (BARROS, 1941, p. 264)

A resposta veio em defesa do Patriarca e de forma muito competente escrita pelo Dr. Floro. Este havia entrado em cena desde quando assumiu a coordenação da exploração das minas de Coxá. Neste ínterim, Dr. Floro chegou ao topo da política, mantendo uma nova linha política e assumindo, em seguida, uma grande liderança. Chamado de “alter ego” do Padre Cícero e teve muita influência na vida do Patriarca, até 1926. Dr. Floro foi o grande amigo e seu defensor em todos os momentos. Misteriosamente desapareceram do cenário político José Lobo e José Marrocos, no momento em que ascendia vertiginosamente ao auge da política Dr. Floro Bartolomeu. Muitos criticaram Padre Cícero por esta amizade, mas mesmo assim, os mais sensatos separaram a vida de Padre Cícero e as ações nem sempre dignas de nota do Dr. Floro.

Assim sendo, foi o Dr. Floro descrito como aventureiro pretensioso e ambicioso que teria atingido a glória e a notoriedade política nacional atrás da sombra da sotaina mais antiga do Cariri. A influência de Dr. Floro sobre o Patriarca é um fato indiscutível... O ascenso de Floro à posição de chefe político... Só foi possível por causa de inúmeras circunstâncias[...] (DELLA CAVA, 1985, p.168-169).

A segunda metade do séc. XIX foi rica para quem olha as experiências vividas pela Igreja. Padre Cícero, Padre Júlio Maria, as missões populares, Padre Ibiapina, tudo isso está em nossas páginas históricas. Uma leitura possivelmente maniqueísta faz-nos opor as ações de Padre Ibiapina, dedicado aos pobres, enquanto os Cardeais Arcoverde e Leme trabalhavam com a classe média e letrada. Padre Júlio Maria justificava a Igreja fazendo uma aliança natural com o povo e não com o poder. A hierarquia fazia uma aliança entre o trono e o altar. (SILVA, 1988, p. 75).

É nosso interesse agora perguntar até que ponto esses projetos são conflitantes ou se não são eles experiências que fazem parte de um painel histórico que, embora não intencionalmente, a Igreja trabalha. Seria mesmo Ibiapina anti-romano? Estaria, de verdade, Júlio Maria em confronto com a hierarquia? Queria Cícero entrar em colisão com seu bispo e com a Igreja? Estariam esses homens, clérigos como foram, contra o projeto de uma Igreja centrada no poder do clero. (SILVA, 1988, p. 76)?

Podemos chegar à conclusão que Ibiapina, Conselheiro e Cícero Romão Batista parecem formar elos de uma corrente histórica, próprios da realidade pobre do Nordeste. A hierarquia assume então um diálogo com a autoridade do Estado ou para os católicos de forma geral. (SILVA, 1988, p. 77).

Juazeiro, Canudos e também Caldeirão possuíam as mesmas técnicas ritualísticas. Duas das últimas beatas de Pe Ibiapina, no Cariri, Maria e Izabel da Luz tiveram papel

importante na formação da sociedade de Juazeiro, como professoras e orientadoras das famílias. (BARROS, apud ARAÚJO, 1994, p.31).

Padre Cícero convidava o povo à ordem e à calma, cuidando sempre da paz. De repente, tornou-se ele a grande autoridade, em face do clima coronelista da região. E assim se tornou o Prefeito de Juazeiro e Vice-Governador do Estado. Padre Júlio Maria dizia que “hoje é mister, que os padres devem entrar nesse trabalho, reconstruir o edifício social, infiltrando a verdade católica, não só nas almas, mas na política, na administração e no governo” (SILVA, 1998, p.78). Constatamos, porém, que esses ilustres personagens da história terminam suas vidas esquecidos e abandonados de sua Igreja. “Morrem fora do palco da Igreja”, diz-nos Severino Vicente da Silva, então professor do Instituto de Teologia do Recife (ITER) –, Ibiapina e Cícero estão unidos ao povo através da religiosidade popular do pobre e sofrido nordestino. “Esses homens viveram suas vidas entre os que não eram bem vistos pela elite e sucumbem fora do centro político e fora do centro religioso oficial”. (SILVA, 1988, p.78).

O auditório de Júlio Maria era de intelectuais e seus discursos não se comparavam com a singeleza dos versos de Ibiapina e dos célebres e memoráveis conselhos de Padre Cícero. Ibiapina era advogado e o seu código transformou-se em engenharia de construção de açudes, casas e cemitérios. Júlio Maria era advogado competente no uso da palavra, e no exercício da advocacia. Ibiapina tornou-se o advogado dos pobres, não mais nas salas dos tribunais. Tanto Padre Cícero como Padre Ibiapina não pretendiam derrubar o sistema, nem travar nenhuma luta frontal com o poder que os esmagava e ao povo. Aparentemente se servem da resignação do povo. Trabalharam dentro das estruturas sacramentais da Igreja, buscando a satisfação dos mais justos anseios do povo, a fim de o povo usufruir a liberdade humana (SILVA, 1988, p. 79). O paralelismo com as camadas sociais revelava desconhecimento do mutirão de Antônio Conselheiro e má intenção de colocar o Juazeiro na excreção pública. (FEITOSA, 2005, p. 64).

Tinha 67 anos o Padre Cícero quando entrou na política, ou melhor, quando escolheu a política para continuar sua missão. Sempre disse que entrou a contragosto, forçado pelas condições. Sua primeira luta foi em favor da emancipação de Juazeiro, conquistada em 22 de julho de 1911, quando Padre Cícero foi o seu primeiro Prefeito¹⁵.

¹⁵ Padre Cícero foi o primeiro prefeito de Juazeiro; em 1912, tornou-se vice-presidente do Estado do Ceará; em 1913-1914, empenhou seu prestígio ao movimento armado que depôs o presidente do Ceará; em 1926, foi eleito Deputado Federal, sem nunca ter saído do Juazeiro. (DELLA CAVA, 1985, p.19-20).

Seu mais violento inimigo foi o Padre Alencar Peixoto, que queria ser o prefeito e que por causa dele aceitou a idéia de assumir o pleito. Sobre os romeiros Padre Alencar dizia: Os romeiros, que formam a maior parte da população local, ele os chama de assassinos, de desordeiros, de espíões e de ladrões de cavalos, que perseguidos pela polícia dos estados vizinhos, ali se refugiam sob guarda e proteção do Padre Cícero. (FEITOSA, [s.n.] p. 68).

Juazeiro passou a ser o principal centro urbano, depois de Fortaleza. A candidatura de Padre Cícero foi acatada em busca de um consenso em meio a muitas disputas internas e externas no Juazeiro. Fez o “Pacto dos Coronéis” e graças à sua mediação não houve tragédias, apesar das escaramuças acontecidas em momentos diversificados. (BARBOSA, 1992, p. 38).

A presença de Dr. Floro Bartolomeu da Costa, na opinião do Prof. Daniel Walker, foi um mal necessário a partir de 1908. Esta justificativa apresenta sumariamente a presença desse parteiro, médico, jornalista e político de longo alcance, apesar de seus métodos de coronel. Veio da Bahia e tornou-se um grande cearense. Suas novas idéias políticas, em breve, entrarão em conflito com a política local exercida pelos coronéis. Sua amizade com Padre Cícero ocasionou a participação cada vez mais aberta do Padre na política.

Padre Cícero não se sentia à vontade na política, contudo, nada se fazia no Vale do Cariri, sem o seu consentimento. Quem exercia de fato o poder era Dr. Floro Bartolomeu. Inclusive por sua influência, Padre Cícero mudou-se para uma residência de mais conforto.

Na manhã de dezembro de 1913, Juazeiro viveu, uma grande expectativa. Os comentários eram que o Governador do Estado, Coronel Franco Rabelo havia ordenado o embarque por trem, de dois mil soldados da polícia para atacar o Juazeiro. A intenção era também de prender o Dr. Floro, Deputado Estadual, e fuzilar o Padre Cícero e que sua cabeça fosse levada numa estaca, como troféu.

A versão comentada era verdadeira. Dr. Floro convocou homens, mulheres e crianças válidos, a cavarem um valado de proteção em redor da cidade, com 4 metros de largura e 3 de profundidade, aproveitando a terra retirada para uma muralha de proteção. (BARBOSA, 1992, p. 68).

“Confie em Deus. O Juazeiro será sempre perseguido, mas nunca será vencido, porque satanás não terá forças para isso”, foram palavras de um sermão de Padre Cícero (BARBOSA, 1992, p. 69). Os romeiros cantaram e zombaram com a debandada dos soldados do governo. Em seguida, os romeiros avançaram até Fortaleza, derrubando Franco Rabelo do

Governo do Estado. Sobre a Guerra de 1913, a opinião de Padre Murilo pode ser relatada no seguinte texto:

Envolvido na “Sedição do Juazeiro”, a história hoje esclarece sua participação neste movimento de 1914 que o amigo Floro Bartolomeu abraçou em solidariedade ao governo federal, para depor o presidente do Ceará Cel. Franco Rabelo. De novo, liderando politicamente, é homem procurado, solicitado por influentes chefes políticos: prestigiado, reúne agora as energias para fazer crescer a cidade dos homens e a cidade de Deus. (2002, p. 35).

IV. UM HOMEM À ESPERA DA RECONCILIAÇÃO

A figura histórica do Padre Cícero dominava o cenário religioso e político na então insignificante Juazeiro. Haja vista sua generosa atuação no socorro às multidões de famintos, sobretudo por ocasião das grandes secas. O clima religioso proporcionado pelo Padre Cícero, em seus ensinamentos, ensejou a oportunidade de estudar a trama de Juazeiro.

O “*Milagre da Hóstia*” foi o ponto conflitivo, que redundou na chamada “*Questão Religiosa do Juazeiro*”. Este acontecimento, pelo fato de ser um fenômeno religioso sagrado, transformou a história de um padre e de uma cidade. A cidade do Crato, depois Diocese, foi participante intrigante nas controvérsias e lutas travadas, sobretudo a partir do Milagre. Até hoje, repercutem essas controvérsias. O fenômeno religioso logo alcançou uma dimensão política. O centro de todas as atenções era o Padre Cícero do Juazeiro, compreendido nesse contexto pluridisciplinar.

Padre Cícero passou a sua velhice na obsessão de recuperar o uso pleno do sacerdócio. Ele e Juazeiro perderam a batalha da criação da diocese que se foi para o Crato. Com certeza não poderia ir para Juazeiro, que vivia o drama de um Padre e seu povo em situações tão conflitantes com a Igreja. Com isso cresceu a animosidade entre Crato e o Juazeiro (DELLA CAVA, 1985, p.279). Por ocasião do Natal de 1916, para apaziguar os ânimos, Dom Quintino Rodrigues restituiu ao Padre Cícero o poder de celebrar a Missa. Um mês depois, elevou a capela de Nossa Senhora à condição de Paróquia. No entanto, Dom Quintino submeteu Padre Cícero a muitas humilhações. Não podia receber os romeiros em sua casa. Não podia abençoar os romeiros nem benzer artigos religiosos, nem batizar crianças mesmo em perigo de morte. (DELLA CAVA, 1985, p. 286).

A excomunhão do Padre Cícero saiu várias vezes nesses anos, mas o Bispo sempre a reteve, deixando, sensatamente, de publicar a bula romana por temer uma revolta popular. Os inimigos do Patriarca do Juazeiro eram agora numerosos. Padre Esmeraldo, o novo e primeiro Vigário do Juazeiro, era hostil ao Padre Cícero e aumentou crescentemente a indignação dos romeiros. Foi enfim, obrigado a renunciar por inabilidade pastoral e por pressão dos romeiros. O Bispo se irritava muito mais agora e a possibilidade de reabilitação do Patriarca tornava-se mais distante. Enquanto viveu Dom Quintino, este incidente selou o

destino do Patriarca. Apagavam-se as últimas esperanças de reconciliação. (DELLA CAVA, 1985, p. 282).

Padre Cícero também havia rejeitado o que mais ambicionava na vida, isto é, a reabilitação de suas ordens para não deixar de morar em Juazeiro, conforme proposta que lhe foi feita por Dom Quintino. (WALKER, 1995, p.15).

Padre Cícero ao final de sua vida, em 1923, aproximou-se dos salesianos para torná-los herdeiros de todos os seus bens. Os salesianos em 1932, receberam em Roma um convite oficial com o objetivo da educação da juventude do Juazeiro. Junto à correspondência, Padre Cícero reservava um patrimônio para sua permanência. Os Salesianos, porém, só vieram para o Juazeiro no dia 31 de março de 1939, com a presença de Dom Francisco de Assis Pires, que reverenciou Padre Cícero e os seus bons anseios. (BARBOSA, 1992, p. 81)¹⁶.

Em 1929, depois de 29 anos consecutivos, morreu Dom Quintino, substituindo-o Dom Francisco de Assis Pires, que teve atitudes mais indulgentes em relação ao Padre Cícero. (SOBREIRA, 1969, p. 360).

Padre Francisco Murilo de Sá Barreto soube por esse tempo, incrementar as romarias, através de um processo popular de evangelização. Em uma reunião do clero do Crato, Padre Murilo levantava a grande questão do Juazeiro dizendo que “não era possível mais tapar o sol com a mão”. Advogava que aqueles milhares de romeiros eram cristãos de verdade, puros de coração, cheios de fé, rezavam diariamente o rosário de Nossa Senhora por orientação do Padre Cícero, desde o começo do século.

Aquela religião de cristãos simples, pacatos, puros, servos de Deus, força maior da mais agressiva religiosidade popular do Brasil, não podia continuar desassistida da Igreja, suplicava Padre Murilo, ou ela pecaria por omissão prepotente e inseqüente ao programa de Jesus Cristo. Temos de acolher essa gente e abrir uma janela ao irmão. (BARBOSA, 1992, p. 172-173).

As autoridades eclesiásticas permaneciam indiferentes e silenciosas e de forma indefinida em torno do Padre Cícero. Sabiam os romeiros que era uma perseguição histórica, lamentável e injusta. Importante era sentirem que seu Padrinho Cícero continuava sendo a sua luz que orienta, sua força transcendental que ajuda, sua santidade que está canonizada nos seus corações. E por conta disso, as imagens e estátuas do sacerdote continuavam sendo

¹⁶ No dia 07 de março de 1922, o Padre Cícero lavrou o seu 2º Testamento, revogando o anterior em que na cláusula décima destinava à Ordem Premonstratense de São Norberto, parte de seu patrimônio particular para fundar, no prazo de 2 anos, um estabelecimento de educação em Juazeiro. O Mosteiro dos Premonstratenses, construído no séc. XII, está situada na cidade de Praga

erigidas, por todo o Brasil, nos adros das igrejas, esperando apenas o momento de poder subir aos altares. Aliás, muitos altares já existem com a imagem do Padre Cícero nas capelinhas de todo o sertão nordestino. Não fosse Padre Cícero e quem teria perdido seriam os romeiros, perambulando inseguros pelas igrejas e denominações religiosas. Outra presença, Nossa Senhora das Dores, segurou os romeiros na Igreja Católica. Os romeiros da Mãe de Deus encontram ainda hoje na Virgem Mãe o amparo que as imagens conseguem transmitir como na história, a seguir, contada pelo Padre Murilo:

Um dia aproximei-me de uma romeira, vendo-a banhada em lágrimas e suor. Estava diante da imagem de Pietá. Exclamava somente, diversas vezes, ‘tadinha, tadinha’. Tadinho e tadinha são sinopses de coitadinho. E me perguntei: “Por que fala assim com tanta piedade?” Ela responde: “Moço a situação dele e dela, eu vivi na minha terra, quando recebi em meus braços o corpo de meu filho único que um malvado matou”. (BARRETO, 2002, p. 56).

Mais tarde, em 1º de Novembro de 1971, o prefeito Orlando Bezerra criava o “Dia do Romeiro”. É bom prestar atenção ao que nos diz Padre Murilo:

Numa visão de conjunto, o que chama a atenção, antes de mais nada, não é o Juazeiro. Não é o Padre Cícero, são os romeiros. São eles igreja dos simples, dos humildes. Juazeiro se tornou santuário dos pobres, pela riqueza de seus romeiros. O rosto romeiro aqui é igreja viva[...] Só faz romaria quem alimenta a fé, sua fé. (BARRETO, 2002, p. 53).

No Juazeiro, os romeiros são tratados como pessoas. A organização da Igreja que os acolhe conta com uma sala de informação, que fica ao lado do salão das confissões, chamada Capela do Encontro, onde está sepultado Mons. Murilo, falecido em dezembro de 2005. Assim, é possibilitada a coleta de alguns dados sobre os romeiros, como o do organizador da romaria, a procedência, o nome do Pároco, aonde se hospedam e o nome do fretante. Enfim tem-se o número de romeiros presentes.

As interpretações para o fenômeno das romarias ao Juazeiro são muitas. Convém observá-las. Os romeiros no Juazeiro encontram o clima da religiosidade popular, tão própria da cristandade. Eles não encontram mais em suas paróquias este ambiente, onde quantas vezes Padre Cícero é desconhecido, tratado indiferentemente e outras vezes também maltratado. Ou ainda que os romeiros pedem em Juazeiro o que lhes devia dar o governo. Estas pressuposições não se sustentam, porém, conforme argumentação de Padre Murilo. Quando lhes perguntamos “Quando voltarão ao Juazeiro, eles respondem: “Quando minha Mãe das Dores me chamar.” Com esta resposta, o que aparece é o impulso religioso. (2002, p.65).

O Juazeiro tem a missão de acolher os mais fracos, os desprotegidos, os pobres, pois esta é uma exigência da misericórdia de Deus, assim se exprimia o grande Vigário do Nordeste, Padre Murilo. (2002, p. 64-65).

Padre Cícero costumava aconselhar os romeiros com muita sabedoria. “Quando o mistério é demasiadamente grande, não adianta perguntar: Vale mais entregar a “Deus.” (BARRETO, 2002, p.65). Padre Vergote, como mestre, escritor e teólogo de Louvain fez comentários substanciosos, atualmente guardados no Centro de Psicologia:

a romaria é uma viagem, deslocamento ao encontro de um lugar distante, não necessariamente estranho, acontece numa religião que tem um significado do mistério, uma religião onde o divino ou Deus se revela em sinais e determina um lugar fora do lugar comum, onde se revela algo de divino. (BARRETO, 2002, p. 75).

V - DO ANÁTEMA AO ACOLHIMENTO PASTORAL

A reabilitação do Padre Cícero passou por várias fases e tentativas. De 1872 a 1898, tudo foi pacífico na vida de um padrinho que recebeu elogios do Bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira, dos padres e do povo. Padre Cícero estendeu sua amizade para fora dos limites de Juazeiro.

Em 1898, aconteceram os fenômenos da hóstia consagrada transfeita em sangue nas mãos de Padre Cícero e no momento da comunhão de Maria de Araújo.

Dom Joaquim Arcoverde, do Rio de Janeiro, fez a pressão final junto ao Bispo de Fortaleza. Em correspondência datada de 27 de novembro de 1891, expressa o seu julgamento:

Nada li de miraculoso, Exmo. Revmo. Senhor; o que pode haver é o maravilhoso diabólico, e só este, se são verdadeiros e reais os fenômenos narrados no folheto impresso sem autorização competente. Não há nada ali de sério, Senhor Bispo. A tal crucifixão da tal Araújo, a transudação de sangue, e tudo o mais que ela apresenta não passa de um derivativo diabólico ou, o que é também possível, é efeito de uma sugestão do Padre Cícero a essa epilética auxiliada, já se entende, pelo demônio. Esses fenômenos de estigmas em mulheres não são raros, e principalmente nas histéricas, e por si só não autorizam a dizer-se que são milagrosos. Maria de Araújo acabará doida como se tem dado com outras, e assim terão fim esses desaforos que o demônio tem querido embair a simplicidade de alguns desacatando o sangue precioso do Nosso Senhor. (JOAQUIM ARCOVERDE, CARTA [s.n] 27 Nov.1891)

“O Cardeal Arcoverde considerava o Padre Cícero um hipnotizador ou um magnetizador e a infeliz Araújo um médium... com intervenção do demônio para produzir os fenômenos conhecidos” (ANNETTE, 2004, p. 4). A tendência de D. Joaquim era abençoar o caso do Juazeiro, não fosse Arcoverde (FEITOSA, 2005, p. 34). A reabilitação que se quer assim pode ser expressa como a devolução da honra de Padre Cícero e lhe seja retirada a pecha de embusteiro que lhe foi alcunhada pela Igreja. Barbosa lançava, então, uma denúncia: o processo de reabilitação de Padre Cícero encontra-se nos arquivos da Diocese do Crato, atirado ao sabor do tempo e tido como “arquivo morto” (1992, p. 35).

“Os passos da reabilitação histórico-eclesial, numa ordem mais elaborada, pôde ser desta forma redigida, conforme a publicação de Padre Feitosa em: “A Reabilitação do Padre Cícero”. (FEITOSA, 2002, p. 05).

1º Passo: - passo permanente - O povo é fiel e firme ao Padre Cícero. Durante o interdito da Capela das Dores, o povo continuou firme e fiel, rezando a seu modo, fazendo festas religiosas em casa e nas ruas, fazendo procissões, etc. Proibidas as romarias, o povo continuou fazendo romaria até agora, sempre alegre e festiva como o Padre Cícero.

2º Passo: Dom Joaquim apontou, em carta de 20 de dezembro de 1891, mais de vinte sacerdotes fiéis ao Padre Cícero. Della Cava só identificou dezoito (1985, p. 78). Estes padres foram forçados a desacreditar nos milagres sob pena de perderem seu sacerdócio. Submeteram-se externamente, mas nunca se opuseram ao Padre Cícero.

Após a morte do Padre Cícero, dois padres intelectuais de Crato, professores, coligaram-se para acusar o Juazeiro de “fanatismo”. Pretenderam formar gerações, também de padres, na aversão ao Padre Cícero. Eram eles o Padre Antônio Gomes de Araújo e o Padre Antônio Feitosa. O primeiro escreveu em 1956 o panfleto - Apostolado do Embuste, editado em tipografia do Crato. O segundo autor a escrever resumia os méritos do Padre Cícero em três adjetivos. “Herege, cismático e contumaz”. Depois escreveu, sob os auspícios de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, “Falta um Defensor para o Padre Cícero”, editado pelas Edições Loyola, 1983. (FEITOSA, 2005, p. 12).

3º Passo: Por ocasião do centenário de ordenação de Padre Cícero, o movimento pró-reabilitação teve a iniciativa do arcebispo de Fortaleza, Dom José de Medeiros Delgado, em 1970. Dom Delgado escreveu “Padre Cícero, Mártir da Disciplina”, em 1970. Quis vir ao Juazeiro para celebrar o centenário de Padre Cícero. O presbitério e o Bispo do Crato proibiram o Bispo de vir a Juazeiro.

Tenho Padre Cícero como mártir e sua vida como martírio. O melhor ainda não foi dito. Padre Cícero teve da santidade idéia bem clara e suspirou por ela. Só da união imediata e pessoal com Deus ela podia vir. Não há santidade fora daí por isto ele poderia subsistir até o fim aos tormentos a que o submeteram, a visão mística tradicional... Comparando a minha vida com a do Padre Cícero, pergunto a mim mesmo quem de nós dois será o maior diante de Deus. Reconheço-me muito inferior a ele. Admiro-o sinceramente. Já se passaram trinta e quatro anos depois do seu falecimento. Já era tempo de fazer-se uma revisão de sua vida, a fim de podermos pesar-lhe os reais merecimentos”. (DOM JOSÉ DELGADO, CARTA, [s.n.] 20 jul. 1968).

Dom Joaquim José Vieira havia proibido qualquer escrito a favor do caso de Juazeiro. Dom Delgado, pelo contrário, autorizou ao Monsenhor Azarias Sobreira a publicar: “O Patriarca de Juazeiro”, em 1969. E seguindo o exemplo, Dona Amália Xavier, professora e intelectual renomada, escreveu “O Padre Cícero que eu Conheci”, ainda em 1969.

4º Passo: O “Diário do Nordeste” de Fortaleza, de 23 de outubro de 1991, trazia a mensagem:

A Beatificação - Este ano, durante o período da Romaria, será lançada a campanha para a beatificação do Padre Cícero, iniciada no último dia 20 no Centro de Tradições Nordestinas, em São Paulo. Serão coletadas assinaturas com endereço e a identidade das pessoas maiores de 18 anos. (DIÁRIO DO NORDESTE, FORTALEZA, 23 de OUT.1991)

5º Passo: Aconteceu um fato com o Padre José Jésu Flor, natural do Juazeiro. Estava paraplégico e fez uma promessa ao Padre Cícero, Caso voltasse a andar, dedicaria o resto de sua vida ao trabalho de reabilitação do taumaturgo do Juazeiro, o que de fato aconteceu.

6º Passo: Padre Murilo de Sá Barreto, Pároco do Juazeiro do Norte e há mais de 40 anos nesta paróquia trabalhando com os romeiros teve a impressão de estar operando uma contravenção religiosa. Como pastorear as romarias proibidas desde o início, toleradas e nunca extintas? Com 50 pessoas do Cariri e mais 50 de Fortaleza visitaram o Papa João Paulo II, em Roma. (Jornal do Cariri edição de 8 de outubro de 1998, texto de Franco Barbosa).

7º Passo: O Padre Salesiano Pedro Lapo, em 1980, numa reunião do Prebitério do Crato, junto com Dom Vicente¹⁷, colocou o problema: como fazer pastoral em Juazeiro, se oficialmente tudo é proibido, sobretudo a romaria?

O Bispo respondeu estupidamente: “Se a raiz é podre, os frutos também são podres. E decidi mandar fazer um estudo “histórico” para provar isso. Os padres preferiram estudar o “fenômeno” da devoção ao Padre Cícero e como administrá-la pastoralmente. O estudo histórico nunca aconteceu. O Bispo preferiu publicar o livro de Neri Feitosa. “Falta um Defensor para o Padre Cícero”.

Nesses tempos, Dom Aloísio Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza questionava: “O que precisa ser explicado é por que onde se fala no Padre Cícero o povo acorre”. Recentemente Dom Aloísio Lorscheider, de passagem novamente por Fortaleza, lembrava que a Igreja devia pedir perdão ao Padre Cícero.

8º Passo: Um passo importante foi a fundação do Centro de Psicologia da Religião pelas Doutoradas Theresinha Stella Guimarães e Anne Demoulin, formadas em Psicologia e Pedagogia, com Mestrado e Doutorado na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. O

¹⁷ Dom Vicente Mattos e Dom Newton Holanda Gurgel foram os Bispos antecessores de Dom Fernando Panico. Pesa sobre os dois primeiros a intrigante pergunta de, sendo eles brasileiros, não terem assumido a causa dos romeiros e de Padre Cícero. Coube, porém, a um bispo italiano essa tarefa. Apesar de tudo isso, há um fato que não se pode negar, quando os dois permitiram abrir os baús do Arquivo da Cúria, fato considerado positivo para as atuais pesquisas (BARRETO, 2002, p.71-72).

nome do Centro é de Psicologia, para não causar mal-estar no Crato. Em 1983, saiu publicado: “O Padre Cícero por ele mesmo”.

9º Passo: O passo decisivo veio agora do próprio Bispo do Crato, Dom Fernando Panico, MSC, em 2002. O “Projeto Estudo Crítico das Fontes de Arquivo referentes ao Padre Cícero Romão Batista e à sua controvertida história” foi entregue ao Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas da Fundação Padre Ibiapina, de Crato.

A reabilitação oficial ia acontecendo, quando o reconhecimento popular sempre existiu. Em 2002, uma Comissão de 14 especialistas estava no Juazeiro, quando se realizou a primeira reunião de estudos nas diversas áreas do conhecimento. O resultado com suas conclusões é satisfatório.

Padre Azarias Sobreira, no livro *O Patriarca do Juazeiro*, (1968, p. 23), assim confessa sua omissão:

A Igreja mentira em relação ao Padre e eu, sabendo disso, calei-me. Eu tinha medo da Igreja, mas tinha muito mais medo do fogo do inferno. Anos depois, já não suportando o remorso e prestes a morrer, pedi a ele uma sobrevida para compensar a minha omissão. Sobrevivi e escrevi este livro. (1968, p. 12).

Dos tempos de Seminário, sob o severo pastoreio de Dom Adelmo Machado, lembro-me que não se podia fazer nada em prol de Padre Cícero. Ele continuava anatematizado. Era um mau exemplo de padre. A sua imagem jamais podia ser pensada em nossos altares, muito menos procissão com ele.

A resistência foi dos romeiros. Não tenho notícias de reações de insubmissão à Igreja, pelo fato de padres falarem mal sobre o meu padrinho e de se negarem a celebrar as missas dos romeiros. Resistiram os romeiros e nunca ameaçaram a Igreja, nem com um cisma ou outra forma de desrespeito. As romarias sempre aconteceram, sem a oficialidade da Igreja. A igreja oficial não pôde acabar com as romarias.

Em quase todas as cidades, a imagem de “meu Padrinho Cícero do Juazeiro” está em estátuas, no carinho dos políticos e de seus romeiros, em praças e estradas e com certeza, nas capelinhas do povo mais simples. Antes, porém, ele sempre esteve nas casas de seus romeiros. (QUEIROZ, 1983, p. 87).

Em Maceió, conforme pesquisa feita pelo padre e professor da Universidade Federal, Salomão de Barros Lima, a Igreja Brasileira chegou a promover a canonização do Padre Cícero, chamando-o de São Cícero. O povo não acolheu a idéia e, segundo testemunho

de Padre Murilo, em entrevista, confirmava que jamais viu algum romeiro chamá-lo de São Cícero. O seu nome continuou sendo carinhosamente “Meu Padrinho”. Assim, os romeiros, espontaneamente evitando chamá-lo santo, saíam do confronto com a hierarquia.

Da nossa experiência, alguns padres, distantes da pressão do Crato, foram rompendo as barreiras. Em Maceió, Mons. Benício Barros Dantas, Padre Abelardo Romeiro, Padre Petrúcio Ramires, respectivamente Párocos em S. Miguel dos Campos, Atalaia e Pilar, acolhiam os romeiros, celebravam as suas missas e até os acompanhavam ao Juazeiro do Ceará, viajando com eles, em paus-de-arara. Os cuidados pastorais da Paróquia das Dores realizavam uma verdadeira e ousada pastoral de conjunto, unindo, através de Padre Murilo, os romeiros no Juazeiro com as suas Paróquias e Párocos. O acolhimento pastoral aconteceu sem conflitos maiores, apesar do palanque do conflito estar sempre armado em Juazeiro e Crato e disseminado por todo o Nordeste. O romeiro é hoje, símbolo de persistência e resistência religiosa. O sentimento de Igreja que nunca desapareceu, agora se reforça diante dos novos posicionamentos da hierarquia católica. Graças ao Juazeiro do Padrinho Padre Cícero e da Mãe das Dores, muitos cristãos estão na mesma Igreja e não se bandearam para o seio das igrejas evangélico-pentecostais e neo-pentecostais. Há sempre notícias dos romeiros, quando chegam de viagem falando em recomendações de Padre Murilo. (WALKER, 1998, p. 30).

O resultado dessa reviravolta se deve também às decisões do Concílio Vaticano II. Num primeiríssimo momento, a lógica da renovação não levou em consideração os pobres e a religiosidade popular. Somente depois de Medellín e Puebla, os pobres voltaram a encontrar-se dentro da mesma Igreja Católica, da vivência de seus sentimentos religiosos. O Papa Paulo VI reconheceu a piedade popular, que foi durante algum tempo vista como menos pura e até desdenhada e constitui hoje, em quase todos os lugares, uma redescoberta..., bem orientada a religiosidade popular, é rica de valores. Traz em si uma sede de Deus. Pode tornar as pessoas generosas e capazes de heroísmo e sacrifício[...] (PAULO VI, 1975, p. 48).

Hoje, porém, as novas gerações de seminaristas e padres, na maioria, tomam distância dos pobres, pois, os movimentos, lhes tomam o interesse e o empenho pastorais. Parece que muitos padres não se encontram tanto mais nos Santuários dos Pobres, mas nas Basílicas e grandes Catedrais.

O encanto do Juazeiro é o grande foco das atrações das romarias e de muitos romeiros. Constatava-se que no início das romarias já havia a busca do Juazeiro como lugar de morar, em mudança definitiva. A terra é para o romeiro o lugar do pecado e do sofrimento.

Somente no Juazeiro, vivencia-se o céu na terra, como experiência profundamente humana e divina.

A dimensão religiosa sempre acompanhou o ser humano. O símbolo é o primeiro elemento da linguagem religiosa:

Linguagem mais difusa e, ao mesmo tempo, a mais densa. Ele exige muita explicação para ser bem compreendido e explorado hermeneuticamente. Toda expressão religiosa é simbólica e não existe sem o símbolo: um dado que abre caminhos e orienta”. (CROATTO, 2001, p. 10).

O símbolo se une ao mito. Custou muito tempo para que o mito fosse devidamente compreendido. “O que o mito disse, o rito “faz”: rito e mito conectaram-se, criando uma retroalimentação mútua”. (CROATTO, 2001, p. 10).

O Juazeiro desponta no horizonte do romeiro como o resultado de seus anseios populares. O Juazeiro ouve o eco do grito da “criatura oprimida” contra as condições de miséria do sertanejo sem terra e sem lei. “Padre Cícero não morreu, ele fez uma viagem. Ele se mudou. Dizem que ele está em Roma, mas pra mim ele está no Juazeiro”, conforme benditos entoados em romarias ao Juazeiro. O mito do retorno acontece com as grandes figuras humanas “o povo diz que meu padrinho morreu. Mas morto está quem nele não acreditar”. Uma grande parte de romeiros acreditava que Frei Damião era a presença do Padrinho no mundo. (QUEIROZ, 1983, p. 87).

Padre Cícero logo cedo foi mitificado pelos romeiros, um mito vivo, feito santo, conselheiro, protetor. Desde o seu nascimento os mitos o acompanhavam sua infância cheia de relatos maravilhosos. Como o Menino Jesus ele esteve no templo entre os Doutores da Lei. Assim serão seus milagres, devido ao seu grande poder junto de Deus. (LIMA, 1995, p. 117).

Dom Joaquim dizia que o Padre Cícero era um malfeitor do povo. O Bispo acautelava os párocos para a onda de superstições e completava que a Igreja detesta o fanatismo. (FEITOSA, 2005, p. 81).

Padre Cícero, em longa exposição ao Cardeal Gotti, membro da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, declarava ser:

Um pobre padre caluniado, perseguido, suspenso de suas ordens desde 6 de agosto de 1892, e ultimamente até de confessar-se e comungar, privado assim do direito de viver, não só ele como o rebanho que há 24 anos apasenta, sem outro interesse senão Deus e a salvação das almas. (FEITOSA, CARTAS, 19 e 42, 2005, p. 79).

Foi suspenso duas vezes, sem poder celebrar os atos litúrgicos, mas não abandonou a sua Igreja e a sua batina. Ia à missa todos os domingos. A pena de excomunhão nunca lhe chegou a ser aplicada (WALKER, 1995, p. 9). Sobre esse capítulo estranhamente se sabe que somente em 1920, Dom Quintino, encaminhava ao Padre Cícero a correspondência do Santo Ofício, aplicando-lhe a pena máxima de excomunhão. A mediação do Floro Bartolomeu, também, seu médico, não permitiu que o Padre Cícero tomasse conhecimento disso, devolvendo ao Bispo o documento de sua excomunhão. Padre Cícero não resistiria a expulsão de sua própria Igreja. (BARROS, 1988, p. 306).

Diante da reação amiga de Floro Bartolomeu, Dom Quintino, a 9 de dezembro de 1920, pediu ao Papa, “em bem da paz” a absolvição de Padre Cícero da censura em que incorreu. A 3 de março de 1921, o Santo Ofício autorizou Dom Quintino a conceder absolvição ao Padre, preservando no entanto a proibição de celebrar missa. Assim Padre Cícero nunca tomou conhecimento dos termos do Ofício de 14 de abril de 1917. (BARROS, 1988, p. 307).

Foi alvo de dois atentados de morte, que por pouco não se concretizaram. O primeiro foi em 1895, quando cinco homens se aproximaram de Padre Cícero, que rezava com os romeiros. O segundo atentado aconteceu em 1913, quando do Movimento Revolucionário de Juazeiro (WALKER, 1995, p. 11). Foi canonizado pela Igreja Católica Apostólica Brasileira, em 1973, com o nome de São Cícero, com protestos da Igreja Romana. Os romeiros não acataram esta canonização (WALKER, 1995, p.12). Recentemente foi entregue ao Bispo de Crato, Ceará, um documento com mais de 100 mil assinaturas pedindo a sua canonização. (WALKER, 1995, 12).

Em outubro de 2002, por ocasião da visita *ad limina* dos bispos do Ceará e Piauí ao Vaticano, o Cardeal Joseph Ratzinger, então Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, pediu melhores informações sobre a Questão Religiosa do Juazeiro. Antes, porém, em 2001, o Cardeal Ratzinger havia recomendado à CNBB a possibilidade de fazer a reabilitação histórica de Padre Cícero. O pedido foi feito a Dom Raymundo Damasceno, que ocupava o cargo Secretário-Geral da CNBB. O Vaticano já havia recebido várias solicitações de explicação sobre a questão do Juazeiro. Em 2002, ainda, Dom Fernando Panico, italiano, é nomeado Bispo do Crato. Uma de suas primeiras preocupações foi atender às romarias e aos romeiros. Em 2004, aconteceu o III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. A Comissão de peritos que se encarregara de estudar toda a questão do Padre Cícero entregava o resultado de suas pesquisas e participava também do Simpósio Internacional.

Enfim, estava aberto o processo de reabilitação histórica do Padre Cícero. (FEITOSA, 2002, p.15).

No dia 30 de maio de 2006, uma delegação do Juazeiro, com o Bispo do Crato e autoridades como o Governador do Estado do Ceará e o Prefeito de Juazeiro, entregou à Congregação para a Doutrina da fé, cinco densos volumes de documentos e cento e cinquenta mil assinaturas de brasileiros, além de 253 bispos brasileiros, solicitando a reabilitação do Padre Cícero. (GAZETA DE ALAGOAS, 01 de Junho de 2006).

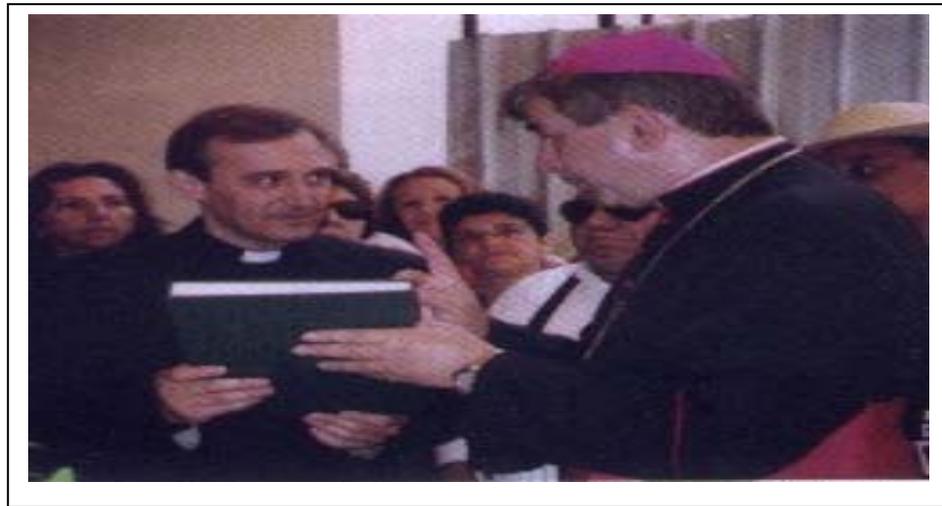


Foto 09 Dom Fernando Panico protocolando, na SECRETARIA DA CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, toda a documentação que requer a Reabilitação do Padre Cícero Romão Batista.

A princípio, Dom Joaquim reagiu de forma branda em sua impressão inicial, quando soube do milagre oito meses depois. Solicitou um relatório completo ao Padre Cícero e orientou os padres a que se cercassem sempre de provas concretas sobre os fatos.

Os acontecimentos do Juazeiro se tornavam amplamente conhecidos. O clero da região e de Estados vizinhos, bem como a elite e o povo simples acreditavam no milagre. As hóstias consagradas não consumidas e os panos tintos do sangue que seriam de Jesus haviam sido depositados numa urna de vidro e expostos no altar da Capela de N. S^a das Dores. Isso foi mais importante que a celebração eucarística. Nesse tempo, Maria de Araújo e Padre Cícero passaram a ser cultuados como santos. Era uma nova doutrina, uma nova devoção que surgia, julgavam alguns.

Na Europa, os milagres eucarísticos como Lanciano, na Itália, e Santarém, em Portugal, até hoje exercem uma influência muito grande, à margem da fé eucarística. Por outro lado, os sertões estavam preches de expectativas quase messiânicas. A República havia

sido proclamada no Brasil e isso soava como o anticristo o advento de novos tempos, contrários ao ensinamento da fé cristã. (DELLA CAVA, 1985, p. 69).

Della Cava (1985, p. 59) considerava o Bispo tolerante, esperando que tudo aquilo logo passasse e acabasse por ali mesmo. A interferência do Cardeal Arcoverde, porém, criou um outro clima. O Cardeal tinha sido contemporâneo de Padre Cícero, num Colégio de Cajazeiras, onde sua família residira anteriormente. Arcoverde punha a responsabilidade maior na pessoa do Bispo, devido à sua falta de firmeza diante do assunto. (DELLA CAVA, 1985, p. 77).

O carisma do Padre Cícero, sobretudo após o milagre, cresceu grandiosamente, por volta de 1892. Os romeiros se multiplicavam, para o desconforto de Dom Joaquim, preocupado com a Questão Religiosa. A hierarquia se guiava pelos princípios teológicos e canônicos, de forma autoritária, enquanto que o povo vivia outra forma de manifestação religiosa, que acontece nos fenômenos e também nos milagres divinos (PAZ, 2005, p.5). Assim sendo, o grande problema depois passou a ser não o milagre, mas a autoridade episcopal confrontada com o carisma do Padre Cícero.

Padre Cícero foi instruído no Seminário da Prainha para atuar conforme as últimas orientações da Igreja, segundo o ensinamento dos padres lazaristas recém-chegados da Europa. Esta formação eclesial não mudará Padre Cícero. O que aprendera junto à cultura sertaneja, será mais forte em sua vida e ministério. As Cartas Pastorais não surtiam o efeito desejado, porque a religiosidade popular tinha outras raízes, segundo Della Cava (1985, p. 86), mais identificadas com o Padre Cícero. Não podemos esquecer aqui, a visão das altas cúpulas da Igreja, que julgavam a cultura sertaneja como fruto de ignorância e atraso cultural. Padre Feitosa revelava os reais enganos de Dom Joaquim, na condução da Questão do Juazeiro.

Dom Joaquim também foi infeliz ao imaginar que tudo girava em torno do sangramento da hóstia, colocando o real fenômeno Padre Cícero como coisa secundária... ele errou o alvo quando supôs que a atração de Juazeiro era o milagre. Na verdade, a atração era Padre Cícero em pessoa, com toda a sua bondade, carisma e magnetismo. (TÁVORA apud GUIMARÃES, 1963, p. 9).

Ao final destas páginas lamentamos a ausência de Padre Murilo, falecido inesperadamente nos primeiros dias de dezembro de 2005. Os romeiros perderam um pastor, embora já tenham se identificado carinhosamente com Dom Fernando Panico, Bispo do Crato, que havia assumido pessoalmente a causa de reabilitação histórica de Padre Cícero.

A Igreja resistia com a necessidade da obediência, enquanto o Padre Cícero resistia em terríveis conflitos pessoais, com paciência dita evangélica. Difícil de constatar, mas fácil de se conjecturar, que havia o risco de um grande cisma, donde Padre Cícero teria trazido consigo as imensas multidões sertanejas. Padre Cícero provavelmente, pelo seu amor fiel e obediente à Igreja, conservou incólume a unidade da Igreja. Esta unidade teria sido perdida não fosse à atitude filial de Padre Cícero em relação à Igreja:

De suas atitudes dependia o rumo do movimento, pois uma postura aberta de desobediência certamente implicaria uma cisma e, se o movimento não adquiriu contornos cismáticos isto se deveu em boa medida à autoridade exercida por Cícero sobre os fiéis que, em última instância, eram leais ao seu padrinho e não aos representantes da Igreja que os perseguiram e negavam sua religiosidade. Pacientes e resistentes, os romeiros mantiveram suas crenças e devoções e, com sua labuta e seu suor construíram o que Juazeiro é nos dias de hoje”. (PAZ, 2005, p. 8).

As irmãs Annette e Terezinha disseram com muita propriedade que “no sertão nordestino, o Padre Cícero cumpriu o papel todo-poderoso de conselheiro. O povo faminto de tudo via nele o doutor, o professor, o pai, o orientador, o juiz. E ele aceitou o desafio de responder a esses anseios populares”. (WALKER, 2004, p. 8).

Em 1938, Fernandes Távora, psiquiatra, o classificava como “paranóico”, segundo a definição de Kraepelin. Com o delírio de perseguição, se teria desenvolvido também um delírio de grandeza. Fernandes Távora, contudo, terminava o seu diagnóstico nesses termos:

(Padre Cícero) foi vítima de uma organização deficiente, que o fadou à insanidade psíquica, por isso mesmo não devia conta de seus atos ao tribunal humano, mas tão-somente à eterna justiça de Deus, que lhe não terá negado o suave regaço de sua misericórdia, porque ele foi um caridoso semeador de esperanças, um piedoso e bom, que passou pela terra consolando. (TÁVORA apud GUIMARÃES, 1963, p. 9).

Trinta anos depois, o psiquiatra e professor José Maranhão, refutava o diagnóstico de Távora. Segundo Maranhão, Padre Cícero é um ciclóide, dentro da classificação biotipológica de Kretschmer. Para ele, Padre Cícero era um místico, afirma o Psiquiatra. “Se erro existe no misticismo que envolveu o Patriarca de Juazeiro, podemos parodiar o salmo litúrgico: Oh! Feliz erro que dotou o Ceará de tão grande centro de atividade humana!”. (MARANHÃO, apud GUIMARÃES, 1963, p. 1).

Os diagnósticos opostos dos dois especialistas em psiquiatria nos deixaram perplexos e mostraram o quanto é difícil, senão impossível, “classificar” uma pessoa, como

diz Guimarães. Em seguida, tomaram a iniciativa de voltar à terra firme dos arquivos e dos fatos históricos. Analisaram 130 cartas do Padre Cícero, datadas entre 1874 e 1934, na tentativa de conhecê-lo e não para classificá-lo.

Escolheram, então, quatro atividades essenciais ao homem, nas quais ele assume, elabora sua existência, condicionada por seu “corpo” e pela sua cultura: trabalhar, comunicar-se pela linguagem, amar e gozar (ter prazer). Destacaremos, em seguida, algumas de suas análises sobre o Padre Cícero.

A cidade do Juazeiro do Norte, fundada pelo Padre Cícero é a prova mais visível de sua atuação pelo trabalho. O sonho deste Padre era de transformar a situação de caos e de miséria do sertão, numa terra de fertilidade, de ordem e de progresso. (GUIMARÃES, 1963, p. 10).

Diante do problema da seca, Padre Cícero não se limitava a lamentar-se, mas às propostas concretas, procurando não só dar o pão, mas também trabalho aos nordestinos famintos. Ele não cruzava os braços e chamava o povo à ação, a reagir contra situações injustas.

Cada cearense deve ser uma trombeta na imprensa e em toda parte, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que estes governos que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando caprichosamente morrer milhares de vidas que podiam salvar e não querem... (PADRE CÍCERO, 1900, [s.n.]).

De fato, o botanista alemão, Von Luetzelbur, escrevendo sobre Padre Cícero, mencionava tratar-se de um homem que dispõe de instrução e saber invulgares: aborda com igual facilidade a política e a história brasileiras: tem conhecimentos profundos de história universal, ciências naturais, especialmente quanto à agricultura. (apud. Guimarães, 1963, s.n).

As pesquisadoras de Louvain complementaram: “Esses exemplos, escolhidos entre muitos outros, não nos permitem concluir que Padre Cícero teria apresentado comportamentos patológicos em referência a suas atividades de trabalho, muito pelo contrário”. (GUIMARÃES, 1963, p. 10).

Em cartas de Padre Cícero, seus conselhos são, muitas vezes, judiciosos, realistas e são uma forma de exprimir seu amor e compromisso com as pessoas. Nele não se encontram pressões de intolerância, de ódio cego, de despotismo sobre as consciências que poderiam fazer pensar em certas formas de perversão do amor. O seminarista Helder Câmara apareceu, certo dia, em Juazeiro, para vender assinaturas do jornal de Fortaleza. Não obteve êxito,

enquanto não havia conseguido o apoio de padre Cícero para a venda do referido jornal. Padre Cícero revelou ao jovem padre Helder Câmara que apesar do jornal de Fortaleza ter sido cruel com ele, atacando-o de maneira injusta, sem direito de defesa que ele devia provar que no coração de um cristão e, sobretudo de um padre, não cabia uma gota de travo.

Padre Cícero fez a assinatura do jornal e deu ao jovem Helder a carta de recomendação, que lhe abriu as portas do Juazeiro. (JORNAL DA CIDADE, 1981, Nº 238, p. 11).

A análise das pesquisadoras chega à seguinte e clara conclusão: “Tinha um tal poder sobre as massas, que podia ter sido o fundador de uma nova religião “brasileira”, que teria satisfeito os seus eventuais delírios de grandeza paranóicos”. (GUIMARÃES, 1963, p. 12).

No exílio de Salgueiro, Padre Cícero escreveu à sua mãe, dizendo:

Aqui encontrei uma gente muito boa principalmente o Juiz de Direito Lima Borges e a mulher, Dona Engrácia; são tão bons e têm feito tanto para mim que nem sei agradecer; mande-me uma dúzia de latas de buriti para fazer um presente e uns ananás e mais alguma coisa que acham que sirva [...] (CARTA, 19 set. 1997).

Amava as crianças e efetivamente sabia acolhê-las. A análise psicológica efetuada através das cartas de Padre Cícero nos oferece uma avaliação humana de sua pessoa:

Sabemos que o homem é um “animal doente” e as fronteiras entre a doença mental e a saúde psíquica são imprecisas. A nossa vida é uma grande aventura de partilhas e tensões, de integração e autonomia e cada um de nós vive bem pertinho do mundo interior da loucura, isso mesmo se não se aliena nela. (GUIMARÃES, 1963, p. 12).

Avaliando criticamente as análises psicológicas sobre o Padre Cícero, aproveitamos os depoimentos da Equipe de Psicologia da Religião, da Diocese do Crato, servindo à Paróquia de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro. O diagnóstico de Leite Maranhão é o mais próximo da verdade psicológica do Padre Cícero do que as conclusões apresentadas por Fernandes Távora, concluía Guimarães.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eliade e outros nos permitiram elaborar uma análise dos acontecimentos do Juazeiro do Padre Cícero. Um homem, uma terra e vários personagens envolvidos todos numa relação religiosa, maior, dentro da Instituição da Igreja Católica vivenciaram situações pacíficas e conflitivas no Vale do Cariri. Juazeiro, no centro histórico dos acontecimentos, galgou estágios significativos na política e economia local e regional.

Um “Milagre em Juazeiro” gerou mudanças inesperadas. A Igreja Católica não soube administrar uma questão tão religiosa, inclusive, por motivos ideológicos¹⁸. Juazeiro, o santo lugar, é o oásis dos famintos e sedentos sertanejos, e tornou-se então, uma terra de grandes intrigas e de muitas tramas maldosas. Primeiramente, a busca de autonomia política fez o Juazeiro lutar por seus direitos e pela independência de seu povo. O sonho de o Juazeiro ser sede de Diocese não se concretizou.

Embusteiro, paranóico, megalomaniaco, heresiarca compõem parte da relação adjetivada da existência de Padre Cícero. Dele alguns fizeram análises psicológicas, na tentativa de enquadrá-lo dentro de algumas categorias psicológicas pré-estabelecidas. Desconsiderado oficialmente pela Instituição, e suspenso de suas atividades religiosas, tornou-se amado e ouvido de sua gente como um conselheiro jamais visto. Sua fama, porém, crescia em meio aos seus fiéis. As romarias desafiavam silenciosamente todas as oficiais proibições e firmavam solidariamente uma aliança eclesial popular, através da figura sacerdotal de Padre Cícero, apesar de sua exclusão eclesial.

Padre Cícero esperou ansiosamente por uma reconciliação com seus superiores eclesiásticos. Exilado em Salgueiro ou submetido ao juízo do Santo Ofício, em Roma, muitos o imaginaram longe ou afastado definitivamente do palco central da Questão Religiosa do Juazeiro do Ceará. Nem o mandato de Deputado Federal o demoveria da idéia de continuar junto de seu povo. Os romeiros seguiam construindo um novo tempo e um novo espaço em Juazeiro, como uma nova Jerusalém Celestial. O mito Padre Cícero e o Juazeiro como Terra Santa escreviam a história do maior fenômeno religioso popular do Nordeste Brasileiro. Os

¹⁸ Padre Chevalier, lazarista francês, havia dito que “Nosso Senhor não deixa a França para obrar milagres no Brasil”. E Padre Antero, doutor em Teologia, formado no Colégio Pio-Latino-Americano assinalava que caso a Igreja não autenticasse os milagres de Juazeiro, ela se defrontaria com a tarefa de invalidar milagres idênticos, aprovados pela Igreja. (DELLA CAVA, 1985, p.69).

romeiros, em sua silenciosa e ao mesmo tempo decidida marcha, foram e são os verdadeiros protagonistas dessa rica e controvertida história da Igreja no Nordeste brasileiro. Eles são os nossos desafios sempre questionante, pois, nunca deixaram de ser membros da Igreja de Jesus Cristo.

“Do Anátema ao Diálogo”, de Roger Garaudy, marxista francês, foi-me a inspiração providencial, nos dias do III Simpósio Internacional do Padre Cícero, em 2004 (SANTANA, 2004, p.108-111). Em tempos novos, Garaudy estabeleceu as bases intelectuais para o diálogo entre marxistas e cristãos. Os Papas João XXIII e Paulo VI representavam a superação dos anátemas e excomunhões para a criação de uma nova era de aproximação e respeito mútuos. Abandonando a fase dos anátemas, o ser humano tenta cada vez mais dignificar-se ou salvar-se pelo uso racional do diálogo inteligente e da compreensão solidária. (REALE, 1991, p.823)

Garaudy evidenciava, em 1963, que o cristianismo havia criado uma nova dimensão do homem: a dimensão da pessoa humana. E acreditava na grande aspiração por um mundo em que reinasse perfeita reciprocidade das consciências (REALE, 1991, p. 823). Em 1965, Garaudy publicava sua obra “Do Anátema ao Diálogo”, convicto de que, para além das diferenças, é possível haver um diálogo fecundo. A intuição para essa pesquisa nascia, pois, dentro dessa perspectiva de diálogo, em novo tempo, na Questão Religiosa do Juazeiro.

Deixamos para as nossas últimas apreciações, o texto de Dom Fernando Panico, Bispo do Crato desde 2002. Havia criado uma Comissão de Estudos, embora enfatizasse que não bastava o estudo, dizia que era preciso reforçar as práticas pastorais a fim de poder exprimir a ternura e o carinho maternais da Igreja. E apelava, em Documento datado de 2 de fevereiro de 2003, que era necessário ousar sempre um pouco mais. Com humildade, reconhecia as lições e as iniciativas do passado, sem com isso deixar de assumir as possíveis falhas humanas na busca de novos horizontes. Dom Fernando¹⁹ abria historicamente o novo tempo tão esperado pelos romeiros.

O passo ousado para a reconciliação, como Igreja, com os romeiros e com o Padre Cícero, estava também dentro daquele processo de reconciliação iniciado por João XXIII.

A Igreja, no passado, sempre se opôs aos erros e os condenou com grande severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere recorrer ao remédio da

¹⁹ Dom Fernando Panico é natural da Itália. Foi preciso que um Bispo de fora assumisse a questão de Padre Cícero e seus romeiros. Apesar de toda indiferença da Igreja local, Padre Murilo reconhece que Dom Vicente Mattos e Dom Newton Holanda Gurgel, ao abrirem os baús do Arquivo da Cúria para os estudiosos, muito contribuíram para o atual momento. (BARRETO, 2002, p.72).

misericórdia a usar as armas do castigo. (DISCURSO DE JOÃO XXIII, NA ABERTURA DO CONCÍLIO VATICANO II, 11 OUT 1962).

Em carta datada de 30 de maio de 2006, Dom Fernando Pânico suplicava ao Papa Bento XVI a reabilitação do Padre Cícero Romão Batista:

O meu predecessor e primeiro Bispo da Diocese do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva em carta ao Papa Bento XV, de 9 de novembro de 1920, implorou o perdão para o seu sacerdote, o Padre Cícero Romão Batista, após ter recebido da Suprema Congregação do Santo Ofício, em 14 de abril de 1917, a sentença de excomunhão para o Sacerdote acima mencionado. (PANICO apud MACHADO, 2006, p.14).

Dom Fernando, Bispo do Crato, em sua “Carta Pastoral”, de 2003, chamada “Romarias e Reconciliação”, confirmava sua intenção:

Como Maria, os romeiros e romeiras, em permanente peregrinação, olham para Jesus com um olhar de confiança e de entrega, esta troca de olhares entre a Virgem Maria, seu filho Jesus e a humanidade é tradução de carinho, ternura e cumplicidade da ação do Espírito divino. Mais do que nunca é necessário reconhecer as romarias de Juazeiro do Norte como uma profunda experiência de Deus e legítima experiência de fé. O tempo peregrino e romeiro é o tempo da graça. (2003, p. 9).

Foi gratificante ter escrito este trabalho, após pesquisas bibliográficas junto aos grandes estudiosos da Questão Religiosa do Juazeiro, depois também de visitas locais ao Juazeiro e de ter participado do III Simpósio e de várias sessões de estudos, além, sem dúvida, de ouvir muitos depoimentos, sobretudo do Padre Murilo de Sá Barreto, Pároco de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro, recentemente falecido.

O nosso objetivo não era chegar a algum juízo crítico ou moral sobre alguém, embora, para bom entendedor os depoimentos aqui relatados não sejam neutros e sim intencionalmente colocados a favor ou contra. A nossa intenção era, sim, a de chegar à hipótese almejada, pois, procurávamos a explicação que nos satisfizesse e que fosse aceita quanto às mudanças havidas e que nos conduziriam do anátema ao acolhimento pastoral.

A nossa consideração vai além dos argumentos que reclamam a reabilitação do Padre Cícero. Ao constatar o caminho percorrido pela e na própria Igreja, evidenciamos os testemunhos especiais de Bispos e Padres. Deparamo-nos com os romeiros, que sabiamente ultrapassaram a tragédia do anátema e esperaram com resistência pacífica, o resultado do acolhimento pastoral, que antecedeu e preparou o atual ambiente da reabilitação histórico-ecclesial de Padre Cícero. Eles, os romeiros, foram Igreja em pertença e fidelidade.

Padre Cícero, o Padrinho do Nordeste, mandava que “o cearense grite, reclame, reivindique, do contrário só teremos o desprezo dos grandes e o Cariri precisa ser fortemente representado” (BARRETO, 2002, p. 41). Sua vida e sua mensagem varreram os sertões nordestinos e, hoje, ouvimos o eco destas repercussões, trazidas pelos romeiros:

A cidade do Juazeiro é a prova mais visível de sua atuação pelo trabalho. O seu sonho era transformar a situação de caos e de miséria do sertão, numa terra de fertilidade, de ordem e de progresso. (ANNETTE, 2004, p. 4).

As observações realizadas pelo Centro de Estudos de Psicologia da Religião do Juazeiro evidenciaram o seguinte diagnóstico:

Os diagnósticos de Dom Arcoverde e de Dom Joaquim sobre a personalidade do Padre Cícero não podem ser considerados definitivos nem sérios por não terem fundamento objetivo e científico. Eles são “opiniões” subjetivas, emocionais, parciais, são opiniões de condenação ou de defesa que revelam mais quem julga do que quem é julgado! (ANNETTE, 2004, p. 4).

“E... quem é ele?” continuará a pergunta a merecer, a cada dia de nossa parte uma resposta serena e aberta, viva e histórica, respeitosa do mistério de uma personalidade tão rica como a do Padre Cícero. As suas últimas palavras ressoaram no tempo e no espaço, desde aquele fatídico 20 de julho de 1934. O Juazeiro se lembra de suas últimas palavras: “No céu, vou rogar a Nossa Senhora por vocês todos”. (BARBOSA, 1992, p. 94).

O autor de “O Milagre em Juazeiro” apontava para uma reabilitação pastoral, em nossos dias, quando assim se exprimia:

Floresceu a indústria algodoeira, suas escolas aumentaram, novas fábricas foram instaladas e até a hierarquia eclesiástica reconciliou-se com os fanáticos miseráveis, sobre os quais a justiça ainda está por vir. (DELLA CAVA, 1985, p.312).

A esta afirmação Padre Murilo reagiu prontamente ao considerado pesquisador Della Cava, não permitindo que os romeiros fossem tratados e tidos como fanáticos. (BARRETO, 2002, p.78).

As palavras do historiador norte-americano merecem de nós um destaque especial, sobre os romeiros do Juazeiro:

Com efeito, até que os pobres herdem a terra, ou melhor, até que os pobres exijam e obtenham o que de direito lhes pertence, Juazeiro – com a promessa passada e presente de um milagre – parece fadado a continuar sendo o pouso mais procurado do nordeste brasileiro. (DELLA CAVA, 1985, p. 312).

Afinal, depois de muitas páginas, dividindo as noções de catolicismo oficial e catolicismo popular, elas parecem realizar uma união indissolúvel, no interior do catolicismo considerado como uma globalidade. Ou melhor, a cada momento histórico este catolicismo global define, de maneira diferente e de forma conveniente, o que seria oficial e popular. O “popular” de ontem, caracterizado com desprezo e estigma de ignorância, pode ser o “oficial” de hoje e vice-versa. Na verdade, é difícil definir a dicotomia fora de um contexto de tempo e lugar. Hoje, com as perdas estatísticas de tantos fiéis na Igreja Católica, não é mais conveniente perdê-los pastoralmente. O Vaticano veio em seguida abrir seu olhar cuidadoso sobre a história da Questão do Juazeiro do Padre Cícero.

Juazeiro passou a ser uma Cidade-Santuário, e, animados por esta mística, os romeiros, alegres e reconciliados, continuarão encontrando aqui os encantos da “Terra da Mãe das Dores”. Eles, os romeiros, com perseverança e ousadia, hoje, como no passado, anseiam renovar a esperança de habitar uma sociedade diferente, onde possam ser valorizados por aquilo que são e não pelo que têm ou não têm.

Não brigam com seus padres, não brigam com ninguém e realizam suas romarias, na firme e inabalada confiança de que tudo vai mudar um certo dia. Sem confrontar a ortodoxia ou a liturgia oficial, realizam suas atividades para-litúrgicas de caráter devocional, realizadas coletivamente, como laicato na Igreja. As duas formas não se repelem, mas formam uma relação dialética. Existe nisso, conforme a pesquisadora Prof^a Renata Paz, um caráter de resistência. (1998, p. 110).

Eu tenho absoluta certeza de que o movimento de Juazeiro a nível popular é uma resistência passiva e ao mesmo tempo um pouco ativa, em relação à Igreja oficial, hierárquica, porque muitos romeiros que chegavam, por exemplo, aqui no Juazeiro, chegam contra a vontade de seus vigários. Primeira coisa: eles vão em romaria e muitas vezes o próprio vigário da região é contra, desvaloriza, mas eles nem ligam. Eles vêm, não brigam com o vigário, não brigam com ninguém, mas eles fazem sua romaria. E nesse sentido é uma teimosia... (1998, p.109).

A reorientação da Igreja em direção ao povo e à opção preferencial evangélica pelos pobres, assumida pelos Bispos latinoamericanos, em Puebla, no ano de 1979, foi responsável pelas mudanças na Igreja. Por outro lado, a penetração de outras Igrejas no Vale do Cariri e os interesses econômicos e políticos, de âmbito regional e estadual, tornaram a Igreja mais flexível e mais aberta a estas manifestações religiosas de cunho popular. Ainda acrescentamos o fato de que muitas pesquisas, em várias áreas do conhecimento humano, favoreceram, sem dúvida, a um melhor conhecimento e aprofundamento destas questões ainda

tão vivas em todo o Nordeste. Certamente, fatores econômicos também entram no cenário eclesial. O povo, sim, vive desta realidade no Juazeiro, pois a cidade cresceu em torno desse eixo sagrado e religioso. (PAZ, 1998, p. 112).

Essa nova experiência dos romeiros diante da Igreja do Juazeiro é fruto da crença e da perseverança deles. Espelha finalmente os próprios dizeres do Padre Cícero: “A minha defesa quem vai fazer é a própria Igreja. Para tudo tem seu tempo”. (WALKER, 1995, p. 8).

REFERÊNCIAS

ALVES, Tarcísio Marcos. **A tragédia da comunidade camponesa do Sítio Caldeirão** (Crato/Ceará). In: BRANDÃO, Sylvana (Org.) História das Religiões no Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002, v.2, p.425-467.

ANDRADE SILVA, Antenor. **Cartas do Padre Cícero**. Salvador: Salesianos, 1982.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Padre Cícero e o Contexto Eclesial de seu Tempo. In: III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele? **Anais**. Juazeiro do Norte-Ceará. 2004, p.48-50.

ANNETTE, Ana Teresa. Padre Cícero 160 anos. In: **Tríduo de estudos sobre o Padre Cícero**. Juazeiro do Norte-Ceará, 2004.

ARAÚJO, Raimundo. **Juazeiro do Padre Cícero** - antologia. Juazeiro do Norte-Ceará: Gráfica Mascote, 1994.

ARCOVERDE, Joaquim. **Carta ao bispo de Fortaleza**. Rio de Janeiro, 27 de novembro, 1891.

AZZI, Riolando. **Procissões**. In: O catolicismo popular no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **O altar unido ao trono** - Um projeto conservador. São Paulo: Ed. Paulinas, 2001.

_____. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BARBOSA, Franciso Salatiel de Alencar. Configuração simbólica do Juazeiro celeste. In: III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele? **Anais**. Juazeiro do Norte-Ceará., 2004, p.124-126.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **Historia do Padre Cícero ao alcance de todos**. Juazeiro do Norte – Ceará: Gráfica Mascote Ltda, 1992.

_____. **O Padre e o Romeiro**. Juazeiro do Norte-Ceará: Gráfica e Editora Royal 1997

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. **Padre Cícero**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BARROS, Luitgard Oliveira Cavalcante. **A terra da mãe das Dores**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941.

BEOZZO, José Oscar. Irmandade, santuários e capelinhas de beira de estrada. **Revista Eclesiástica Brasileira**, dez. 1977, p.741-758.

CARVALHEIRA, Dom Marcelo. **Santos para hoje** – Padre Ibiapina. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1994.

CASSIMIRO, Renato. **Padre Murilo de Sá Barreto**. O Vigário do Nordeste – Padre – Romeiro. Juazeiro do Norte: Edições IPESC. 1998.

COMBLIN, J. **A sabedoria cristã**: breve curso de teologia. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

_____. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

_____. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, decretos, declarações, documentos e discursos pontifícios**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA, 4. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

CONCLUSÕES DE MEDELLIN. Conselho Episcopal Latino Americano. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1969.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Manual para normatização e trabalhos acadêmicos**. 5ª ed. Recife: Gráfica e Editora Priente, 2005.

COUTO, Manoel José Gonçalves. **A missão abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões**. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1867.

COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1974.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa** - uma introdução a fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. CEBIC – Centro Difusor de Cultura. Juazeiro-Ceará, 2005.

DAHLER, Etienne. **Festas e símbolos**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1999.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Antigas controvérsias, novos paradigmas: lembranças de um Pensador na véspera do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero. In: III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele? **Anais**. Juazeiro do Norte-Ceará, 2004, p. 124-126.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** - a essência das religiões. Lisboa: Martins Fontes, 1995.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976.

FEITOSA, Pe. Néri. **Análise jurídica das pastorais de D. Joaquim sobre Padre Cícero e o milagre de Juazeiro**. Canindé, [s.n.] 2005.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro** – a beata do milagre. São Paulo: Anna Blumer, 1999.

GALILEA, Segundo. **Religiosidade popular e pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1978.

GARAUDY, Roger. **Do anátema ao diálogo**, 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GAZETA DE ALAGOAS. Maceió-AL, 01 de Junho de 2006, p. A9.

GRÜN, Anselm. **A proteção do sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GONÇALVES, Assunção. O Padre Cícero que também eu conheci. In: **Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele?** Juazeiro do Norte-Ceará. **Anais**, 2004, p.124-126.

GUIMARÃES, T. S. **Étude psychologique de la fonction d'un Saint dans de Catholicisme populaire, Padre Cícero et la religion. du Nordestin (Brésil)**". Bélgica: Universidade Católica de Louvain: 1963. Tese (Doutorado), Universidade Católica de Louvain, 1963.

GUIMARÃES, Teresinha Stella; DEMOULIN, Anne. **O Padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1974.

JORGE, Pe J. Simões. **Cultura religiosa**. O homem e o fenômeno religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

JORNAL DA ROMARIA, São Joaquim do Monte (Pe). Agosto de 2006.

LEERS, Bernardino. **Catolicismo popular e mundo rural um ensaio pastoral**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1977.

_____. **Religiosidade rural**. Petrópolis: Vozes, 1967.

LIBÂNIO, Ivan Batista: **O Que é Pastoral**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982

LIMA, Salomão Almeida de Barros. **O Romeiro do Padrinho Cícero – Privação e Êxtase no Catolicismo Popular**. Maceió: Edufal, 1995.

MACHADO, José Teófilo. **In: Juazeiro do Padre Cícero – Antologia**. Juazeiro do Norte/Ceará: Gráfica Mascote, 1994.

MACHADO, Paulo. **A jornada para a reabilitação**. Juazeiro do Norte-Ceará: F 3 Editora, 2006.

MALDONADO, Luís & Outros. **Religiosidade popular**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOREL Edmar. **Padre Cícero – o santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

NEVES, Napoleão Tavares. **Padre Cícero e o cangaço**. III Tríduo de Estudos sobre Padre Cícero), Juazeiro do Norte-Ceará, 2004.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero do Juazeiro que eu conheci**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Ltda., 1969.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de & Outros. **Evangelização e comportamento religioso popular**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Religião e dominação de classe:** gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

PANICO, Dom Fernando. **Carta pastoral:** romarias e reconciliação, Juazeiro do Norte: Gráfica Mascote Ltda., 2003.

PAULO VI. **Exortação apostólica.** Evangelii Nuntiandi. Petrópolis: Vozes, 1975.

PAZ, Renata Marinho. **As beatas do Padre Cícero.** Juazeiro do Norte: IPESC-URCA, 1998.

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa.** Petrópolis: Vozes, 1976.

QUEIROZ, José J. (org). **A religiosidade do povo.** São Paulo: EDUC – Edições Paulinas, 1984.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Messias, taumaturgos e dualidade católica no Brasil. Revista Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro: Tempo e Presença Editora, n.10, p. 83-92, nov.1983.

QUEIROZ, Raquel de. **O Padre Cícero Romão Batista.** Rio de Janeiro [s-n], 1994, p.30-35.

REALE, Giovanni. Dario Antisseri – **História da filosofia.** Vol III, São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

REIS, Edilberto Cavalcante. Padre Cícero – A diocese do Ceará e o processo de romanização. In: **Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele?** Juazeiro do Norte-Ceará, 2004, p.48.

ROSENDAHL, Zenyr. **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2002.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. Do anátema ao acolhimento pastoral. In: **Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele?** Juazeiro do Norte-Ceará, 2004, p.108-111.

SARTORI, Domenico (Org), **Dicionário de liturgia,** Verbete Sacro/Sagrado. São Paulo: Paulinas, 1992.

SILVA, Severino Vicente da (org). **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos.** São Paulo: Paulinas, 1988.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1969.

STEIL, Carlos Alberto. In: III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E quem é ele? Juazeiro do Norte-Ceará. **Anais**, 2004, p.183-185.

USARSKY, Frank. **Os enganos sobre o sagrado** – Uma Síntese da Crítica ao Ramo Clássico da Fenomenologia da Religião e seus Conceitos. Disponível em: <[http://www.pucsp.br / rever / rv4-2004/p- usarski.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4-2004/p-usarski.pdf)> Acesso em: 01 out. 2006.

WALKER, Daniel. **Padre Cícero: o conselheiro do sertão**. Juazeiro do Norte – Ceará, 2003.

_____. **Curiosidades sobre Padre Cícero**. Juazeiro: Cedec, 1995.